

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

LUANE GUARNERI AZAMBUJA

**A COMPREENSÃO DOS ASSOCIADOS DA TORCIDA ORGANIZADA
GAVIÕES DA FIEL SOBRE O ESTATUTO DE DEFESA DO TORCEDOR**

PONTA GROSSA

2018

LUANE GUARNERI AZAMBUJA

**A COMPREENSÃO DOS ASSOCIADOS DA TORCIDA ORGANIZADA GAVIÕES
DA FIEL SOBRE O ESTATUTO DE DEFESA DO TORCEDOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, linha de História, Cultura e Cidadania, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais Aplicadas.

Orientador: Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Jr.

PONTA GROSSA

2018

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG

A991 Azambuja, Luane Guarneri
A compreensão dos associados dos
Gaviões da Fiel sobre o Estatuto de Defesa
do Torcedor/ Luane Guarneri Azambuja.
Ponta Grossa, 2018.
184f.

Dissertação (Mestrado em Ciências
Sociais Aplicadas - Área de Concentração:
Cidadania e Políticas Públicas),
Universidade Estadual de Ponta Grossa.
Orientador: Prof. Dr. Constantino
Ribeiro de Oliveira Jr..

1.Estatuto do Torcedor. 2.Violência.
3.Torcida organizada de futebol.
4.Psicogenese e sociogenese.
5.Estabelecidos e outsiders. I.Oliveira
Jr., Constantino Ribeiro de. II.
Universidade Estadual de Ponta Grossa.
Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas.

CDD: 301.633

TERMO DE APROVAÇÃO

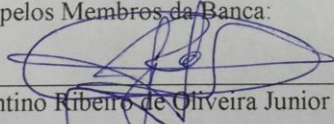
Luane Guarneri Azambuja

**A COMPREENÇÃO DOS ASSOCIADOS DA TORCIDA ORGANIZADA DOS
GAVIÕES DA FIEL SOBRE O ESTATUTO DE DEFESA DO TORCEDOR: AS
SANÇÕES ACRESCENTADAS PELA LEI 12.299 DE 2010**

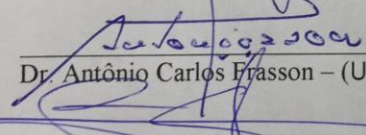
Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Ponta Grossa, 03 de agosto de 2018.

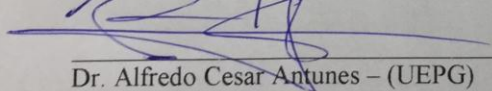
Assinatura pelos Membros da Banca:



Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior - (UEPG) – Presidente



Dr. Antônio Carlos Frasson – (UFPR- PG)



Dr. Alfredo Cesar Antunes – (UEPG)

Dr. Luiz Alberto Pilatti – (UFPR- PG) – Suplente Externo

Dra. Lenir Aparecida Mainardes da Silva – (UEPG) – Suplente Interno

AGRADECIMENTOS

Transcrever o sentimento de gratidão a todos aqueles que de alguma forma tornaram possível a realização deste, parece-me uma missão impossível e talvez inglória corro o risco de acabar deixando de citar alguém ou ainda não expressar tamanho sentimento que possuo. Então desde já peço desculpas àqueles que por ventura não foram lembrados nessas linhas.

Início agradecendo aos seres celestiais que me deram suporte quando precisei e por me guiar em todos os passos, me proteger nas diferentes “missões”, nas estradas e caminhos que me dirigi para a concretude dessa pesquisa. Reconheço que não foi uma tarefa nada fácil me guardar!

Agradeço à minha família ela é o princípio basilar para que meus sonhos se concretizem. Meu pai e minha mãe estavam ao meu lado em cada passo, se “apertavam” nas contas do final do mês para garantir que a escola seja paga, já durante a faculdade meu pai esteve ao meu lado literalmente todos os dias, afinal nos formamos juntos e um apoiou o outro na conquista do primeiro diploma de graduação. Esses caminhos não foram fáceis, mas com vocês e com seu apoio tudo se tornou melhor.

Por falar em sonho, lembro que no meu antigo notebook, lá por volta de 2014 eu construí um mural dos sonhos onde fica a imagem de tudo aquilo que desejamos e entre eles estava a logo do programa, eu sonhava em cursar o mestrado e sonhava que fosse nesse programa e nessa universidade, me esforcei muito para que isso acontecesse.

Mas nada disso seria possível se não fosse pelo meu orientador Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior, o “Consta”, que acreditou em mim e no meu potencial. Foi ele quem muitas vezes se preocupou com minha saúde emocional com uma preocupação quase paternal. E é ele quem disse o que nunca vou esquecer e que vou levar comigo para o resto da vida: “tudo que você fizer você vai fazer para que sua filha tenha orgulho de você”.

E essa frase me ajudou todas as vezes que duvidei de mim, me estimulou a seguir em frente e dar o melhor de mim, tudo para que futuramente Catarina tenha orgulho da mãe. Por falar em Catarina esta foi gestacionada e nasceu durante a realização do mestrado. Incontáveis vezes compareci às aulas com aquele barrigão e com todos os sintomas gravidez presente (enjoo, náusea, tontura).

Neste período a amizade que tinha com meus colegas que frequentavam o Núcleo tiveram seus laços reforçados, em especial, aos meus amigos Fabiana Pellinson minha “irmãzinha” que sempre abrilhantou o dia com sua presença e com o seu exemplo de disposição perseverança e luta, ao Diego que mesmo nos seus momentos mais difíceis era capaz de ajudar com um ombro amigo ou com uma leitura de texto, à amiga Erica, que além

de estar sempre disponível para me acalmar, me orientar e me lembrar dos prazos administrativos, também era quem se preocupava com meu estado de saúde física “suco sim, coca cola não!”.

O comparecimento e as discussões no Núcleo de Esporte e Lazer também tornou-se importante para as discussões acerca da temática, nesse sentido agradeço a todos os professores que o compõem Prof. Alfredo Antunes, Prof. Bruno Pedroso e Prof. Miguel Archanjo Freitas e os acadêmicos que proporcionaram análises sob seus diferentes pontos de vista em especial aos amigos Marcela Caroline Pereira, Edilson de Oliveira e Wendell Linhares.

Agradeço carinhosamente àqueles que se tornaram uma grande rede de apoio disponibilizando a ficar com a Catarina em todos os momentos que eu precisei escrever, ou sair para espalhar, ou ainda viajar para fazer uma viagem de campo. Não há palavras capazes de agradecer tudo o que vocês representam na minha vida, vocês são meu porto seguro, minha rocha, minha fortaleza! Obrigada Marisol dos Santos de Almeida por ser a melhor avó que minha filha poderia ter, Thiago Deleon você é um pai incrível apesar de dizer que faz somente as suas funções você as cumpre com excelência e o resultado disso é o amor e carinho que a filha demonstra por você, Jordane Guarneri, minha irmã, minha dádiva, minha filha mais velha, eu te amo, obrigada por todo o suporte.

Agradeço aos meus amigos, que também se tornaram sujeitos de pesquisa, em especial a minha “irmã” Dadá, que é muito além de um nome citado pelos pesquisadores dessa área, é um exemplo de luta em frente as adversidades, agradeço por conversar comigo horas a fio sobre a temática, por viajar comigo, por cada ingresso reservado e por cada momento de paz que você e o Doutorzinho me proporcionaram, vocês são minha família paulista, os demais que não podem ser citados por motivo de confidencialidade: Vocês são zica mesmo!!!

Por fim, agradeço a minha banca de qualificação Prof. Dr. Alfredo Antonues e Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson que demonstraram com sabedoria as fragilidades do meu trabalho e “pegaram no meu pé” quanto a minha militância o que me fez concluir esse trabalho com outra perspectiva do que aquela que iniciei.

RESUMO

A dissertação que se segue é fruto do questionamento da Autora sobre a relação dos torcedores organizados com a legislação acerca da violência nos estádios e possui como objetivo verificar a compreensão dos associados da Gaviões da Fiel Torcida das sanções previstas no Estatuto do Torcedor. Para tanto indaga-se: qual é a compreensão do Estatuto do Torcedor para a Gaviões da Fiel Torcida no que tange ao controle de violência física relacionada ao futebol? Para que se possa cumprir o objetivo estabelecido, a pesquisa consiste em um estudo de caso, com a realização de observação participante e entrevista de integrantes da Torcida Organizada Gaviões da Fiel. A pesquisa de campo ocorreu nos jogos, no desfile de Carnaval de 2018 e caravanas durante os anos de 2016 a 2018. Aplicou-se o questionário para 15 integrantes da torcida com a instrumentalização de perguntas semiestruturadas de cunho qualitativo. Para compreensão do objeto será utilizado o referencial teórico-metodológico da Sociologia Configuracional de Elias (1980) especialmente suas categorias: sociogênese, psicogênese e relação estabelecidos e-outsiders. Quanto aos dados empíricos será utilizada Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977). A pesquisa realizada permitiu visualizar como uma determinada configuração se relaciona com a imposição de uma sanção e normativas estranhas a ela.

Palavras-Chave: Estatuto do Torcedor. Violência. Torcida Organizada de Futebol. Psicogenese e Sociogenese. Estabelecidos e Outsiders.

RESUMEN

La disertación que se presenta es fruto de la indagación de la autora sobre la relación de la hinchada con la legislación acerca de la violencia en los estadios y tiene como objetivo saber si la comprensión de los asociados de la hinchada Gaviones de la Fiel (*Gaviões da Fiel Torcida*) de las sanciones previstas en Estatuto del hincha brasileiro (Estatuto do Torcedor). Para tanto se pregunta: ¿cuál es la comprensión del Estatuto del Hincha para los de Gavões da Fiel Torcida en lo que se refiere al control de violencia física relacionada al fútbol? Para que se pueda cumplir el objetivo establecido, la investigación consiste en un estudio de caso, con la realización de observación participante y entrevista de integrantes de los hinchas organizados de Gaviões de la Fiel. La encuesta de campo ocurrió en los juegos, en el desfile de Carnaval de 2018 y caravanas entre los años de 2016 a 2018. Se aplicó el cuestionario para 15 integrantes de la hinchada con preguntas semiestructuradas de cuño cualitativo. Para que haya la comprensión del objeto, se utilizará la referencia teórica-metodológica de la *Sociologia Configuracional de Elias* (1980) especialmente sus categorías: sociogénesis, psicogénesis y relación establecidas y *outsiders*. Cuanto a los datos empíricos se utilizará el análisis de contenido propuesto por Bardin (1977). La investigación realizada permitió visualizar cómo una determinada configuración se relaciona con la imposición de una sanción y normativas extrañas a ella.

Palabras-llave: Estatuto del hincha. Violencia. Hinchada de fútbol. Psicogénesis y sociogénesis. Establecidos y Outsiders.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: HOLOGRAMA REPRESENTATIVO DE SOCIEDADE	75
FIGURA 2: FAIXAS DA ZONA OESTE DISPOSTAS NO CAMPEONATO DE FUTSAL REALIZADO NOS GAVIÕES DA FIEL	90
FIGURA 3: SINALIZADORES ACESOS PARA A BATERIA.	91
FIGURA 4: TORCEDORES DURANTE O DESFILE CANTANDO O HINO DO CORINTHIANS	92
FIGURA 5: BANDEIRA “RESPEITA AS MINAS”	95
FIGURA 6: FAIXA DA GAVIÕES NO ESTÁDIO VILA CAPANEMA EM 22/04/2018, CORINTHIANS E PARANÁ POSTADA NA PÁGINA DA TORCIDA	100
FIGURA 7: ATOS DE RESISTÊNCIA A PROIBIÇÃO DA UNIFORMIZAÇÃO	101
FIGURA 8: RESULTADO DA VOTAÇÃO DO CONSELHO DELIBERATIVO.....	105
FIGURA 9: CRIANÇA UTILIZANDO A CAMISETA DA FIEL BUTANTÃ	106
FIGURA 10: VERSO DA CAMISETA UTILIZADA PELA CRIANÇA	106
FIGURA 11: GRÁFICO DE ANÁLISE RELACIONANDO AS PERGUNTAS 2 E 3 DO QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO.....	112
FIGURA 12 GAVIÕES DA FIEL NO ESTÁDIO DO PACAEMBU.....	128

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 :TESES SOBRE TORCIDA ORGANIZADA.....	17
QUADRO 2 : DISSERTAÇÕES SOBRE TORCIDA ORGANIZADA	17
QUADRO 3: QUADRO COMPARATIVO DISSERTAÇÕES SOBRE FUTEBOL X TORCIDA ORGANIZADA.....	19
QUADRO 4: QUADRO COMPARATIVO DISSERTAÇÕES SOBRE FUTEBOL X TORCIDA ORGANIZADA.....	20
QUADRO 5: DISSERTAÇÕES POR REGIÃO.....	21
QUADRO 6: TESES POR REGIÃO	21
QUADRO 7: PALAVRAS CHAVE ENCONTRADAS EM TESES E DISSERTAÇÕES SOBRE TORCIDA ORGANIZADA.....	22
QUADRO 8 : CATEGORIAS DAS PALAVRAS CHAVES	24
QUADRO 9 : QUESTIONAMENTOS SOBRE O ESTUDO DE CASO	29
QUADRO 10: ELABORAÇÃO DE UM ESTUDO DE CASO	30
QUADRO 11: HABILIDADES DO PESQUISADOR.....	31
QUADRO 12: REGISTRO DE SAÍDAS A CAMPO.....	34
QUADRO 13: RELAÇÃO DOS ENTREVISTADOS	35
QUADRO 14: VANTAGENS E DESAFIOS DE ENTREVISTAS REALIZADAS NO AMBIENTE ONLINE.....	36
QUADRO 15: COMPARATIVO ENTRE CONDUTAS PREVISTAS NO ESTATUTO DE DEFESA DO TORCEDOR (EDT) E NO CÓDIGO PENAL.....	45
QUADRO 16: TIPOGRAFIAS DA VIOLÊNCIA	50
QUADRO 17: PROPOSIÇÕES QUE COMPÕEM O PROJETO DE LEI 451 DE 1995.....	63
QUADRO 18: SOCIOGÊNESE DOS GRUPOS SOCIAIS	
QUADRO 19: LIGAÇÕES SEGMENTARES E FUNCIONAIS	66
QUADRO 20: RELAÇÃO DE PRESIDENTES DA GAVIÕES DA FIEL DESDE SUA FUNDAÇÃO.....	103

QUADRO 21: PERGUNTAS DO QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO	110
QUADRO 22: ALTERNATIVAS E SEUS SIGNIFICADOS DA TERCEIRA PERGUNTA DO QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO	111
QUADRO 23: RESPOSTAS OFERTADAS PELOS SUJEITOS APÓS A APLICAÇÃO DA TERCEIRA PERGUNTA DO QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO	111
QUADRO 24 ANÁLISE DA PRIMEIRA PERGUNTA FEITA AOS ENTREVISTADOS 1 AO 10	113
QUADRO 25 : ANÁLISE DA PRIMEIRA PERGUNTA FEITA AOS ENTREVISTADOS 11 AO 15	117
QUADRO 26: ANÁLISE DA SEGUNDA PERGUNTA FEITA AOS ENTREVISTADOS 1 AO 5	124
QUADRO 27:ANÁLISE DA SEGUNDA PERGUNTA FEITA AOS ENTREVISTADOS 6 AO 10	125
QUADRO 28: ANÁLISE DA SEGUNDA PERGUNTA FEITA AOS ENTREVISTADOS 11 AO 15	126
QUADRO 29: ANÁLISE DA TERCEIRA PERGUNTA FEITA AOS ENTREVISTADOS SOBRE A PERSPECTIVA OUTSIDER: PRIMEIRO ASPECTO	132
QUADRO 30: ANÁLISE DA TERCEIRA PERGUNTA FEITA AOS TORCEDORES ORGANIZADOS: MEDIDAS ESTATAIS SOBRE A PACIFICAÇÃO NOS ESTÁDIOS CITADAS PELOS ENTREVISTADOS 1 AO 10	137
QUADRO 31: ANÁLISE DA TERCEIRA PERGUNTA FEITA AOS TORCEDORES ORGANIZADOS: MEDIDAS ESTATAIS SOBRE A PACIFICAÇÃO NOS ESTÁDIOS CITADAS PELOS ENTREVISTADOS 10 AO 15	138
QUADRO 32: ANÁLISE DA TERCEIRA PERGUNTA: FORMAS DE ATUAÇÃO ESTATAL VERIFICADAS PELOS ENTREVISTADOS 1 AO 5	140
QUADRO 33: ANÁLISE DA TERCEIRA PERGUNTA: FORMAS DE ATUAÇÃO ESTATAL VERIFICADAS PELOS ENTREVISTADOS 6 AO 10	142
QUADRO 34 : ANÁLISE DA TERCEIRA PERGUNTA: FORMAS DE ATUAÇÃO ESTATAL VERIFICADAS PELOS ENTREVISTADOS 11 AO 15	143

LISTA DE SIGLAS

AC: Análise de Conteúdo

ANATORG: Associação Nacional dos Torcedores Organizados

EDT: Estatuto de Defesa do Torcedor

FPF: Federação Paulista de Futebol

GDF: Gaviões da Fiel

TO: Torcedor Organizado

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. O PROCEDER: PERCURSO METODOLÓGICO.....	28
2.1 O ESTUDO DE CASO.....	29
2.2 DAS ENTREVISTAS.....	32
2.3 DA ANÁLISE DOS DADOS	37
2.4 DO VOO METODOLÓGICO	39
3. CATEGORIAS ELISIANAS PARA COMPREENSÃO DA ATUAÇÃO ESTATAL NO DESENVOLVIMENTO DO AUTOCONTROLE	41
3.1 NORBERT ELIAS: OBJETO DE LONGA DURAÇÃO?.....	41
3.3- COMO O ESTADO ATUA NO DESENVOLVIMENTO DO AUTOCONTROLE DO INDIVÍDUO?	53
4. LEI 12.299 DE 2010: UMA ANÁLISE DA CONJUNTURA	57
4.1 REGULAMENTAÇÃO DO FUTEBOL A PARTIR DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988.	57
4.2 OS TRÂMITES DA LEI 12.299/2010 E SUAS POSSÍVEIS CAUSAS	60
4.3 ANÁLISE DA ATUAÇÃO ESTATAL A PARTIR DA TEORIA ELISIANA.....	71
5. GAVIÕES DA FIEL: UM GRUPO?	74
5.1 TEORIA ELISIANA SOBRE A SOCIEDADE.....	74
5.2 GRUPOS: SUA FORMAÇÃO E CONSTITUIÇÃO.....	80
5.3 ANÁLISE DE UM GRUPO SOCIAL A PARTIR DAS CONSIDERAÇÕES DE ESTABELECIDOS E OUTSIDERS.	86
5.3 TORCEDORES ORGANIZADOS: LIGAÇÕES SEGMENTARES OU FUNCIONAIS?	96
6 . RESULTADOS ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	109
6.1 CARACTERIZAÇÃO DA PROBLEMÁTICA	109
6.2 REALIZAÇÃO DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DE PERGUNTAS ABERTAS.....	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	152
REFERÊNCIAS	156
ANEXOS	162

INTRODUÇÃO

O futebol envolve direta ou indiretamente milhões de pessoas, entre elas estão os torcedores. No decorrer da partida pode-se verificar a ocorrência de atos violentos por parte daqueles que desfrutam do evento esportivo estando presentes desde a entonação de cânticos ofensivos, criação de apelidos aviltantes aos adversários e muitas vezes resultando em lesões corporais, podendo acarretar no óbito.

Neste sentido, encontramos a ocorrência de atos violentos tendo como protagonistas aqueles que desfrutam o espetáculo esportivo. Pimenta (1997), demonstra que na década de 1910 há relatos de sequestros de jogadores de futebol, realizados por torcedores com a finalidade de que esses jogassem em seus clubes. O autor demonstra que a primeira morte resultante de enfrentamentos entre torcidas a ser noticiada pela imprensa no ambiente desportivo ocorreu no ano de 1581, durante a partida ocorrida entre Evanses Felde e Southmymys na Inglaterra.

Atualmente a questão da violência no ambiente desportivo por parte dos torcedores constitui-se uma questão global, em países como Inglaterra, Alemanha, Itália, Hungria e na China são encontrados relatos de acontecimentos semelhantes. Até mesmo no Zimbabué, no ano de 2000, treze torcedores morreram pisoteados durante uma partida entre Zimbabué e África do Sul, pelas eliminatórias da Copa do Mundo de 2002. (POLISEL, 2007).

A primeira notícia de morte ocorrida em estádio no Brasil, ocorreu no ano de 1994, na cidade de Campinas, mas já houve o registro de enfrentamento físicos entre torcedores organizados no ano de 1992. Contudo o marco histórico deu-se no ano de 1995, no que ficou conhecido como a Batalha do Pacaembu. Este episódio ocorreu durante a transmissão da final da Supercopa São Paulo de Futebol Juniors, entre os clubes São Paulo e Palmeiras, sendo televisionada a morte de um jovem de 13 (treze) anos de idade. (PIMENTA, 1997).

A partir de então inflamaram-se os debates sobre o combate da violência nos estádios. Em um primeiro momento houve as diretrizes da Federação Paulista de Futebol (FPF), que proibiu o comparecimento das vestimentas e instrumentos característicos dos torcedores organizados nos estádios do estado de São Paulo e a comercialização de bebidas alcoólicas naquele ambiente. (REIS, 2008).

Não sendo suficiente as medidas tomadas por esta entidade privada, o Estado foi provocado pelos jornalistas e pela população em geral a intervir nestas ocorrências. A partir de então há uma série de proposições legislativas acerca da temática, que serão detalhadas no decorrer desta pesquisa, entre elas podendo-se citar: a proposta de lei 865 de 1995, 928 de 1995, 1081 de 1995. (BRASIL, 2010).

Tais propostas, somadas a outras onze que dizem respeito ao mesmo objeto, tramitaram em conjunto e a partir de suas alterações, aprovações, substituições desencadearão na promulgação da Lei Federal número 12.299 de 2010, que altera o Estatuto de Defesa de Torcedor. Entre as inovações legislativas, destaca-se a criação de duas medidas punitivas na ocorrência de atos violentos no ambiente esportivo.

A primeira medida, que vem sendo questionada pelos Torcedores Organizados, está prevista no artigo 39-A que prevê uma sanção objetiva, ou seja, é destinada a toda a coletividade de torcedores organizados, independentemente da sua participação efetiva ou simbólica do ato punido. Tal medida vem sendo questionada, tanto por pesquisadores do Direito, como também pelos torcedores organizados, conforme se verifica em declarações emitidas pela Associação Nacional dos Torcedores Organizados (ANATORG). O questionamento está pautado no fato de que se punir uma torcida em sua integralidade estará um indivíduo punido pela mera associação.

Concomitante a esta medida, há também, a previsão de penas ao indivíduo que promover tumulto, praticar ou incitar violência, invadir local restrito a competidores, portar, deter ou transportar quaisquer instrumentos que possam servir para a prática da violência podendo culminar em reclusão de um (1) a dois (2) anos e aplicação de multa. Esta medida penal vem sendo questionada por autores como Gomes (2012), para eles as condutas previstas são tão amplas que podem gerar “aberrações” penais, como por exemplo, a punição de um indivíduo por transportar um casco de Coca-Cola aos arredores do estádio, já que este poderia ser utilizado em atos de violência, deixando os indivíduos a critério das agências executivas.

Resultante da preocupação da população com sua segurança, frente a ocorrência destes atos de violência, o Estatuto de Defesa do Torcedor, de quarenta e cinco dispositivos, dezesseis, de maneira direta ou indireta, fazem referência à segurança do torcedor. O Capítulo IV, por exemplo, é denominado “Da Segurança do Torcedor partícipe do Evento” e em oito dos seus doze capítulos consta alguma referência ao tema.

Outras medidas políticas inflamaram o debate, conforme demonstra Lopes (2013) houve a instituição da obrigatoriedade do cadastramento dos torcedores organizados de todo o território nacional proposta pelo ministro do esporte Orlando Silva denominada “Torcida Legal”, tal projeto após algumas críticas acabou deixando de existir. Ainda, pode-se citar a medida adotada pela Federação Paulista de Futebol que trata da destinação de espaços específicos aos torcedores organizados, implantadas após as recomendações da Comissão Paz no Esporte em 2007. Note-se que todas estas previsões estatais para a promoção de segurança no ambiente desportivo destinam-se aos torcedores organizados.

Autores como Mércia Polisel (2007), Paulo Sérgio Castilho (2010) atribuem a ocorrência de tal fenômeno aos torcedores organizados. Lopes (2013) ao estudar os debates públicos acerca da violência nos estádios utilizando-se da metodologia da hermenêutica em profundidade verificou que esta narrativa estigmatiza e atinge os torcedores organizados mantendo-os em uma situação de dominação.

Nesse sentido, verifica-se que as medidas punitivas adotadas pelo Estatuto do Torcedor, são destinadas especificamente aos Torcedores Organizados, prevendo medidas para estas instituições, com a justificativa de que muitas vezes é com a participação destes em práticas de violência física gera-se os clamores públicos.

Entre as torcidas organizadas, destaca-se a Gaviões da Fiel Torcida (GDF), por ser considerada a maior torcida organizada do país (em relação ao número de membros), a mais antiga torcida organizada, por seu formato burocrático (Pimenta, 1997), e também por se posicionar fortemente frente as questões outrora explanadas (ARUÚJO, 2016).

Ante ao exposto indaga-se: Qual a compreensão dos torcedores organizados associados a Gaviões da Fiel (sede São Paulo- SP) sobre as medidas previstas no caso de práticas de atos de violência física no Estatuto de Defesa do Torcedor promulgadas em 2010?

Cabe ressaltar que a escolha pela temática foi feita devido à frequência desta autora e comparecimento a jogos de futebol, em diversos estádios e em diversos estados do Brasil, desde o ano de 2008, estádios como: Couto Pereira, Arena da Baixada, Orlando Scarpelli, Barradão, Ressacada, Arena Recife, Independência, Arena Corinthians, Pacaembu, Morumbi, Brinco de Ouro da Princesa, Maracanã.

Com a vivência em estádios, sedes, festas e caravanas de torcidas organizadas foi possível observar questionamentos e críticas dos Torcedores Organizados ao Estatuto do Torcedor. Logo, verifica-se que alguns frequentadores dos espetáculos esportivos ponderem acerca da legislação pertinente.

As torcidas organizadas de futebol constituem-se em objetos de preocupação acadêmica, podemos afirmar isso pois ao realizarmos uma busca no Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), localizamos um total de 32 (trinta e dois) trabalhos de conclusão de curso voltado a temática, sendo, 24 (vinte e quatro) dissertações e 8 (oito) teses, resultados que outrora parcialmente foram discutidos no II Simpósio Internacional de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade estadual de Ponta Grossa (AZAMBUJA, et al)..

Ao realizar o mapeamento e a análise da produção acadêmica de dissertações e teses disponibilizadas sobre Torcidas Organizadas de Futebol –, a fim de compreender o

conhecimento acumulado e sistematizado sobre a temática , encontrou-se um total de trinta e duas (32) publicações relacionadas a temática.

Entretanto, considerou-se para sua análise um total de 23 (vinte e três), tendo em vista que o critério adotado para sua inclusão são as pesquisas que abordam diretamente a temática torcida organizada de futebol, excluindo-se portanto, aqueles que embora as cite não estabelecem uma discussão aprofundada sobre a temática. Desta feita, apresentamos os Quadros 1 e 2

Quadro 1 – Teses sobre Torcida Organizada

	T	Título	Autor
eses			
1	T	Nordestinando as Arquibancadas: os cangaceiros alvinegros no universo das torcidas organizadas cearenses	Vasconcelos, 2016
2	T	Sociedade, Futebol, Torcidas Organizadas e Educação: da violência explícitas às contradições não evidentes.	Souza, 2014
3	T	Conflitos Territórios e Identificações: o encontro de experiências nas torcidas organizadas CEARAMOR e M.O.F.I	Ribeiro, 2010
4	T	Pixadores, torcedores, bate-bolas e funkeiros: doses do enigma no reino da humanidade esclarecida	Oliveira, 2015
5	T	Discursos sobre violência envolvendo torcedores de futebol: ideologia e crítica na construção e um problema social	Lopes, 2012

Fonte: A Autora

Quadro 2 – Dissertações sobre Torcida Organizada

	Dis	Título	Autor
sertação			
D1		Torcidas Organizadas e Sociabilidade Juvenil no Nordeste.	Santos, 2009
D2		A Criminalização das Torcidas Organizadas e Futebol	Ladeira, 2009
D3		Torcida Organizada os Fanáticos: Relacionamento e Sociabilidade	Hansen, 2007
D4		A Representação Social da Violência em Torcidas Organizadas de Futebol	Assis, 2008
D5		Torcidas Organizadas e seus jovens torcedores: Diversidades e normativas do torcer	Canale, 2012
D6		A Festa como transgressão das torcidas organizadas: uma etnografia da torcida tricolor independente	Capestrani, 2009
D7		Torcidas Organizadas de Futebol: um estudo sobre os impasses da lei em tempos de violência e anomia	Santos, 2009
D8		A Produção discursiva da identidade social no contexto de uma torcida jovem organizada	Santos, 2013
D9		O espectador como espetáculo: notícias das	Toro, 2004

		torcidas organizadas na Folha de São Paulo (1970-2004)	
0	D1	Congregar, Congraçar e unir: a Atuação da associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (1981 -1989)	Teixeira, 2014
1	D1	Mulheres em Campo: Novas reflexões acerca do feminino no futebol	Stahlberg, 2011
2	D1	Futebol, violência e a imprensa esportiva escrita na cidade de São Paulo (1990 -2000)	Feitosa, 2009
3	D1	Paixões e cores da Torcida Baré: Significados Sociais do ato de torcer por um time de futebol profissional em Manaus	Chaves, 2013
4	D1	Violência no futebol brasileiro: os discursos de torcedores organizados	Palhares, 2014
5	D1	Ações públicas e privadas destinadas ao combate a violência no futebol: o caso dojogo entre Coritiba football club e Fluminense football club	Bonin, 2012
6	D1	Cyberhooligans: a manifestação da violência das redes sociais	Bagni, 2015
7	D1	A bancada da bola no legislativo carioca: concepções, evidências e estratégias de uma representação singular	Silva, 2013
8	D1	"Posso morrer pelo meu time" : a construção social da rivalidade clubística entre grêmio e internacional e a sua relação com as violências no futebol	Alves, 2014

Fonte: A Autora

A expressiva quantidade de dissertações que tratam diretamente a temática pode ser visualizada através da tese de doutorado de Fentersceifer, elaborada no ano de 2016, que realiza o levantamento de estudos relacionados ao futebol de teses e dissertações produzidas no Brasil de 1987 a 2014. O Autor identificou as torcidas organizadas de futebol como a temática mais abordada, tanto em número de teses quanto em dissertações, senão vejamos:

Dessa forma, primeiramente destaca-se que as 10 temáticas com maior número de ocorrências nas dissertações e teses foram: torcidas organizadas, Copa do Mundo, identidade do futebol, clubes de futebol, mídia e jornalismo, administração e gestão, estádios de futebol, 101 marketing, o escritor e jornalista Nelson Rodrigues e histórias do futebol. As 10 principais temáticas somam 322, que representam 25,59% do total de dissertações e teses defendidas na pós-graduação brasileira sobre futebol. Nas dissertações de mestrado os resultados também são semelhantes. Novamente as torcidas organizadas são as mais estudadas, seguidas por Copa do Mundo, identidade do futebol, clubes de futebol, mídia e jornalismo, marketing, administração e gestão, estádios, história do futebol, estresse e rádio (Fentersceifer, 2016, p.101).

Note-se que ao realizar o de todas as teses e dissertações produzidas acerca da temática futebol, o autor identificou dez temáticas que são mais abordadas, são elas: Torcida Organizada, Copa do Mundo, Identidade do Futebol, marketing, Nelson Rodrigues e Histórias do Futebol. Essas dez principais categorias representam um total de 25,59% dos trabalhos de

conclusão de cursos já produzidos no Brasil, e entre elas, a Torcida Organizada é o que possui o maior índice de reincidência.

Vale ressaltar que assim como Igami, compreendemos que as temáticas abordadas por teses e dissertações, são reflexos capazes de “[...] descrever a trajetória histórica de um programa de pós-graduação bem-sucedido, operando em uma área institucionalizada social e cognitivamente.” (IGAMI, 2014 p. 686).

A partir de então, temos uma delimitação temporal das dissertações que abordam a problemática das torcidas organizadas de futebol compreendendo o período de 2004 – 2015. Tendo como parâmetro o número de dissertações sobre futebol elencados por Fentersceifer (2016), considerando seu ano de defesa, temos os seguintes resultados em relação ao número de publicações que abordam as torcidas organizadas disponibilizados na BDTD:

Quadro 3: Quadro comparativo Dissertações sobre Futebol x Torcida Organizada

Ano	Total de Dissertações sobre Futebol (Fentersceifer, 2016)	Dissertações sobre torcidas organizadas de futebol disponível no BDTD
2004	48	1
2005	45	0
2006	58	0
2007	54	1
2008	56	1
2009	67	5
2010	68	0
2011	75	1
2012	98	2
2013	125	3
2014	114	3
2015	(dado não informado)	1

Fonte: quadro elaborado a partir de Fentersceifer, 2016

Quanto ao número de teses, encontramos o lapso temporal de 2010 a 2016, se compararmos o número de teses sobre futebol trazidas por Fentersceifer (2016), encontramos:

Quadro 4: Quadro comparativo Dissertações sobre Futebol x Torcida Organizada

no	Total de Teses informadas por Fentersceifer (2016)	Dissertações sobre torcidas organizadas de futebol disponível no BDTD
010	16	1
011	12	0
012	19	1
013	13	0
014	33	1
015	26	1
016	(não informado)	1

Fonte: quadro elaborado a partir da leitura de Fentersceifer, 2016

Nota-se através dos dados informados que houve um acréscimo neste lapso temporal do número de dissertações defendidas acerca da temática de futebol. Este número pode-se atribuir, também, ao acréscimo de programas de pós-graduação no país, que em 1998 contava com 1259, em 2008 com um total de 2.567 e em 2014 com um total de 3.678.

O aparentemente baixo número de dissertações sobre Torcidas Organizadas de futebol, deve-se ao fato da multiplicidade de temas que podem ser abordados a deste respeito, o que se pode concluir através das categorizações realizadas pelo autor Fentersceifer (2016), em que dos dez principais temas correspondem a um número inferior a 30% do total de dissertações e teses produzidas sobre futebol.

Ressalta-se que as teses e dissertações acerca do futebol vem sendo publicadas desde o ano de 1988, e que somente a partir de 2004 foram encontrados estudos no BDTD sobre Torcidas Organizadas.

O apogeu do número de dissertações acerca das torcidas organizadas ocorreu no ano de 2009, contando com cinco no total, correspondendo ao total de 27,78% do número total de dissertações sobre torcida organizada encontrada. Notamos, também, que a partir do ano de 2011 para as dissertações e de 2014 para as teses todo ano há, pelo menos um trabalho sobre a temática.

O apogeu, ocorrido em 2009 coincide com o ano em que houve a depredação do estádio Couto Pereira pelos torcedores do Coritiba Foot Ball Club, após o jogo Coritiba e Fluminense, quando o clube mandante foi rebaixado para a segunda divisão do campeonato brasileiro de futebol, este fato, inclusive, deu ensejo a dissertação de Bonin no ano de 2012.

Gomes (2012), pesquisador na disciplina jurídica, menciona que este fato foi ensejador para a promulgação da Lei 12.299 de 2010, objeto desse estudo.

Vale ressaltar que as pesquisas publicadas no ano de 2009 foram produzidas no ano 2007 e 2008, sendo que o ano de 2008 foi marcado por episódios de violência envolvendo os torcedores organizados, conforme demonstra Abreu (2008), clubes como Bahia, Vasco e Palmeiras, estiveram envolvidos nestes fatos.

Abreu (2008) ainda destacou a violência dirigida ao técnico Vanderlei Luxemburgo promovida por torcedores do clube alviverde, e também a utilização de bombas em protestos feitos no Centro de treinamento flamenguista. Esses fatores, podemos inferir, tornaram o debate promovido por esses pesquisadores oportuno e também, necessário.

Considerando a vinculação institucional dos autores das dissertações, demonstra-se as regiões geográficas brasileiras que mais publicaram sobre o referido tema, encontramos, quanto ao número de dissertações:

Quadro 5: Dissertações por região

Região	Frequência (%)
Norte	5,56%
Nordeste	16,67%
Centro-Oeste	5,56%
Sudeste	55,56%
Sul	16,67%

Fonte: A Autora

Quanto ao número de Teses:

Quadro 6: Teses por região

Região	Frequência (%)
Norte	0%
Nordeste	40%
Centro-Oeste	20%
Sudeste	40%
Sul	0%

Fonte: A Autora

Verificou-se que o número de dissertações produzidas que tratam diretamente sobre torcida organizada na Região Norte e no Centro-Oeste, constitui-se em 1 (uma), correspondendo cada uma em um percentual de 5,56% do total. Ao passo que Nordeste e Sul, contribuem com 3 dissertações totalizando um percentual de 16,67% das publicações para cada região e com um número expressivo de publicações temos a região sudeste com 55,56%, o alto índice também é vislumbrado na produção de teses com 40% para a região sudeste e

nordeste e 20% para a região centro-oeste. Observa-se que foram encontradas dissertações sobre a temática em todo o país.

A Região sudeste, que conta com o maior número de dissertações totalizando 55,56% e de teses aparece em número semelhante com o nordeste, correspondendo a 40% de suas publicações, têm em sua maioria a vinculação associada a UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas) e a Fundação Getúlio Vargas (FGV), infere-se que as publicações também estão associadas aos professores vinculados a essa instituição que constituem-se como referências nacionais nesta temática.

Na UNICAMP, encontramos a professora Heloisa Helena Reis e na FGV, encontramos o professor Bernardo Buarque de Holanda, que é um dos organizadores da obra: Os Gaviões da Fiel: ensaios etnográficos, que servirá como aporte para o próximo item desse capítulo, além de ser um dos responsáveis pelo documentário “Territórios do Torcer” que abrange entrevistas a torcedores organizados.

Outro motivo ensejador de que a produção científica aqui analisada concentrou-se na região Sudeste, pode estar relacionada ao fato de que há uma elevada concentração de Programas de Pós-Graduação em Educação Física nessa região (SABATEL et al., 2016). O mesmo resultado foi encontrado por Fentersceifer (2016) para ele o Sudeste aparece com um maior número de produções do que as demais regiões unidas.

Para que possamos compreender quais os principais aspectos abordados nas teses e dissertações envolvendo torcedores organizados, caracterizamos as palavras chaves abordadas nas pesquisas aqui elencadas. Cabe elucidar que Carvalho (2012) salienta que estas são muitas vezes retiradas, ou incluídas, sem obedecer a um padrão específico. Foram encontradas um total de 102 palavras chaves em teses e dissertações que diz respeito as torcidas organizadas, sendo elas:

Quadro 7: Palavras Chave encontradas em Teses e Dissertações sobre Torcida Organizada

1	Futebol	e Juventud	te Nordes	alismo Region	Torcidas Organizadas/ Violência
2	Futebol	Torcida Organizada	Violência	Indivíduo	Sociedade Administrada

3	Torcida Organizada	Jovens	o Conflit	Corpor alidade	Experiê ncia Social/ Identificação
4	Epistemolog ia	Subjetivi dade	Resistê ncia	Juvent ude	Descolo nização
5	Futebol	Violênci a	Proble mas Sociais	Ideolo gia	Análise do Discurso
1	Brasil	Violênci a	Torcid a Organizada	Sociabi lidade	
2	Controle Social	Desvio	Crimin alização	Torcid as Organizadas	
3	Torcida Organizada	Sociabili dade	Futebol		
4	Violência	Represen tação Social	Torcid a Organizada		
5	Futebol	Torcidas Organizadas	Torcid as Organizadas	Gaviõe s da Fiel	
6	Torcida Organizada	Festa	Futebol Brasileiro	Torcid a Tricolor Independente	
7	Violência	Lei	Laço social	Anomi a	Torcida Organizada/ Psicanál ise
8	Torcidas Organizadas	Identidad e Social	Psicolo gia Social Discursiva		
9	Futebol	Torcedor es	Minas Gerais	Comun icação de Massas	Represe ntação de Grupos
10	Imprensa	Anistia	Torcid as Organizadas	Futebo l	
11	Antropologi a das Práticas desportivas	Futebol Profissional	Mulher es	Torcid as	
12	Futebol	Violênci a	Impren sa Escrita		
13	Copa do Mundo	Futebol	Torced ores	Espaço s públicos	Manaus

14	Torcidas Organizadas	Futebol	Violência		
15	Futebol	Violência	Coritiba	Torcedores	
16	Torcida	Violência	Identidade	Facebook	Cyberespaço/ Psicologia do Esporte
17	Sem palavras-chave				
18	Futebol	Violência	Torcedores	Rivalidades	Identidade

Fonte: A Autora

A partir do levantamento das palavras chaves elencadas, organizou-se categorias agrupando palavras que se assemelham, ficando assim, categorizadas:

Quadro 8 – Categorias das Palavras Chaves

Categoria	Quantidade de Palavras	Frequência relativa (%)
Futebol	17	16,67%
Torcida Organizada	19	18,63%
Torcedores	5	4,90%
Violência	25	24,51%
Teoria adotada	9	8,82%
Território/espço	6	5,88%
Ator/emissor	3	2,94%
Grupos	6	5,88%
Caraterísticas	7	6,86%

Fonte: A Autora

Perceba que das nove categorias estabelecidas para as palavras chaves encontradas a que tem o maior índice de repetição em teses e dissertações é a VIOLÊNCIA, com um índice de 24,51%. Seguido por Torcida Organizada com 18,65% e Futebol com 16,63%, sendo que a primeira categoria pode ser entendida como o tema propriamente dito (Torcida Organizada, Torcedores, a torcida organizada que foi estudada especificamente) e o Futebol que se constitui como um tema macro que comporta as torcidas organizadas.

Evidente, portanto, a preocupação acadêmica com relação a prática de atos violentos envolvendo os torcedores organizados como seus principais autores. Conforme outrora demonstrado nesse trabalho autores como Capez (2007) e Castilho (2010), veem nesses agrupamentos de torcedores como sujeitos ensejadores desses atos, ainda que Mourad (2011),

tenha demonstrado que apenas 5% deles são aqueles que efetivamente participam. Desse modo os dados encontrados condizem com o entendimento de Hollanda e Reis (2014, p. 14).

O remodelamento dos estádios e a onda sensacionalista, difundida pelos meios de comunicação em massa acerca do estereótipo hooligan têm instigado a Academia a compreender e a explicar em bases mais criteriosas as motivações psicológicas, antropológicas, sociológicas e políticas associadas ao comportamento do torcedor extremo. Desde a publicação de *Quest for excitement* (1986), cuja a versão em língua portuguesa data do ano de 1994, o público brasileiro tem tido acesso às teorizações e às conceituações de Norbert Elias não apenas sobre a sociologia do esporte como em particular sobre o caso do hooliganismo na Grã Bretanha.

Pode-se concluir, portanto que a realização de pesquisas acerca da temática não é recente, e também não existe apenas a nível nacional, exemplo disso é que no ano de 2011, sob organização da Professora Heloisa Reis ocorreu o encontro “Hooliganismo e a Copa de 2014”, que contou inclusive com a presença do sociólogo Eric Dunning, coautor da obra *A busca pela excitação* e um dos principais teóricos ao lado de Norbert Elias para o estudo desse fenômeno. Além disso o evento contou com a presença de pesquisadores franceses, entre eles destacasse Tsoukala, Hourcade, Mignon, Dietschy, (HOLLANDA e REIS, 2014).

Ao analisarmos as dissertações e teses acerca de torcidas organizadas podemos encontrar os principais referenciais teóricos para o estudo das torcidas organizadas, considerando sua área de formação: jornalistas, historiadores, sociólogos e antropólogos.

Entre os jornalistas encontramos o autor Bullford, que realizou um estudo etnográfico, denominado “Entre vândalos”, onde inseriu-se no seio da torcida organizada do clube Manchester United durante quatro anos, com a finalidade de compreender seu envolvimento com a violência.

Destaca-se essa pesquisa por demonstrar como ocorre a prática desses atos pelo grupo e o envolvimento do autor, no movimento envolvimento/alienação, tencionando quanto a teoria das multidões: “[...] raramente nos revela em que consiste essa experiência o que acontece quando explode a violência, como é o terror, como é participar dele, de ser seu criador”. (BULLFORD, p 15, 2010).

Outro autor de formação jornalística que merece destaque é Gabria (2012), que pesquisou a torcida organizada “La Doce”, pertencente ao clube argentino Boca Juniors, intitulando sua obra como: “La Doce, a explosiva história da torcida organizada mais terrível do mundo”.

Vale ressaltar que tanto uma quanto a outra obra, diz respeito a movimentos com aspectos semelhantes aos torcedores organizados no Brasil, entretanto possuem suas

particularidades, sendo que o primeiro trata dos hooligans e o segundo dos hinchas. Cada grupo sofre suas modificações de acordo, também, com a cultura local e com o contexto sócio histórico a que estão submetidos, fato este que os pesquisadores brasileiros devem levar em consideração ao utilizar esta biografia.

A título exemplificativo, a torcida organizada Argentina em seus primeiros anos de constituição foi fortemente atrelada a diretoria do clube, recebendo inclusive benefícios e apoio financeiros para viajar e assistir aos jogos, como as passagens aéreas e as diárias de hospedagens conforme demonstra Gabria (2012), ao passo que a Gaviões da Fiel, por exemplo, surge com a finalidade de reivindicar direitos perante o clube, em oposição ao presidente da época (PIMENTA, 1997).

Já na seara historiográfica, verificamos a influência de Buarque de Hollanda, com sua tese de doutorado: “O clube como vontade de representação: O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol de futebol do Rio de Janeiro”.

A tese foi dividida em três partes, em igual número de capítulos. O primeiro deles traça um perfil sobre os torcedores, em especial ao chefe/líder da torcida. O segundo, denominado, Microfísica do Poder Jovem o autor busca estabelecer uma análise histórica remontando aos primeiros anos de constituição das torcidas organizadas durante as décadas de 1930 e 1940, quando ainda possuíam um caráter carnavalesco e seus torcedores eram considerados como símbolo e exemplo. Com o avançar da década de 1960 e 1970 há a criação das torcidas chamadas “jovens”, no Rio de Janeiro, com a Torcida Jovem do Flamengo, Botafogo e Vasco. Hollanda demonstra ainda, que o surgimento das Torcidas Jovens estão atreladas aos movimentos internacionais, como o Black Power e Flower Power.

O terceiro Capítulo, Genealogia mortal torcedora, traça uma análise quanto a discussão teórica e o discurso jornalístico sobre a prática de atos violentos e em seguida o autor analisa o discurso dos torcedores de como a prática de apelidos alvitantes ou xingamentos proferidos ao torcedor da equipe rival podem chegar ao planejamento metódico de atos violentos. Ao analisarmos as dissertações e as teses supramencionadas verificamos que a Gaviões da Fiel, é uma das torcidas que mais se destacam em matéria quantitativa de estudos acerca da temática, nesse sentido passamos agora a compreender um pouco mais sobre a torcida.

Desta forma, verifica-se que há produções anteriores referentes a temática, porém com sujeitos diferentes e também com enfoques diferentes. O que se propõem aqui, é o estudo a compreensão dos torcedores organizados associados a Gaviões da Fiel (sede São Paulo- SP) das normas vigentes desde 2010. Note-se que trata-se de uma pesquisa de cunho

interdisciplinar ao analisar tanto os sujeitos quando uma medida legislativa, atendendo assim os princípios que norteiam o Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR.

Por fim, pretende-se contribuir com o debate acerca da violência nos estádios, que assim como as demais formas de violência encontra-se em nossa sociedade ao observar o mecanismo de controle, a Lei, pelo sujeito ao qual se destina. Para tanto estabeleceu-se: como objetivo geral: Identificar a Compreensão dos Torcedores Organizados da Gaviões da Fiel acerca das medidas punitivas acerca da prática de violência previstas na Lei 12.299 de 2010. E objetivos específicos: a) Interpretar a Constituição do Estado e sua influência no desenvolvimento do autocontrole, b) Explicar a Gaviões da Fiel enquanto Grupo c) Descrever as normas que regulamentam a violência física nos estádios especialmente a lei 12.299 de 2010, d) Apresentar a compreensão dos torcedores associados à Gaviões da Fiel sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor.

Isto posto, afim de que se possa alcançar os objetivos outrora delineados, há em um primeiro momento a necessidade do levantamento da literatura necessária relativa a problemática, posteriormente a seleção de documentos atinentes ao tema proposto e por fim, uma vez selecionado o grupo a ser investigado far-se-á as observações e aplicação de entrevistas e coleta de dados.

Deste modo, na sequência apresentar-se-á o percurso metodológico aqui adotado, logo após o capítulo teórico que contempla as categorias que auxiliarão a responder a pergunta de partida, sendo elas: a psicogênese e a sociogênese, as configurações e, por fim, a constituição de grupos.

No Terceiro capítulo será contemplado os dados empíricos levantados e a análise documental. Isto é, apresentaremos como o Estado brasileiro tem regulamentado o esporte, as torcidas organizadas, demonstrando inclusive todos os trâmites pelos quais perpassaram a norma objeto desse estudo, para, por fim compreendermos como vem sendo estudado as torcidas organizadas e especificamente a Gaviões da Fiel.

No último capítulo será apresentado os resultados dessa pesquisa aliando os dois eixos antes expostos, tanto o levantamento teórico, quanto a análise de documentos e os dados coletados no campo de estudo.

2. O PROCEDER: PERCURSO METODOLÓGICO

Neste momento será evidenciado o percurso metodológico, as técnicas e métodos adotados para a construção desse estudo. Mercado Martínéz (2007 p. 148) descreve a importância da explicitação dos procedimentos metodológicos utilizados, pois “[...] ao explicitar os respectivos procedimentos de análise, torna-se possível adentrar e aprofundar a discussão do tema [...] tal explicitação se converte em objeto de interesse e debate público”. Isto é, para melhor elucidar ao leitor os resultados encontrados nesta pesquisa é importante demonstrar todos os procedimentos adotados.

O início das indagações surgiu frente ao contato com inúmeros questionamentos e mobilizações proporcionadas pelos torcedores organizados acerca da norma vigente e das punições as quais encontravam submetidos, tais insurgências encontravam-se evidenciadas em cânticos, como por exemplo a música entoada pela Gaviões da Fiel, vejamos:

sei que tentaram cortar as nossas asas
com argumentos que não podem explicar
o sentimento que comove essa nação
na arquibancada que não para de pulsar
com meu Corinthians me envolvo até a alma
e solto um grito carregado de emoção
vai meu coringão, que esta luta é nossa maior razão
sei que tiraram daqui nossa bandeira
mas não puderam arrancar meu coração
a repressão não venceu meu sentimento
e o nosso grito para sempre ouvirão
ô ôôôô ôô todo poderoso timão
(Gaviões da Fiel, 1996 s/p)

Esta música foi entoada pela GDF quando a Federação Paulista de Futebol após o episódio conhecido como “Batalha do Pacaembu” proibiu o comparecimento dos instrumentos e vestimentas característicos de todas as torcidas organizadas do estado de São Paulo nos estádios do estado (POLISEL, 2007). A canção demonstra que apesar de as características objetivas do grupo não estejam presentes “sei que tiraram daqui nossa bandeira” os elementos subjetivos continuariam a estar presente nos estádios, “mas não puderam arrancar meu coração”.

Conforme explica Polisel (2007) esta proibição perdurou cerca de oito anos, apenas no estado de São Paulo, entretanto de maneira semelhante a estas medidas repressivas as alterações do EDT publicadas em 2010 também preveem uma punição objetiva a torcida organizada. A GDF foi novamente punida no ano de 2016 e 2017, quando foi possível verificar a divulgação e comercialização de utilização de camisetas chamadas “da proibição”

que muito embora não tenham expressamente o nome da torcida bordado ou estampado remete a ela, ou ainda, de camisas pretas do clube, para a Torcida a padronização dos seus associados no estádio é importante para a constituição do que denominam de “mar negro”.

Frente a este contexto, pode-se observar duas importantes categorias que emergem e serão vitais neste trabalho: a primeira delas é o instrumento normativo imposto pelo Estado, que retoma as forças no ano de 2010 com a promulgação da lei federal 12.299, e por outro lado a constituição da torcida organizada GDF como um grupo.

As pesquisas exploratórias ¹e contatos iniciais permitiram elaborar uma pergunta de partida que aborde as categorias emergentes, qual seja: Qual a compreensão dos torcedores organizados associados a Gaviões da Fiel (sede São Paulo- SP) sobre as sanções previstas no caso de práticas de atos de violência física no Estatuto de Defesa do Torcedor promulgadas em 2010? Para que possamos responder a questão, entendemos que a proposta aqui realizada trata-se de um estudo de caso, conforme será demonstrado a seguir.

2. 1 O ESTUDO DE CASO

A metodologia a ser desenvolvida trata-se de Estudo de Caso, que consiste em relatar um fenômeno, com a finalidade do entendimento coletivo. Trata-se de relatar um fenômeno, com a finalidade do entendimento coletivo. Conforme leciona Yin (2002, p. 54) atualmente o estudo de caso é visto como o “[...] delineamento mais adequado para a investigação de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real”.

O autor, ainda sugere que os pesquisadores se questionem antes de propor um estudo de caso, perguntando:

Quadro 9 – Questionamentos sobre o Estudo de Caso

a) É um fenômeno contemporâneo?
b) O pesquisador tem pouco ou nenhum controle sobre o objeto de estudo?
c) O problema encontra indagações do tipo “como” e “porque”?

Fonte: Quadro elaborado a partir da leitura de Yin, R.K; GRASSI. D. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2002. p.54.

¹Conforme demonstra Quivy e Campanhoudt (2000 p. 55), as pesquisas exploratórias “[...] comporta as operações de leitura, as entrevistas exploratórias e alguns métodos de exploração complementares. As operações de leitura visam essencialmente assegurar a qualidade da problematização, ao passo que as entrevistas e os métodos complementares ajudam especialmente o pesquisador a ater um contato com a realidade vivida pelos atores locais.”

Respondendo às perguntas formuladas entende-se que as torcidas organizadas se constituem em um fenômeno contemporâneo, visto que para Pimenta (1997), a primeira organizada, assim considerada, por preencher todos os requisitos estruturais e burocráticos é a Gaviões da Fiel, que surge no ano de 1969. Ademais, a existência deste grupo permanece na atualidade, com crescimento exponencial. Considerando a últimas informações disponibilizadas a torcida conta com mais de 100 mil membros, fato pelo qual é inegável a resposta a segunda pergunta, isto é, não há por parte dos pesquisadores qualquer controle sobre o fenômeno, visto a quantidade de integrantes e associados a torcida e visto que os pesquisadores não possuem qualquer cargo de liderança frente a torcida organizada.

Quanto a última questão compreende-se que a resposta é afirmativa visto que está associada com o objetivo geral que consiste em investigar como os associados da GDF estão compreendendo a normativa vigente. Em sequência Yin (2002, p.57) sugere cinco etapas para a elaboração de um estudo de caso, são elas:

Quadro 10- Elaboração de um estudo de caso

a) elaboração de questões.
b) as proposições, se houver.
c) as unidades de análise.
d) a lógica que liga os dados as proposições.
e) Os critérios para interpretar as descobertas.

Fonte: Quadro elaborado a partir da leitura de Yin, R.K; GRASSI. D. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2002. P 54

A primeira etapa diz respeito a questão norteadora do presente trabalho, qual seja, “Qual a compreensão dos torcedores organizados associados à Gaviões da Fiel Torcida do estado de São Paulo –SP sobre as medidas sanções previstas no Estatuto de Defesa do Torcedor pela lei 12.299 de 2010?”

As proposições consistem no direcionamento que será adotado pelo pesquisador no transcorrer do processo de construção do trabalho. Tratam-se de questões que buscam saber “como” e “porque” e irão orientar o pesquisador. Nesta pesquisa algumas perguntas foram formuladas: “Como o Estado interveem na segurança desportiva?” “Como e Porque foram elaboradas as medidas punitivas?”.

Já as unidades de análise constituem-se no caso propriamente dito. ou seja, trata-se do que será estudado. Nesta pesquisa as unidades de análise constituem-se em associados pertencentes ao quadro da Gaviões da Fiel Torcida do município e estado de São Paulo.

Ressalta-se, que embora os números de associados atualmente extrapolem os cem mil de acordo com Buarque de Hollanda (2017), há apenas três mil sócios considerados ativos na instituição.

Neste sentido, as unidades de análise consideradas para o estudo de caso constituem-se nos membros atuantes perante a GDF, que serão selecionados a partir do critério “bola de neve”², excluindo-se também, aqueles que estão cadastrados perante a instituição no período posterior de promulgação da Lei 12.299 de 2010,

Por fim, no que tange a quarta e quinta etapa estas constituem meios para análise dos dados encontrados no decorrer do estudo de caso. Para Yin (2002), o pesquisador de um estudo de caso deve atuar como um “investigador” e para isso deve possuir algumas habilidades, como:

Quadro 11- Habilidades do pesquisador

a) Realizar boas perguntas e interpretar as respostas.
b) Não deixar se influenciar por ideologias e preconceitos
c) Ser adaptável e flexível.
d) Possuir conhecimento prévio sobre o assunto investigado.

Fonte: Quadro elaborado a partir da leitura de Yin, R.K; GRASSI. D. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.

Por fim, para que se possa compreender de maneira mais aprofundada a temática da pesquisa será utilizado além da revisão de literatura dois métodos suplementares: a análise de conjuntura e o estado do conhecimento.

A análise de conjuntura será utilizada para compreender o cenário de elaboração à promulgação da norma estudada, utilizando-se e destacando-se as categorias necessárias para esse método descritas por Souza (1986) quais sejam: descrever os cenários, atores, a relação de força e, por fim, a articulação entre estrutura e conjuntura. Esta forma de análise faz-se importante a medida que a norma imposta deve ser compreendida não apenas em si mesma ou pela letra da lei, mas também, como essa se deu, quais são os trâmites pela qual perpassou, quais são os atores que buscaram interferir em sua aprovação (ou não), em que cenário isto ocorreu (o que vinha ocorrendo na época) para que posteriormente possibilite a análise a luz do referencial teórico adotado.

² A amostra foi definida a partir da metodologia “Bola de Neve”, isto é, em um primeiro momento encontra-se um indivíduo mais acessível ao pesquisador que será considerado a “semente”. E, a partir deste indivíduo, pede-se a indicação dos demais que possam contribuir com a pesquisa. (ANGROSINO, 2009).

Por outro lado, o estado do conhecimento será utilizado para compreender o que vêm sendo estudado acerca da temática realizando uma revisão de literatura enquanto procedimento técnico e adota-se direcionamentos que proporcionam a compreensão, sistematização e análise do conhecimento produzido acerca do assunto escolhido.

O Estado do Conhecimento é compreendido por Teixeira (2006, p. 60) como procedimento para “compreender o conhecimento elaborado, acumulado e sistematizado sobre determinado tema, num período temporal que, além de resgatar, condensa a produção acadêmica numa área de conhecimento específica”. Do mesmo modo, Soares (1989) entende que a compreensão do estado de conhecimento sobre um tema

é necessária no processo de evolução da ciência, afim de que se ordene periodicamente o conjunto de informações e resultados já obtidos, ordenação que permita indicação das possibilidades de integração de diferentes perspectivas, aparentemente autônomas, a identificação de duplicações ou contradições, e a determinação de lacunas e vieses. (SOARES, 1989, p. 3).

Nesse sentido, a realização desta pesquisa justifica-se diante da necessidade de conhecer o que já foi desenvolvido e produzido sobre as Torcidas Organizadas de Futebol e posteriormente contribuir com as discussões empreendidas, de modo a descortinar as abordagens e perspectivas construídas em tais produções, para que finalmente, se possa compreender o sujeito de pesquisa: Gaviões da Fiel.

2.2 DAS ENTREVISTAS

Uma vez escolhido o estudo de caso enquanto procedimento metodológico, passamos então a explanação dos instrumentos para coleta dos dados empíricos que serão utilizados nessa pesquisa. Salienta-se que Bourguignon e Barros (2012 p. 17) compreendem que o estudo de caso permite trabalhar com diversidade de material empírico.

Desta forma, para melhor identificação da compreensão dos torcedores organizados da Gaviões da Fiel Torcida sobre a Lei 12.299/2010, além da observação participante em festas e jogos com a utilização de diário de campo, serão realizadas entrevistas semiestruturadas nesse sentido para Triviños

[...] uma entrevista é semiestruturada quando o instrumento de coleta está pensando pra obter informações de questões concretas, previamente definidas pelo pesquisador, e ao mesmo tempo, permitem que se realizem explorações não previstas oferecendo liberdade ao entrevistado para dissertar sobre o tema ou abordar aspectos que sejam relevantes sobre o que pensa. (TRIVIÑOS, 2001, p.85)

Para construção das entrevistas, será realizado um roteiro de perguntas principais, que poderão ser complementadas, ou acrescidas de outras durante a entrevista, conforme a necessidade para que se atinja o objetivo proposto. Por outro lado, o sujeito poderá sugerir pautas ou temas que considere pertinente.

Quanto a quantidade de sujeitos entrevistados remetemos a Triviños (2001, p.85) “[...] em geral depende do pesquisador determinar o número de sujeitos que participará da sua amostra, ainda que não se recomende que seja inferior a cinco por grupo de diferentes grupos de pessoas que participam da pesquisa”.

Para delimitar a questão quantitativa de início procurou estabelecer-se uma pesquisa exploratória em dia de jogo, cabe ressaltar que ainda que seja reconhecido que existe atualmente mais de 3.000 (três mil) sócios ativos na Gaviões da Fiel o número de integrantes que comparecem ao estádio ainda é menor visto que aproximadamente esta quantia total se destina a todas as torcidas organizadas do Sport Club Corinthians Paulista em seu estádio, isto é, os ingressos encontram-se fracionados entre: Coringão Chopp, Camisa 12, Estopim da Fiel, Gaviões da Fiel, Pavilhão Nove e Macabra.

Note-se que os ingressos destinados ao setor onde se encontram os torcedores organizados são divididos entre seis torcidas, em uma média aritmética o valor total para cada torcida seria de 833 ingressos. No entanto, não há como se precisar quantos torcedores pertencentes a qual organizada comparecem a cada jogo, visto que, a distribuição de ingressos é feita de maneira individual através do plano “MINHA TORCIDA” no website “FIEL TORCEDOR” onde cada torcedor possui seu cadastro e acumula pontos. Assim, para um jogo com maior visibilidade “importância” para os torcedores, como finais de campeonato ou clássicos estaduais, os torcedores que comprem maior volumes de ingressos possuem preferência na compra.

Desta forma, em uma pesquisa exploratória percebeu-se a dificuldade de aplicar questionários em dia de jogo, e também a dificuldade de identificação de indivíduos enquanto pertencentes a Gaviões da Fiel. Alguns detalhes acabaram chamando a atenção da pesquisadora que acabou identificando e conseguindo aplicar o questionário para cinquenta pessoas e a partir disso verificar sujeitos representativos dispostos a agendar um horário para contribuir na realização de entrevistas semiestruturadas. Outra questão que dificultou a obtenção de um maior volume de questionários respondidos é o impedimento de adentrar ao estádio materiais inflamáveis como papéis. Cabe ressaltar que não há nenhuma legislação específica que trate desse instrumento, no entanto, do EDT podemos ter essa interpretação,

vez que o artigo 41-B trata de “qualquer instrumento que pode ser utilizado na prática de ato violento”.

O critério adotado para a seleção da amostra encontra-se na seleção intencional que segundo Duarte (2005, p. 70) leva em consideração o conhecimento do indivíduo acerca da temática, isto é, trata-se daqueles que estão “profunda e diretamente envolvidas com os aspectos centrais da questão”.

Desta forma uma série de condições foram consideradas para a realização da escolha da amostra, uma delas será a associação anterior ao ano de 2010, tendo em vista que o sujeito poderá elucidar se houve alterações com a promulgação da norma, outra delas é a posição que o indivíduo ocupa frente aos demais, alguns status foram levados em consideração para a seleção dos sujeitos.

Neste sentido realizou-se os seguintes estudos de campo:

Quadro 12 – Registro de Saídas a Campo

<u>Datas Saídas a Campo</u>	<u>Evento</u>
5 e 6 de maio 2018	Caravana “das Crianças” Corinthians X Ceará
22 de abril 2018	Paraná X Corinthians
16 a 20 de abril 2018	Caravana para Argentina – Buenos Aires
15 de março 2018	Fórum Mundial Social – Salvador Bahia (UFBA) – mesa sobre a criminalização da cultura torcedora
24 de fevereiro 2018	Corinthians x Palmeiras
10 e 12 de fevereiro 2018	Desfile Carnaval Gaviões e Apuração
17 de janeiro 2018	Primeiro jogo do Paulista Corinthians X Ponte Preta
13 de junho de 2017	Corinthians X Chapecoense
10 de junho 2017	Encontro mulheres de Arquibancada
11 de junho de 2017	Corinthians X São Paulo
17 de março de 2017	Corinthians X Santos divulgação do encontro
01 setembro 2016	América X Corinthians Master

Fonte: A Autora

Quadro 13: Relação dos entrevistados

Entrevistado 1	Associado há 15 anos, organizador de eventos nacionais sobre T.O
Entrevistado 2	Associado há 22 anos, ex tesoureiro
Entrevistado 3	Associado há 30 anos
Entrevistado 4	Associado há 20 anos Ex departamento de bandeira
Entrevistado 5	Associado há 15 anos Ex departamento de bandeira
Entrevistado 6	Associado há 12 anos, participação em órgão julgador
Entrevistado 7*	Escritor de livro sobre a GDF
Entrevistado 8*	Membro de departamento de bandeira
Entrevistado 9*	Líder de sub sede do exterior residente no Brasil
Entrevistado 10*	Ex presidente
Entrevistado 11*	Ex presidente
Entrevistado 12 *	Ex Membro do Conselho
Entrevistado 13*	Associado membro da Diretoria
Entrevistado 14*	Integrante da Velha Guarda
Entrevistado 15*	Membro da Diretoria

Fonte: A Autora

*Entrevistas realizadas através de aplicativo de WhatsApp

O controle das pulsões ou das fortes emoções dos indivíduos estão relacionadas ao contexto do indivíduo, a época em que ele vive e a sociedade em que está inserido. À exemplo da nobreza medieval que utilizava de artifícios como as batalhas com espadas e o enfrentamento corporal como método para solução de conflitos, diferentemente da nobreza atual. Logo as emoções, como a violência, estão sujeitas a mecanismos de controle que atuam em diferentes estágios conforme o perpassar do tempo e das experiências.

Realizadas as entrevistas, entendeu-se que houve a repetição de respostas, preenchendo assim, o critério de saturação, desencadeando na finalização da aplicação dos questionários. Devido acerca da realização de entrevistas, optou-se por realizar algumas delas

via Skype ou ligação de vídeo chamadas através do aplicativo Whatsapp, sobre este procedimento será discorrido brevemente acerca das cautelas adotadas.

Devido ao fato de encontrar algumas barreiras para a realização de entrevistas, como as questões econômicas, conciliação de agendas entre pesquisadores e sujeitos, pois há uma considerável distância geográfica entre ambos, algumas das entrevistas serão realizadas no ambiente cibernético. Vale ressaltar que esta técnica exige habilidade do pesquisador com relação ao meio virtual escolhido. Rodrigues et al (2016) sintetizam as vantagens e desafios de sua utilização

Quadro 14: Vantagens e desafios de entrevistas realizadas no ambiente online

Vantagens	Desafios
Economia financeira	Vieses na amostra
Economia de Tempo	Menor controle por parte do pesquisador
Alcance de grandes amostras	Habilidades inter-pessoais online
Acesso a populações de difícil alcance	Contato inicial com participantes
Facilidade de registros	Barreiras políticas, ideológicas e culturais
Acessos a locais sensíveis politicamente, ou perigosos	Questões éticas

(Fonte: Rodrigues et. Al. Pesquisa Mediada pela Internet: possibilidades de aplicação de entrevistas online nas Ciências da Gestão In: Negócios em Projeção | v.6, n.2, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/291836708_Pesquisa_Mediada_pela_Internet_possibilidades_de_aplicacao_de_entrevistas_online_nas_Ciencias_da_Gestao,201_p.70)

Os ambientes disponíveis online para a realização de entrevistas, podem ocorrer de duas maneiras: síncrona e assíncrona. Estas últimas permitem a interação entre entrevistador e pesquisador em tempos distintos, como é o caso do envio de mensagens de texto, através de aplicativos como o Messenger ou WhatsApp, já as síncronas permitem que a interação seja feita em tempo real.

Para superar os desafios impostos, propõem-se a realização de contatos pessoais em ambientes frequentados pelos torcedores organizados, donde poderá se verificar os sujeitos representativos e a realização dos contatos iniciais, para em sequência, conseguir endereços eletrônicos dos mesmos e a confiabilidade para a realização de entrevistas semi-estruturadas.(RODRIGUE ET AL, 2016).

Frente a este contexto, escolheu-se a realização de entrevistas através de chamadas de vídeo que ocorrem de maneira síncrona, onde o pesquisador pode observar não apenas a linguagem emanada pelo indivíduo, mas também detalhes que não são expressos verbalmente.

No que tange ao desafio ético, saliente-se que todos os cuidados adotados em entrevistas realizadas de maneira presencial serão adaptados para o ambiente online, procurando deixar o sujeito de pesquisa confortável para fornecer (ou não) a sua resposta, ademais, será encaminhado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que deverá ser devolvido devidamente assinado e preenchido pelo indivíduo antes da realização e aplicação da entrevista. Ressalta-se que a presente pesquisa foi devidamente aprovada pelo Comitê de Ética, conforme parecer em anexo.

2.3 DA ANÁLISE DOS DADOS

Obtendo os dados empíricos, a próxima etapa será sua análise condizente com o referencial teórico adotado, optando pela Análise de Conteúdo (AC). Por meio da análise dos dados coletados serão definidas categorias a serem trabalhadas na apresentação dos resultados.

Para que se possa compreender o posicionamento dos torcedores organizados frente a legislação vigente, faz-se necessário entender as questões metodológicas proposta por Elias .O autor, em sua obra “Introdução a Sociologia” aponta a teoria Configuracional, e seu modelo a análise. No qual explicita seu método para análise do seu objeto de estudo.

Vale ressaltar, que Norbert Elias partiu do positivismo de Comte e posteriormente avançou em suas observações. Para o autor, há a necessidade de que o pesquisador vá além do que está posto. Para Elias (2008, p.14) “Não se trata de especulação filosófica, quer de tipo nominalista, quer de tipo positivista, trata-se sim de relativamente teoria da ciência, estabelecer algo que possa ser verificado por observações detalhadas e se possível revisto”.

Assim, entende-se que a Metodologia proposta por Norbert Elias na Teoria do Processo Civilizador, denominada Sociologia Configuracional faz-se pertinente para a resolução da problemática. Tendo em vista o tratamento dispensado pelo autor demonstrando os tensionamentos existentes entre “teoria e empiria, entre indivíduo e sociedade, entre microcosmo e macrocosmo social, entre o aparato psicossocial individualizado e as relações de poder no contexto das interdependências.” (SOUZA, et al, 2014 p. 440).

Assim, dentro dos pressupostos que perpassam a Sociologia Configuracional está a compreensão do indivíduo enquanto pertencente ao todo, e suas atitudes, palavras e ações

serão medidas considerando a configuração ao qual este indivíduo pertence. Ante ao exposto, fica-se demonstrado a contribuição metodológica do autor alemão, especialmente para a Sociologia do Esporte, consolidando enquanto objeto de estudo tal temática dentro das Ciências Sociais, mostrando-se adequado e pertinente para o estudo aqui proposto. Por fim, com a evidente preocupação da Sociologia Configuracional, com aquilo que não está posto.

Entendeu-se que há uma consonância com a utilização da metodologia da Análise de Conteúdo (AC), pois esta, dá subsídios ao pesquisador para obtenção daquilo que está aparente, aquilo que é dito em consonância com o não dito, ou seja com o que está latente. Aspectos estes, que estão presentes em diferentes discursos, inclusive no dos torcedores organizados. Assim, tendo como principal precursora desta metodologia de Análise Bardin (1977, p. 9), a conceitua como:

Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a <> (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. O fator comum dessas técnicas múltiplas e multiplicadas – desde o cálculo de frequências que fornece dados cifrados, até a extração de estruturas traduzidas em modelos – é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência.

Desta forma, qualquer discurso comunicativo, inclusive o discurso, seja ele individual ou coletivo, é passível de ser analisado sob a ótica desta metodologia. As etapas da AC, segundo Bardin (1977), compreendem três fases: (1) A pré análise, (2) a exploração material e (3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. A primeira delas, qual seja, a da pré análise comporta procedimentos, necessários para sua efetivação, sendo considerada a etapa de organização.

Subdivide-se esta fase em cinco diferentes etapas estas, que não são necessariamente cronológicas. As etapas da pré análise podem ser definidas em: (1) Leitura Flutuante, que consiste no contato entre o pesquisador e o documento que será analisado no decorrer da pesquisa. (2) A escolha dos documentos, ou seja do corpus da pesquisa, que está categorizado pela definição material empírico vale ressaltar que a baliza temporal definida justifica-se com a data de promulgação da norma. A terceira etapa constitui-se na formulação de hipóteses (3), guiadas pela intuição e que ao final da análise dos dados, poderá ser ou não confirmada.

Tem-se como hipótese o fato de os torcedores organizados pertencentes a figuração possuem resistência à norma destinadas a eles, assim como prevê Becker (1977) ao tratar do comportamento desviante.

Foi possível este levantamento hipotético a partir da leitura flutuante do posicionamento acerca da temática em declarações emitidas pela ANATORG. Desta forma, espera-se encontrar no presente estudo: (a) um grande volume de críticas ao instrumento normativos. (b) Acredita-se que os motivos pelos quais, haja crítica é que a legislação adota critérios de punição objetiva e generalizada (c) verificar se, em aspectos práticos, se para os frequentadores dos estádios houve mudança trazida pela legislação pertinente.

A próxima etapa (4) consiste na elaboração dos índices e a elaboração de indicadores. Bardin (1977) dita que, encontra-se nos discursos índices, os quais, a análise irá evidenciar. Desta maneira, irá se optar pela formação dos índices que irão emergir dos dados coletados, e também em função das hipóteses levantadas.

Por fim há que se proceder a preparação do material levantado (5). Superada as etapas da Pré Análise, a próxima fase é a exploração dos materiais coletados, os procedimentos desta etapa consistem em operações de codificação, desconto ou enumeração, relacionadas as escolhas anteriores. Por fim, há a descrição dos resultados, inferência e interpretação final.

2.4 DO VOO METODOLÓGICO

Por já frequentar estádios, sedes, festas de torcida e caravanas o acesso ao ambiente empírico ocorreu de forma facilitada, ainda que os torcedores organizados sejam considerados um grupo de difícil acesso. As maiores dificuldades estavam em manter contato e a credibilidade mesmo estando geograficamente distante (há uma distância entre a cidade onde reside a autora e a sede da torcida organizada de 700 quilômetros). Ademais, as questões fisiológicas devido a uma gestação de risco no ano de 2016 também contribuíram para que as idas a campo ocorressem com maior intensidade nos anos de 2017 e 2018.

Esclarece-se que para a construção do processo de conhecimento utilizar-se-á como indicadores metodológicos as funções de envolvimento e alienação, proposta por Norbert Elias (1998), para o autor o envolvimento: “[...], portanto, também se refere ao foco de interesse e à afetividade do conhecimento. No caso dos sociólogos, os focos de seus interesses científicos e extra científico não estão nitidamente separados um do outro.” Isto é, o envolvimento está ligado, também ao objeto de pesquisa, os sujeitos e aquilo que se escolhe pesquisar, aprender, produzir e construir conhecimento. Processo este que não é estacionário, está em marcha (Elias, 1998).

No transcorrer dessa dinâmica deve-se cuidar para não realizar o movimento de alienação, que para o autor está ligado a autorregularão. Neste sentido é preciso promover o

afastamento/distanciamento do pesquisador para que possa verificar as categorias teóricas que emergem de seu objeto de estudo. Esta reorientação teórica metodológica proposta por Elias, fundamenta-se:

A primeira trabalha com a imagem humana de um sujeito do conhecimento, um conhecedor, em um vácuo – de “eu” sem “nós”, “você” sem “eles”. A última trabalha com o conhecedor num grupo enquanto sujeito do conhecimento. Ninguém pode saber sem adquirir conhecimento de outro. Sem partir de um grupo de conhecedores que dividem um fundo comum de conhecimento e, como parte disso, de uma linguagem específica do grupo, meio indispensável para adquirir qualquer conhecimento, uma teoria do conhecimento não passa de artifício que leva ao descaminho. (Elias, 1998 p.33-34)

Isto significa dizer que para Elias é necessário compreender os grupos como sujeitos detentores e produtores de conhecimento. Por fim, no transcorrer desta pesquisa, entendeu-se como necessário e até como bem-vindo a realização deste movimento de “envolvimento/alienação”. Este movimento que a princípio poderia parecer contraditório acabou por possuir uma função integrativa.

Uma vez esclarecido os procedimentos e balizas metodológicas adotadas na consecução da pesquisa passa-se a análise das categorias teóricas adotadas para a resolução da problemática.

3. CATEGORIAS ELISIANAS PARA COMPREENSÃO DA ATUAÇÃO ESTATAL NO DESENVOLVIMENTO DO AUTOCONTROLE

No presente capítulo será demonstrado as principais categorias teóricas que darão aporte para a solução da problemática. Cumpre esclarecer que desde o início da pesquisa até a análise dos resultados empíricos as análises serão norteadas pelo referencial teórico adotado: Norbert Elias.

Em um primeiro momento, será abordado como pode se compreender a teoria Elisiana no contexto estudado, visto que, o autor sugere em suas obras “Processo Civilizador” volume I e II, “Teoria Simbólica”, “Introdução a Sociologia” a necessidade da realização de estudos em um processo de longa duração. Uma vez transponível este obstáculo, permite-se adentrar em suas categorias para enfim compreender o processo de internalização (ou não) de uma norma externa proposta pelo Estado ao indivíduo e aos grupos.

3.1 NORBERT ELIAS: OBJETO DE LONGA DURAÇÃO?

Retomando ao contexto histórico de como Norbert Elias durante seu desenvolvimento perante a comunidade acadêmica, verificou-se que o mesmo estava ciente de que ao trabalhar com processos de longa duração de certa forma teria seus estudos deixados à margem, sobre isto, ele declarou

Verdadeiramente, eu sinto hoje um certo orgulho de nunca ter cedido, mesmo que isso tenha sido difícil. Sempre tive consciência de que as opiniões dominantes eram uma impostura. Teria sido possível ter uma existência mais fácil na Inglaterra se tivesse aceito as ideias dominantes, mas não me permiti compromissos...Se há algo em mim que considero positivo é o fato de nunca ter me deixado corromper pelos modismos, quaisquer que fossem. Nunca me autorizei a dizer qualquer coisa sob o pretexto de que estava na moda.

(KIRSCHNER, 1999, p. 27).

A resistência de Elias em não ceder aos “modismos” permitiu ao autor mobilidade e liberalidade quanto aos objetos de estudos e seus percursos metodológicos. Elias, inclusive contribuiu com diversas áreas do conhecimento, como a sociologia, medicina e a psicologia, desta última, por exemplo, influenciou a formação da psicanálise em grupo. Na área da educação Elias, teve contribuições significativas ao abordar a história dos costumes e os métodos de aprendizagem do século XIV ao XIX (LEÃO, 2007). Por fim, já aos 70 (setenta anos) Elias, partiu para Gana onde lecionou por dois anos sociologia, onde pode estudar ainda mais sua teoria sobre a dicotomia sociedade/indivíduo que abordaremos ainda neste capítulo. (KIRSCHNER, 1999)

Em seus estudos, Elias, abordou diferentes temáticas entre elas a sociologia do esporte. Elias tratou sobre o desenvolvimento do processo civilizador através do lazer em conjunto com Dunning (ELIAS, 1992) e também o enfrentamento corporal entre torcedores, consistindo em um dos motivos pelos quais optou-se por sua utilização, além do fato de compreendermos que suas categorias são centrais para o desenvolvimento deste estudo. Ressalta-se muito embora exista uma grande variedade temática abordada pelo autor ainda existe um liame lógico e um diálogo entre as publicações elisianas.

Inferese que este limiar lógico, encontra sua centralidade em uma de suas principais obras, o Processo Civilizador I e II, nestas obras o autor busca compreender: “Em que consiste o processo de civilização ocidental? Quais foram suas causas e forças motivadoras?” (ELIAS, 1995, p.19). Sinteticamente, para o Autor, o processo civilizacional ocorre de maneira gradual através de uma série de proibições que vão moldar o indivíduo, suas emoções e seus comportamentos individuais. Através da realização de análises documentais e de observações, Elias (1995) vai demonstrando ao leitor que as atitudes individuais são frutos de um longo e secular processo, e não de uma mera liberdade individual. Em síntese

Embora os seres humanos não sejam civilizados por natureza, possuem por natureza uma disposição que torna possível, sob determinadas condições uma civilização, portanto uma autorregulação individual de impulsos do comportamento momentâneo, condicionado por afetos e pulsões, ou o desvio desses impulsos de seus fins primários para fins secundários, e eventualmente também sua reconfiguração sublimada. (ELIAS, 1995 p. 17)

O desenvolvimento do autocontrole do indivíduo de suas fortes emoções está relacionado ao contexto em que este está inserido, geográfica, culturalmente e cronologicamente falando. Exemplo disso é que nobreza durante a época medieval se utilizava das batalhas com espadas como método passível de resolução de conflitos, e este método era espetacularizado. Desta forma as emoções, inclusive a violência, estão relacionadas a diferentes formas de controle que atuam em diferentes níveis com o perpassar do tempo.

Ao estudar os costumes Elias demonstra que estes, por mais banais que possam aparentar, estão atreladas as estruturas sociais. Para tanto, utilizou como fonte de coleta de dados manuais de civilidade e de regras de etiqueta. Entretanto, o autor não possui como objetivo primário demonstrar em sua obra o desenvolvimento dos costumes locais, e sim, que ocorrem transformações nos mecanismos de autocontrole do indivíduo em determinadas configurações e que cabe ao sociólogo identifica-las em um determinado período histórico, e

como os indivíduos estão ligados entre teias de interdependências. Tais teias comportam tensões e conflitos (LEÃO, 2007).

Salienta-se que Elias (1995), realiza o estudo civilizacional a partir de uma perspectiva de longa duração, entretanto, indaga-se como pode ser estudado o desenvolvimento de mecanismos de regulação da violência se tomar como perspectiva a lei promulgada em 2010? Acredita-se que uma resposta sensata a esta indagação recorrente é que, muito embora, a norma específica sobre a violência nos estádios seja recente a interação Estado e Indivíduo vem ocorrendo a um longo prazo.

A intervenção do Estado em situações que ultrapassam a barreira da normalidade em que há ofensa ou lesão a bens e garantias individuais remontam a criação de normas e leis penais, e nas palavras de Noronha, reproduzidas por Falconi (p. 23,1997) “a história do Direito Penal é a história da humanidade”. Tal afirmação consegue demonstrar a antiga interação entre o Estado e o Direito Penal, utilizando-se como mecanismo de controle social formalizado através da norma posta.

No que tange ao sistema brasileiro, a aplicação do Direito Penal vem ocorrendo desde o seu “descobrimento” quando eram aplicadas as ordenações portuguesas. Tamaña foi a influência das Leis advindas da metrópole que o Brasil teve seu primeiro código apenas em 1830 (D’ OLIVEIRA, 2014).

Com raízes no pensamento iluminista e na obra jurídica de Beccaria publicada no ano de 1764, onde, preponderava-se a proporcionalidade dos delitos e das penas, desperta-se na população brasileira a produção e publicação de uma norma própria, desvinculada das ideologias portuguesas expostas nas Ordenações Filipinas, surge assim o Código Criminal do Império. Atendendo os clamores populares os deputados Bernardo Pereira Vasconcelos e Clemente Pereira apresentaram proposições legislativas para a formulação da legislação penal no ano de 1827, sendo aprovada em 22 de outubro de 1830 (CHAVEZ e SANCHES).

Aproximando-se de ideias humanistas o Código Legislativo procurou distanciar-se de imposições de penas de castigo corporal e de morte e aproximar-se das privativas de liberdade, sendo que a pena de morte era aplicada em três hipóteses: o homicídio qualificado, latrocínio, insurreição dos escravos.

Com a proclamação da República, Nabuco apresentou uma nova proposta legislativa na senda criminal o qual foi inspirado no Código Penal Suíço e foi aprovado no ano de 1890. A nova redação legislativa eliminava alguns tipos penais, especialmente o que tange aos escravos vez que já havia sido abolido o regime escravocrata neste território. Outras inovações ocorreram antes do Código entrar em vigor, como a extinção da pena de morte e a

redução da maior pena privativa de liberdade para 30 anos. Finalmente, em 1938 Alcantra Machado apresenta nova proposta de redação ao Código Penal que foi publicado em 1940 e está vigente até os dias atuais. Isto posto, ressalta-se que a história do Brasil desde os anos de 1500 houve a existência de Códigos Penais que tipificavam condutas tidas como violentas.

Ao examinarmos a fundo o Código Penal vigente verificamos que as condutas criminais previstas no Estatuto de Defesa do Torcedor já se encontravam lá descritas e com suas respectivas sanções. O que ocorre com a vigência da Lei 12.299 de 2010 é a alteração das penas aplicadas, o recorte temporal e geográfico do delito cometido. Isto é, os tipos penais previstos de acordo com o artigo 41-B são assim classificados por ocorrerem em dias de jogos e em um raio de 5000 (cinco mil) metros em torno do estádio, do contrário as condutas são abarcadas pelo Código Penal. Isto posto, elaborou-se o quadro comparativo:

Quadro 15 - Comparativo entre condutas previstas no Estatuto de Defesa do Torcedor (EDT) e no Código Penal

Conduta prevista no EDT	Conduta Prevista no Código Penal	Sanção Prevista no EDT	Sanção Prevista no Código Penal
Praticar Tumulto	Participar de rixa	reclusão de 1 (um) a 2 (dois) anos e multa.	15 dias a 2 meses de detenção e multa
Praticar Violência (se contra a Pessoa)	Lesão Corporal	reclusão de 1 (um) a 2 (dois) anos e multa.	detenção, de três meses a um ano.
Praticar Violência (se contra a Coisa)	Destruir, inutilizar ou deteriorar coisa alheia	reclusão de 1 (um) a 2 (dois) anos e multa.	detenção, de um a seis meses, ou multa
incitar a violência	Incitar, publicamente, a prática de crime:	reclusão de 1 (um) a 2 (dois) anos e multa.	detenção, de três a seis meses, ou multa.
Invasão de locais restrito a competidores	Invadir ou ocupar estabelecimento industrial, comercial ou agrícola,	reclusão de 1 (um) a 2 (dois) anos e multa.	Reclusão, de um a três anos, e multa.
Portar, deter ou transportar, no interior do estádio, em suas imediações ou no seu trajeto, em dia de realização de evento esportivo, quaisquer instrumentos que possam servir para a prática de violência	Possuir arma de fogo, sem autorização legal (Lei 10.826/2003)	reclusão de 1 (um) a 2 (dois) anos e multa.	Detenção, de 1 (um) a 2 (dois) anos, e multa.

(Fonte: Autora, quadro elaborado a partir de BRASIL, 1940 e 1988)

No quadro acima exposto, pode se perceber que o artigo 41-B objeto desse estudo trouxe consigo a caracterização de diversas condutas, no entanto, entende-se que as regulamentações dessas mesmas condutas já ocorreram de maneira anterior, ou seja, o Estado vem interferindo na atuação violenta do indivíduo antes mesmo da vigência do Estatuto. Isto posto, por meio desses dados apresentados justifica-se a escolha de Norbert Elias como

principal referencial teórico uma vez que o objeto de estudo não vem ocorrendo de uma perspectiva de curta duração.

Além disso ao observarmos este quadro podemos inferir que com o Estatuto do Torcedor houve o fenômeno conhecido como sobreposição de tipos penais. Isto é, a norma específica (destinada aos ambientes desportivos, suas proximidades e seus agentes) prescreveu como crime condutas que já eram anteriormente reguladas instituindo penas mais severas.

Essa severidade é criticada e considerada desproporcional para Gucci (2012), se tomarmos como exemplo a conduta prevista no EDT de possuir, portar ou transportar um objeto que possa ser utilizado para a prática de violência poderá ser condenado ao mesmo tempo de sanção que um indivíduo por porte de arma de fogo, com a ressalva que o “qualquer objeto” culminaria em reclusão, o que é mais severo que a detenção prevista para o porte ilegal de arma de fogo. Tal discrepância entre crimes e delitos é um dos principais questionamentos realizados por juristas como Gucci e Gomes (2012).

Outra questão apontada pelos autores é que muitas dessas condutas estão previstas genericamente, por exemplo, o crime de tumulto, o que consistiria em prática de tumulto? O fato de cantar nas arquibancadas seria tumulto? Ou o fato de discutir com outro expectador, ou vendedor de mercadorias no espaço desportivo? Ou ainda, seria prática de tumulto a realização de protestos em estádios? Ressalta-se que esta falta de especificidade pode acabar gerando incertezas jurídicas uma vez que o crime previsto não discorre exatamente o que entende por estas práticas.

Quando o legislador fala em prática de violência ele trata de que tipo de violência? Apenas física? Violência psicológica também estaria prevista nessa norma? E violência verbal, como os inúmeros casos de prática de injúrias raciais? E esta violência citada é apenas contra o indivíduo? Se é contra o indivíduo, em que nível? Neste aspecto, para que esta pesquisa não acabe por deixar lacunas quanto a concepção de violência explanaremos sobre esta temática em nossa próxima seção.

Em que se pese a generalidade de algumas condutas expressas pelo EDT, como, a prática de tumulto e de rixa, ou ainda a prática de violência, podemos apontar que ao estudarmos o desenvolvimento da Auto regulação de um grupo específico a partir de uma legislação estatal ao levarmos em consideração a história brasileira constitui-se um objeto de longa duração, se contextualizarmos que a interferência estatal através da promulgação de normas penais já vinham interferindo na vida dos indivíduos.

3.2 DAS VIOLÊNCIAS

Em sentido amplo podemos entender a violência como uma infração que possui como resultado o dano, podendo ele ser físico ou moral, contra pessoa ou contra o patrimônio. A violência caracteriza-se por se tratar um fenômeno humano conforme demonstra Murad (2007).

Há que se ressaltar que a violência por estar presente desde os primórdios das civilizações humanas, conseqüentemente cada sociedade, em sua época possui seu conceito de violência. Estas multiplicidades de conceitos, consiste também em um dos obstáculos de seu estudo, pois não há uma definição que prevaleça sobre as demais., entre eles, destaca-se o conceito proposto pelo psicólogo Michaud

“Há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja na sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais.”
(MICHAUD, 1989 p; 10)

Apesar de a violência, tratar-se de uma possibilidade humana e estando ela presente em diversos setores da civilização, a violência no esporte, especificamente no futebol tem uma grande repercussão. Vale ressaltar que esta violência gerada não está relacionada apenas ao futebol, mas também outros esportes como por exemplo o boxe.

Isto posto, para que possamos descrever a categoria violência será utilizado como referente teórico a obra, “Os Alemães”, de Elias (1997), a qual, demonstra em um entrelaçado de evidências empíricas e argumentos teóricos a experiência do povo Alemão e como o processo civilizador ao qual esta civilização encontrava-se submetida influenciou no desencadeamento do regime nazista e do genocídio do povo judeu.

Em seu terceiro capítulo aborda especificamente a temática conjuntamente com a civilização. Para Elias, 1997, uma das características pela qual identifica-se o desenvolvimento civilizatório é a pacificação social. Entretanto esta característica está em constante ameaça de possíveis conflitos sociais ou pessoais, em síntese, a pacificação encontra-se em constante tensão com a violência. Elias demonstra que ao questionar as práticas de violência é costumeiro indagar: “[...] como é possível que pessoas vivendo em uma sociedade podem agredir fisicamente ou matar outras – como podem por exemplo tornar-se terroristas?” (ELIAS, p. 161), no entanto, sugere uma nova redação: “Como é possível que tantas pessoas conseguem viver normalmente juntas e em paz, sem medo de ser atacadas ou

mortas por pessoas mais fortes do que elas como é hoje em dia o caso, em grande parte nas grandes sociedades-Estados da Europa, América, China ou Rússia?”. (ELIAS, p. 161), A reformulação da questão fundamenta-se ao se comparar com a prática da violência na antiguidade.

A prática de atos violento, como a realização de ofensas verbais e agressões físicas, são na visão Elisiana práticas primárias e estes sentimentos ainda persistem nos seres humanos, no entanto a prática dos ataques físicos diminuiu se tomarmos como parâmetro o histórico civilizacional. Neste sentido o grau de pacificação característicos das civilizações é alto, e seu alto índice constitui-se uma das justificativas que podemos elencar da existência de pessoas que não o seguem.

Pode-se citar as pesquisas realizadas por Murad (2012), quando identificou que entre os torcedores organizados um índice de 5% (cinco por cento) são aqueles que efetivamente realizam a prática da violência. Entretanto questionamos quantos indiretamente a praticam? Pois, muito embora não sejam os atores dos atos primários descritos por Elias, podem possuir sentimentos como aqueles descritos pelo autor, ódio, raiva cólera, que podem instigar a práticas pelos demais. Desta forma, compreendemos que muito embora vejamos o índice de 5% como diminuto, no entanto trata daqueles que praticam os atos mais extremos, mas que pode existir todo um suporte e incentivo dessas práticas pelos demais integrantes de um grupo.

Para Elias, 1997, a forma pela qual ocorreu a pacificação descrita é a criação de Estado, retornando a Weber o Autor compreende o Estado como detentor do monopólio da força física, possuindo assim um grupo de especialistas que estão autorizados a utilizar a força em determinados momentos, inclusive para impedir que os civilizados a utilizem contra si mesmos. Nos estádios e intermediações dos ambientes desportivos tal monopólio é materializado pela presença dos policiais militares, que estão institucionalmente ligados à preservação e a repressão de atos ilegais, conforme demonstrou Alfredo Netto (2009).

Para Elias a detenção do monopólio de violência estatal possui dois vieses, um positivo e o outro negativo, o positivo é o auxílio na pacificação e sua utilização para a manutenção dos interesses de um grupo estabelecido. No que tange a pacificação:

[...] o fato de que, em conflitos, só muito raramente cogitamos atacar um adversário para começar a briga, por muito zangados que estejamos, depõe a favor de uma profundamente arraigada transformação civilizadora da estrutura inteira da personalidade. Os bebês sem levar em conta a sociedade a que pertencem, defendem-se espontaneamente com mãos e pés. Crianças brigam e agridem-se frequentemente e com gosto. Que o tabu contra atos violentos esteja tão

profundamente inculcado nos jovens das sociedades-Estados mais desenvolvidas tem muito a ver com a crescente eficácia do monopólio da força estatal. Com o decorrer do tempo, as estruturas da personalidade dos indivíduos acabam ficando orientadas para isso. (ELIAS, 1997, p. 164)

Nesse sentido, compreende-se que o indivíduo nasce sem a internalização das regras de condutas, seja elas legais ou morais, em suma não há a compreensão do Código Civilizacional, um exemplo usado por Elias é a utilização de movimentos violentos por bebês, para eles a prática desses atos é comum. Já o indivíduo adulto da sociedade moderna a depender do contexto em que está inserido, grupo ao qual pertence, pode (ou não) repudiar estas práticas, nesse sentido indaga-se, como as crianças que são geradas nesse seio nuclear de grupos como os torcedores organizados estão sendo incentivadas, ou incorporando os códigos de condutas sociais? As práticas de violência são exaltadas inclusive na presença destas? Quais são as possíveis consequência disso se pensarmos a longo prazo?

No aspecto da internalização da norma promulgada pelo Estado e reforçada pelo monopólio da violência estatal com o tempo a norma exterior e a forma de pacificação heterônoma passará a ser uma forma autônoma, será a denominada autocoção, e quando cientes das consequências das normas e das infringências e mesmo assim há a prática de seus atos deliberadamente. Neste sentido Elias passa a discorrer sobre a existência da violência entre Estados e dentro dos Estados (intraestatal), neste trabalho somente a última delas nos interessa e a qual iremos nos ater.

Entretanto, cabe algumas diferenciações no que diz respeito as duas modalidades de violência abordadas por Elias (1997), a primeira delas intraestatal, é vista como um tabu e caso seja praticada é passível de punição, ao passo que a que ocorre entre Estados, é perceptível as preparações bélicas e que quando postas em práticas pelas nações, estas são apreciadas. Desta forma

“Nas relações interestatais, as pessoas não se consideram hoje num nível inferior do processo civilizador porque sejam naturalmente más ou porque tenham pulsões agressivas inatas, mas antes, porque se formaram instituições sociais específicas que podem, de um modo mais ou menos eficaz impor restrições a todo e qualquer ato de violência autorizado pelo Estado nas relações dentro do Estado, ao passo que tais instituições são totalmente inexistentes nas relações entre Estados. Assim, todos os grandes Estados e muito menores mantêm especialistas em violência, em condição de constante prontidão, para que possam entrar em ação ou alternativamente se o próprio Estado deles ameaça um ao outro”. (ELIAS, 1997, p. 166)

Vale dizer que Elias vê a presença de exaltação da violência no que tange aos corpos especializados para suas ações Interestatais, no mesmo sentido, relembramos entre as características presentes na Gaviões da Fiel explanadas por Pimenta (1997), está a presença de

semelhanças com a militarização, isso se deve ao contexto em que a GDF foi fundada, durante os chamados “anos de chumbo” da ditadura militar.

Por outro lado, quanto a violência interestatal o sociólogo alemão Kurt Weis, defende que a sociedade está mais violenta, por conseguinte o futebol e os demais desportos também o estariam produzindo uma negativa parcial da teoria do processo civilizacional. No entanto, Dunning (1992) defende que não ocorre um acréscimo na violência, mas sim uma transformação desta, para de outra espécie. Ocorrendo, uma “mudança no equilíbrio entre algumas formas da violência”; (DUNNING, 1992 p. 329).

Para compreendermos o posicionamento de Dunning (1992), faz-se necessário primordialmente demonstrar as tipografias que o mesmo estabelece para “violência”, vejamos:

Quadro 16: Tipografias da violência

Real (física)	Simbólica (verbal ou não verbal)
Ritual (simulação/jogo)	Não Ritual (séria)
Com emprego de Armas	Sem emprego de Armas
Armas com contato direto	Armas sem contato direto
Intencional	Acidental
Legítima	Ilegítima
Racional (instrumental/ como um meio para atingir um determinado objetivo)	Afetiva (violência por si mesma)

Quadro elaborado após a leitura de Dunning As ligações Sociais e a violência do desporto inn: Elias e Dunning, 1992, A Busca pela Excitação, p. 330)

Uma vez compreendida as classificações dessa categoria, é necessário esclarecer que os desportos possuem características de competitividade proporcionando o aparecimento de atos violentos. No caso específico de uma partida de futebol há a representação de uma guerra simulada, onde há dois grupos opostos. (DUNNING, 1992)

Entre estes grupos há o que pode se considerar violência socialmente como aceitável, como as faltas cometidas dentro das delimitações do esporte. No entanto, é possível que haja um desequilíbrio entre as tensões provocadas elevando-se desencadeando na ocorrência de atos que as “convenções destinadas a limitar a violência e a orientá-las para um caminho socialmente aceitáveis são suspensas, e então, pode surgir uma luta a sério”, neste caso podem ocorrer o confronto e enfrentamento físico entre jogadores e torcedores. (DUNNING, 1992, P. 331)

Cumpra esclarecer que a violência aceitável, varia de acordo com o tempo histórico, o contexto social e também entre os grupos que a praticam (ou não). No entanto, uma das características da sociedade moderna e do processo civilizacional é o autocontrole das pulsões/emoções e também da violência física. E desta forma, Dunning (1992) compreende que o processo civilizacional transformou a violência que ocorria nos primórdios, de afetiva para a violência racional. Neste sentido indagamos: A violência cometida “nas pistas” entre os torcedores organizados, possui característica de qual destas duas tipologias?

A princípio pode parecer que a violência associada ao ambiente desportivo protagonizada pelos torcedores organizados são afetivas, motivadas pelo gosto da violência em si. Pode se inferir isso através de relatos de alguns torcedores como por exemplo “nós gostamos mesmo é de trocação” ou “eu sou romântico, sinto saudades da época da trocação de verdade”, por outro lado, em alguns momentos podemos compreender que também pode ser utilizada como instrumento de dominação sobre o rival, pois a prática da violência possui um objetivo como a conquista de “troféus” que seriam agasalhos, roupas, as faixas, os instrumentos musicais dos rivais.

A explicação dessa transformação das características da violência observadas por Dunning (1992) ocorreu ao analisar a teoria de Norbert Elias, porque nos primórdios havia explicitamente a exposição do prazer em se participar de atos violentos, ou em ser seu expectador, como no caso das batalhas entre cavaleiros na idade média. No entanto com o decorrer do processo civilizacional observou-se uma alteração no limiar de repugnância com relação ao derramamento de sangue e o confronto físico, também, houve a interiorização de um “tabu mais rigoroso sobre a violência como parte do superego” Desta forma, com o acréscimo da intolerância sobre os atos violentos, ela passa a ser utilizada de uma maneira mais calculada. (Dunning, 1992 p. 332).

Estes fatores, também foram observados durante o decorrer das pesquisas de campo, uma vez que há limitação temporal e geográfica no Estatuto do Torcedor, vejamos:

Art. 41-B. Promover tumulto, praticar ou incitar a violência, ou invadir local restrito aos competidores em eventos esportivos: (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

Pena - reclusão de 1 (um) a 2 (dois) anos e multa. (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

§ 1º Incorrerá nas mesmas penas o torcedor que: (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

I - promover tumulto, praticar ou incitar a violência num raio de 5.000 (cinco mil) metros ao redor do local de realização do evento esportivo, ou durante o trajeto de ida e volta do local da realização do evento; (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

II - portar, deter ou transportar, no interior do estádio, em suas imediações ou no seu trajeto, em dia de realização de evento esportivo, quaisquer instrumentos que possam servir para a prática de violência. (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

(BRASIL, 2010)

Isto é, o Estatuto do Torcedor no que se refere a punibilidade de atos violentos, tem a sua aplicação restrita para o local em que as competições se realizam, trajetos de idas e vindas dos estádios em um raio de 5.000 (cinco mil) metros em torno dele. Com a vigência da norma, percebeu-se que muitos atos de violência entre os torcedores, acabam se realocando para as periferias “quebradas”, sendo que a violência acaba tornando-se calculada, planejada e pensada para que não se incida a aplicabilidade da Lei. Entre as mortes recentes envolvendo essas práticas pode-se citar de Danilo da Silva dos Santos, morto em na cidade de Itaquerectuba, 45 km da cidade e estado de São Paulo. (DELEGADO, 2018). Também se verificou a existência da ocorrência desses atos em plataformas de metrô, em dias distintos aos jogos. Vejamos:

Ao encontrar o Badas, o mesmo, informa que acaba de encontrar torcedores rivais, que entraram em confronto com um casal de torcedores dos Gaviões. E que vendo a vulnerabilidade do casal agiu. Note-se que esse confronto ocorreu em estações de metrô em dia diverso de jogos de futebol e não seria o último confronto a ser narrado à pesquisadora naquela noite.

[...]

Ao adentrarmos no sambódromo, Badas, orientou a pesquisadora a não ficar longe dos demais componentes e associados da Gaviões da Fiel, a não se distrair tirando fotos, pois ali na concentração também encontravam-se integrantes da Dragões da Real, escola de samba rival composta por torcedores do São Paulo. Ao juntar-se com os demais, badas retornou com um “presente” para a pesquisadora, era a fita que compunha uma fantasia dos torcedores rivais. Badas comentou que os “dragões” estavam juntos, e em “linha” formada compostas apenas por pessoas que participam do confronto entre torcedores.

Desta forma, verificou-se que a violência <<afetiva>> que ocorriam anteriormente como no episódio da Batalha do Pacaembu, deixam de ocorrer nos estádios e durante as partidas de futebol, realocando-se para outros lugares. Veja-se, não há aqui a tentativa de se afirmar que a violência afetiva e irracional deixa de existir, mas que foi observado uma alteração em favor da violência racional, tal qual, foi observado por Dunning (1992), ao compreender o estudo do desenvolvimento do Rugby, demonstrando como uma forma de violência pode se transformar em outra.

Sendo, uma das características do processo civilizacional, além do desenvolvimento do Autocontrole do despertar das emoções, o acréscimo das cadeias de interdependência. Verificamos no futebol que o despertar destas intensas emoções podem acabar levando aqueles que participam do evento ao cometimento de atos violentos, seja eles de cunho verbal, ou até mesmo físico, isto posto, indagamos, como o Estado, que tem por finalidade a defesa dos bens jurídicos fundamentais interage na salvaguarda da integridade física e moral dos

torcedores? Ou, ainda como o Estado, pode influenciar na autorregulação do indivíduo para que não realize essas práticas?

3.3- COMO O ESTADO ATUA NO DESENVOLVIMENTO DO AUTOCONTROLE DO INDIVÍDUO?

Em um primeiro momento para que se possa compreender como o Estado exerce o controle dos impulsos primitivos do indivíduo faz-se necessário apontar um conceito sobre este, sua constituição, formação e como será utilizado os referenciais teóricos para compreender a realidade brasileira.

Objeto de estudo da Ciência Política e da subárea da Sociologia, a Sociologia Política, o Estado conforme demonstra Marconi, em linhas gerais, pode ser compreendido como um mecanismo de controle social dos seres humanos. Em síntese “é uma organização que exerce autoridade sobre seu povo, por meio de um governo supremo, dentro de um território delimitado, com direito exclusivo para a regulamentação da força.” (LAKATOS, MARCONI, 1999, p.186).

Note-se que entre as características levantadas pela autora encontramos: o povo, poder soberano, território e monopolização da violência. São essas quatro principais características que formam o Estado. Sendo todas elas imprescindíveis, e interdependentes. Considerando as características atribuídas ao Estado de uma maneira geral, é necessário a descrever a concepção adotada por Norbert Elias sobre sua formação e concretização, vale ressaltar que a escolha pelo referencial teórico deve-se ao fato de que este corresponde com o objeto desta pesquisa, além de permitir uma análise interdisciplinar, visto que a questão histórica aliada a sociologia dos processos sociais é um dos qualitativos de sua teoria.

Uma vez assumido nosso referencial teórico, conforme demonstra Oliveira Junior (2003), Elias pauta sua teoria acerca do processo civilizacional em dois pilares: o primeiro deles é o processo de transformação do indivíduo e a segunda é a teoria de formação do Estado. Sendo o primeiro deles a psicogênese e o segundo a sociogênese, tais processos constituem-se em um alto grau de interdependência e devem ser observados em um processo de longa duração. Considerando que nenhum Estado existe sem que nele haja internalizado em seus habitantes estes mecanismos de controle. Oliveira Jr, traz a compreensão dessa categoria a partir da leitura de Norbert Elias

A sociogênese apresenta-se como uma forma de contemplar “o desenvolvimento das estruturas sociais”. Para tanto o processo civilização é associado a criação do Estado moderno enquanto uma forma de compreensão das transformações sociais. A formação e consolidação do Estado são dados no sentido de uma monopolização dos dados coercitivos para o controle, coordenação e integração para o “conjunto de processos sociais”. Cabe lembrar que tanto a psicogênese como a sociogênese são vistas em um longo prazo como alto grau de interdependência entre ambas “elas são aspectos interdependentes do mesmo desenvolvimento a longo prazo”. (OLIVEIRA JR, 2003, p. 85)

Sinteticamente temos que o autocontrole seria resultante de características pessoais do indivíduo, como por exemplo, a razão e a consciência ao passo que o controle externo seria resultante tanto dos agentes da Lei, detentores do monopólio da força física, quanto a Lei propriamente dita.

Para o autor, o autocontrole exigido diferencia-se conforme a sociedade em que o indivíduo está inserido. No caso de uma sociedade guerreira, em que há exaltação de lutas e enfrentamentos corporais, esta exigência é reduzida se comparada a uma sociedade mais pacífica. Ou seja, ainda que o autocontrole esteja relacionado a consciência do indivíduo, esta sofre alterações e é formada por imposições sociais.

Nesse sentido, cabe ressaltar que o indivíduo é educado também em conformidade com as normas vigentes e que isto faz com que estas normas, também se encontrem internalizadas, em sua consciência. É o caso, por exemplo, da violência tornando-se comum o repúdio à mesma, entretanto devido a quantidade de atos violentos que permeiam e que o indivíduo está exposto, esta repulsa acaba sendo mitigada. Demonstrando assim, que tanto o autocontrole quanto o controle externo são interdependentes, ao mesmo tempo que o indivíduo sofre modificações pelo meio em que vive, também é capaz de alterá-lo. (ELIAS, 1992).

Quando tratamos a teoria civilizacional, por cautela vale ressaltar que a utilização do termo empregado por Elias, não possui uma carga valorativa, conforme demonstrado por Dunning (2010) constitui-se somente em uma palavra técnica. Utilizada por Elias para tratar dos processos sofridos pelos países da Europa Ocidental que fez com que seus habitantes se percebessem como “civilizados”.

Dunning (2010) ressalta que em nenhum momento Elias compreendeu a sociedade europeia como mais evoluída, buscando demonstrar diferenças entre sua teoria e as teorias evolucionistas. Ademais, uma das características das teorias de Norbert Elias é o fato de ser antiideológica, atendo-se aos fatos. Exemplo disso é que o autor vê os acontecimentos e genocídios existentes no holocausto não como uma exceção, mas como um fator que pode se repetir no futuro em sociedades altamente tecnicizadas a depender das condições sociais.

Logo, a teoria civilizacional proposta por Elias não trata de uma teoria do progresso, ou evolucionista, mas sim, leva em consideração a complexidade dos processos sociais em uma perspectiva de longa duração. Prevendo tanto o desenvolvimento progressivo quanto regressivo. A perspectiva histórica de formação e constituição dos Estados, leva em consideração uma longa duração, isto é, um amplo lapso temporal com todas suas fissuras, fusões, e integrações, permitindo o pesquisador compreender o processo histórico de formação do estado de maneira interdependente com a formação da personalidade do indivíduo.

Isto significa dizer que a teoria Elisiana permite visualizar os nuances de uma sociedade moderna e complexa. Oliveira Junior (2003) ao estudar a teoria Elisiana identifica que há elementos que destacam-se como ensejadores da formação do Estado, sendo eles: a) o controle dos meios de força, b) a alta tributação, c) a centralização do poder, d) o reforço das teias de interdependência, e) a democratização funcional e por fim o f) estabelecimento de padrões sociais.

Desta forma, em a Sociedade da Corte e em sua obra Processo Civilizador, volume II, Elias demonstra como os Estados Europeus se constituíram, mas destaca-se aqui que houve a intensificação e a detenção do monopólio da violência por parte do Soberano e com isso as teias de interdependência entre os aristocratas e soberano passam a se intensificar, garantindo a manutenção do *status quo*.

A partir dessa intensificação e detenção das teias de interdependência o indivíduo passará a desenvolver o autocontrole, ou seja, o controle de suas emoções internalizando as regras externas impostas. Assim, o desenvolvimento do autocontrole se dá a partir do controle efetuado por terceiros (ELIAS, 1993).

Elias (1994), prevê o desenvolvimento do autocontrole desde a infância do indivíduo. Tendo em vista que a regra transmitida por terceiros vem ocorrendo no processo de formação do indivíduo, e encontra-se de forma variável com os grupos e configurações aos quais o indivíduo pertence. Dito de outra forma, a criança perpassa pelo processo de aprendizagem de normas de conduta de acordo com o meio ao qual ela está inserida. Também, vale dizer, há o processo de desenvolvimento de auto controle a nível sócio cultural, quando há a padronização de controles e comportamentos dos indivíduos pertencentes a uma determinada configuração.

Pergunta-se qual seria a possível articulação destas categorias com nossa pergunta de partida? O Estado ao promulgar uma Lei mais rigorosa estaria intensificando as teias de interdependência? Influenciando na formação da psicogênese? Acredita-se que para

compreender esses questionamentos deve-se remeter ao estudo do Monopólio de violência estatal, e como este pode se apresentar em nossa sociedade. Conforme outrora explicitado uma das características pertinentes ao Estado, e também como ensejadora do desenvolvimento do autocontrole é o exercício pelo poder governamental do Monopólio da Violência.

Partindo da teria Elisiana acerca desta categoria Defrance (2010), realiza sua análise na obra Norbet Elias: A Política e a História de organização de Garigou e Lacroix, para ele a utilização da força pelo Estado é expressa principalmente através dos militares que possuem como objetivo “[...] assegurar que o treinamento físico para guerra continue sendo monopólio do exército, continue sendo à atividade de homens incorporados ao poder militar. [...] Em suma os militares agem para desmilitarizar os civis” (DEFRANCE, 2010 p. 232).

Desta forma, compreende-se que o Estado, representado nos estádios pelos policiais militares e seu policiamento ostensivo, demonstra aos torcedores organizados que detêm o controle da violência. Pois, a eles é conferido o poder de agir com a violência proporcional e necessária para contenção da população.

Logo, este monopólio (controle de forças) existe como uma forma de pacificação tanto interna, com relação a outros grupos que se situam no mesmo território, ou ainda como mecanismo de defesa dos outros Estados. É através do monopólio e da utilização das forças que o Estado consegue assegurar a defesa dos indivíduos (povo), intermediando também possíveis disputas internas. Elias (1994) dita que através desse controle das forças externo dá ensejo ao desenvolvimento do autocontrole. Nesse sentido leciona Brandão:

[...] a pacificação interna da sociedade faz com que seus indivíduos sejam “obrigados” a convier pacificamente, transformando sua maneira de agir. Ao terem essas maneiras observadas, e também ao terem essas maneiras observadas constantemente – pois estão numa situação de convívio social pacífico o comportamento dos seus semelhantes está criando não intencionalmente o que Elias chama de controle social. A partir deste controle o código de conduta, ou padrão de comportamento das pessoas é alterado lentamente, aumentando a necessidade de vigiar seu próprio comportamento e modelando sua conduta pelos controles mais elaborados e sutis. Essa necessidade em policiar o próprio comportamento é o controle das emoções o qual se transforma, assumindo uma nova forma, em autocontrole quando já está internalizado na pessoa. (BRANDÃO, 2007 p. 182-183).

Assim, podemos perceber que o autocontrole não é apenas motivado pelo Estado, seja através do monopólio e uso da força física, da criação de tributos, mas também das normas de condutas sociais, e da constante vigilância social sobre o agir do indivíduo. Isto posto perguntamo-nos o que derradeiramente entendemos sobre sociedade? Como as normas de

condutas sociais podem ou não interferir na prática de atos violentos pelos torcedores organizados? Para tanto, será discutido a teoria de sociedade que contribuirá para este estudo.

Antes, contudo, há que se responder outra pergunta, quando tratamos da teoria Elisiana sobre a constituição de Estados nacionais estamos tratando de um estudo realizados em países Europeus, e partindo de uma perspectiva de longa duração, mas como podemos entender e utilizar esta teoria para compreensão do objeto de pesquisa? Para tanto, passa a ser feita uma análise das medidas legais que tratam sobre as práticas esportivas, com ênfase no futebol com o perpassar do tempo, para que se possa identificar à luz da teoria Elisiana se a atuação estatal visa o desenvolvimento da psicogênese?

4. LEI 12.299 DE 2010: UMA ANÁLISE DA CONJUNTURA

4.1 REGULAMENTAÇÃO DO FUTEBOL A PARTIR DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988.

Conforme outrora demonstrado o processo civilizacional proposto por Elias é necessário a existência de uma longa duração. Neste trabalho adotamos a concepção de que o Estado atua como agente no desenvolvimento do autocontrole, a partir da elaboração e publicação de norma, desta forma, entendemos como necessário realizar uma retomada de como o esporte e em sequência a segurança do torcedor vem sendo tratados pela legislação vigente.

O reconhecimento do esporte como bem jurídico a ser protegido que ocorreu pela primeira vez em uma norma Constitucional no país no ano de 1988. As normas Constitucionais estão localizadas no topo do Ordenamento Jurídico e, por sua vez, são dotadas de superioridade hierárquica em seu corpo legislativo (artigo 217) tutelam o desporto. Essas normas conferem o desporto um status de bem jurídico e um direito de todos.

Nota-se que o legislador originário utilizou o termo desporto, utilizando-o como sinônimo da palavra esporte. O referido uso do termo como equiparação se deve ao fato “da origem literal da palavra na língua portuguesa e adotada pela Constituição” e o esporte “pela popularização e uso corrente da mídia” (BEM, 2009, p. 22). Assim, dita o artigo 217 da Constituição Brasileira:

Art. 217. É dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não-formais, como direito de cada um, observados:
I - a autonomia das entidades desportivas dirigentes e associações, quanto a sua organização e funcionamento;

II - a destinação de recursos públicos para a promoção prioritária do desporto educacional e, em casos específicos, para a do desporto de alto rendimento;
 III - o tratamento diferenciado para o desporto profissional e o não-profissional;
 IV - a proteção e o incentivo às manifestações desportivas de criação nacional.
 § 1º O Poder Judiciário só admitirá ações relativas à disciplina e às competições desportivas após esgotarem-se as instâncias da justiça desportiva, regulada em lei.
 § 2º A justiça desportiva terá o prazo máximo de sessenta dias, contados da instauração do processo, para proferir decisão final.
 § 3º O Poder Público incentivará o lazer, como forma de promoção social (BRASIL, 1988)

O dispositivo supramencionado trouxe as diretrizes do desporto nacional que devem ser adotadas pelo Estado sendo elas: a autonomia das entidades desportivas dirigentes e associações, quanto a sua organização a seu funcionamento; a destinação de recursos públicos a promoção prioritária do desporto educacional e, em casos específicos, para a do desporto de alto rendimento; o tratamento diferenciado para o desporto profissional e o não profissional; a proteção e o incentivo às manifestações desportivas de criação nacional.

Uma vez que relaciona o desporto com as práticas recreativas de lazer, a Constituição Federal o prevê como um direito social em seu artigo sexto. Embora conexo com o direito ao lazer, a relação não se restringe a este, sendo associado aos demais direitos como o próprio direito à vida, à saúde e à educação.

De notável valor ao Estado é a prática desportiva, seja por sua importância educacional, cultural ou ainda a comercial e econômica. Capez (2003, p. 122) assegura que “o desporto é um valor cultural protegido estimulado e fomentado pelo Estado, representando a sua prática regular de elevado benefício social [...] e é interesse da União protegê-lo”.

A prática do desporto é um direito individual conferido a todos os cidadãos, estando livre a sua associação, conforme a sua capacidade e interesse. E para tanto, fica incumbido ao Estado a sua proteção em um primeiro momento e o seu incentivo e promoção de suas práticas, sejam elas formais ou não. Quanto ao dever de fomento, constitui-se em um direito social (SILVA, 2008).

Assim, a Constituição Federal, em seu artigo 217, consagra que o esporte, formal ou não, constitui um direito de todo o cidadão e um dever, por parte do Estado, de seu incentivo, constituindo uma diretriz para todos os envolvidos com a prática desportiva.

Cabe ressaltar que a diferenciação entre práticas formais e não formais foi feita pela lei de número 9.615 de 1988, conhecida como a Lei Pelé. Caracterizando as práticas formais como esporte de alto rendimento e as não formais como aquelas de participação realizadas durante atividades recreativas e de educação. É importante observar que o inciso IV, do artigo 217, da Constituição Federal, traz em seu bojo “a proteção e o incentivo às manifestações

desportivas de criação nacional”. Entretanto engloba aquelas que já tenha se difundido nacionalmente. Assim também é o futebol, esporte amplamente praticado, seja de alto rendimento ou futebol de várzea que, embora não seja de criação nacional e sim inglesa, deve ser protegido e sua prática incentivada pelo Estado.

O futebol envolve praticantes amadores, profissionais, semiprofissionais, profissionais de diversas carreiras, ocupações e serviços e, também, os torcedores. Os torcedores, enquanto cidadãos brasileiros, têm a sua segurança protegida e garantida pelo Estado. Esta segurança está respaldada pelo Código de Defesa do Consumidor e pelo Estatuto do Torcedor.

Ressalta-se que nos estádios a segurança do torcedor é representada pela atuação de policiais militares que ostentam e transmitem naquele momento aos expectadores a detenção do monopólio da força pertencente ao Estado. Desta forma atuam repressivamente objetivando o controle externo das emoções dos indivíduos. Para que, de acordo com a teoria Elisiana possa desenvolver de maneira interdependente o controle dos torcedores. Não obstante a previsão Legal de titularidade de proteção do esporte, foi necessário a criação de uma lei específica que regulamente, principalmente o que tange aos direitos e garantias do torcedor que desfruta do espetáculo, têm-se assim o Estatuto de Defesa do Torcedor (EDT).

O EDT está vigente desde 15 de maio do ano de 2003. Antes disto, há alguns julgados de segunda instância em que há a aplicação da Lei nº8.078de1990 (Código de Defesa do Consumidor). Isto porque a Lei de número 9.615 de 1988 (Lei Pelé) equipara o consumidor ao torcedor. O artigo 42 da Lei Pelé dispõe, em seu parágrafo 3º, que “o espectador pagante, por qualquer meio, de espetáculo ou evento desportivo equipara-se, para todos os efeitos legais, ao consumidor, nos termos do art. 2ºdaLei nº8.078, de11de setembro de1990” (BRASIL, 1988a).

Tal equiparação não foi o suficiente para a proteção e tutela do torcedor. Sendo assim, houve a necessidade da elaboração de uma norma própria, reconhecendo os direitos e a importância cada vez maior do esporte como um todo, com ênfase no futebol. Nessa linha, há o reconhecimento por parte do legislador na própria exposição de motivos que levam à aprovação do Estatuto do Torcedor:

A aprovação do presente Projeto de Lei significa o reconhecimento da relevância de que se reveste a atuação do torcedor na atividade esportiva no País, não apenas como cidadão que deve ser respeitado em sua integridade física e em sua paixão nessa expressão cultural de nosso povo, mas como consumidor amplamente assediado pela oferta de produtos esportivos. Portanto, o torcedor como verdadeiro financiador do futebol brasileiro, necessita que, além da aplicação das normas gerais do Código de Defesa do Consumidor, sejam aplicadas normas específicas, as quais estão presentes neste Estatuto e que envolvem este importante setor da atividade econômica do País. (BRASIL, 2002) p.g. 6.

O reconhecimento daqueles que participam e corroboram tanto financeiramente (com aquisição de produtos e ingressos) quanto com o comparecimento, incentivo aos jogadores, amor incondicional ao clube, como sujeitos de direito que merecem, sobretudo, uma legislação específica garantindo-lhes proteção, constitui um avanço legislativo no país.

Embora o Estatuto de Defesa do Torcedor diga a respeito aos demais esportes, notadamente, foi elaborado especialmente para o futebol. Haja vista tratar-se de um dos esportes mais populares do país. Cabe ressaltar que foi mantido pelo Estatuto de Defesa do Torcedor, a equiparação e o reconhecimento a estes enquanto consumidores:

Art. 3º. Para todos os efeitos legais, equiparam-se a fornecedor, nos termos da Lei 8.078, de 11 de Setembro de 1990, a entidade responsável pela organização da competição, bem como a entidade de prática desportiva detentora do mando de jogo. (BRASIL, 2010).

Desta forma, ao equiparar o detentor de mando de campo e as entidades responsáveis pela organização à figura de fornecedor, aquela passa a assumir todos os ônus da pessoa jurídica. Importante notar que esta equiparação favoreceu para que as entidades sejam responsáveis especialmente pela segurança do torcedor, pois de acordo com o artigo 6 do Código de Defesa do Consumidor:

Art. 6º São direitos básicos do consumidor:
I - a proteção da vida, saúde e segurança contra os riscos provocados por práticas no fornecimento de produtos e serviços considerados perigosos ou nocivos;
[...]. (BRASIL, 1990).

Porém, ainda que a lei consista um avanço, havia a necessidade do estabelecimento de leis específicas acerca da segurança do torcedor, das responsabilidades civis e suas formas de punições (REIS, 2006). Assim, no ano de 2010 foi aprovada a Lei de número 12.299 que estipula mudanças consideráveis no Estatuto de Defesa do Torcedor, objeto deste estudo. Tais mudanças serão abordadas na próxima seção, desde sua proposição perante o poder legislativo até sua publicação.

4.2 OS TRÂMITES DA LEI 12.299/2010 E SUAS POSSÍVEIS CAUSAS

A presente seção visa estabelecer uma análise de conjuntura da elaboração e promulgação da lei 12.299 de 2010 que altera o Estatuto de Defesa do Torcedor instituindo medidas de prevenção e repressão a violência nos estádios.

Partindo do conceito de análise de conjuntura do autor Souza (1986), buscamos evidenciar os acontecimentos, cenários, atores e as relações de força existentes. Desta forma para a concretização dos objetivos realizou-se duas etapas, sendo que a primeira analisa a propositura da lei que ocorreu no ano de 1995 a sua promulgação em 2010, e a segunda analisa o entendimento dos estudiosos do Direito acerca da temática.

4.2.1- A PROPOSIÇÃO DA LEI

A Constituição Federal em seu artigo 217 consagra que o esporte, formal ou não, constitui-se um direito de todo o cidadão, sendo o dever uma obrigação do Estado, que, além de incentivar deve constituir uma diretriz para todos os envolvidos com a prática desportiva. Cabendo a sua regulamentação na legislação infraconstitucional, especificamente no que tange a segurança do torcedor e partícipes do evento adota-se o Estatuto de Defesa do Torcedor e o Código de Defesa do Consumidor.

O Estatuto de Defesa do Torcedor foi promulgado no ano de 2003 e alterado no ano de 2010 com a promulgação da lei 12.299 (objeto deste estudo). Entre as mudanças instituídas, pode-se citar: a) a tipificação de condutas em seu artigo 41-B, b) as condições de permanência no local do espetáculo esportivo; c) tipificação da prática do cambismo (venda de ingressos no valor superior ao vendido nas bilheterias); d) punição por parte das torcidas organizadas (artigo 39) e sua regulação enquanto pessoas jurídicas de direito privado, e) a tipificação de fraude no resultado da partida; e f) prática de alteração e ou falsificação do resultado.

A proposição da lei 12299 de 2010 ocorreu no dia 11 de maio de 1995, o quando o deputado Arlindo Chinaglia apresentou o Projeto de Lei 451 de 1995 que futuramente viria a ser a Lei 12.299. Ao verificarmos a justificativa da proposta vemos que o Deputado sustentou motivos econômicos, como por exemplo o esvaziamento dos estádios, sendo considerado na época “programa de aventureiro” (NEM, 1995) e sociais, além do “entristecimento de nosso horizonte esportivo”. (BRASIL, 1995).

Note-se que apesar de o Estatuto de Defesa do Torcedor ser aplicado para todos os esportes, dá-se maior ênfase ao futebol e podemos afirmar isso pela justificativa da propositura da lei:

O Exemplo marcante frequente, quase cotidiano, é a violência que se pratica nos esportes, com destaque para o futebol, que cada vez mais soma tristeza por assassinatos inaceitáveis: crianças, jovens, mulheres e pais de família são vítimas indefesas. As famílias e amigos se enlutam. Por ironia mesmo o futebol que nos deu tantas alegrias tem sido palco de agressões e violência” (BRASIL, 1995).

Verificamos que o autor faz menção a mortes ocorridas por participantes de partidas de futebol. Nos anos de 1992 e 1994 na cidade de São Paulo, ocorreram doze mortes relacionadas ao futebol (PIMENTA, 2000). No dia 12 de outubro de 1994, no estádio Brinco de Ouro da Princesa onde ocorreu o jogo entre Guarani e Corinthians, houve o confronto entre torcidas organizadas, que, resultou na morte de Sérgio Francheshini de 16 anos. (POLISEL, 2007)

O estopim ocorreu no ano de 1995 com a conhecida “batalha do Pacaembu” na final da Copa São Paulo de Futebol Júnior, onde houve o confronto entre torcedores dos times São Paulo e Palmeiras, resultando na morte televisionada de um garoto de apenas 13 anos. (REIS, 2008). Sobre este episódio, no programa “Apito Final” que foi ao ar no mesmo ano, o apresentador Armando Nogueira declarou:

É com um constrangimento inimaginável. Eu estava vendo estas cenas a se não é o caso de agente fazer uma pergunta mais profunda, porque a paisagem humana que eu vi em campo era predominante de adolescentes, predominantemente de garotos e aí eu pergunto como desculpar tudo isso? O que o Brasil tem feito pela sua infância? O que o Brasil tem feito pela sua adolescência? [...] eu não tenho a menor dúvida que nós não podemos nos considerar inocentes. (NOGUEIRA apud PIMENTA, 2000, p. 123).

Ao transcrevermos a narrativa abordada pelo programa televisivo, podemos notar que houve, por parte da mídia, a busca de uma resposta do governo federal aos atos praticados. Esta busca foi evidenciada através da pergunta “O que o Brasil tem feito pela sua infância?”

Frente a estas ocorrências, a Federação Paulista de Futebol decretou a proibição da utilização de uniformes de torcidas organizadas no estado de São Paulo, medida esta que perdurou até o ano de 2003. Ainda que as vestimentas, instrumentos musicais e bandeiras das torcidas organizadas fossem proibidos, as torcidas organizadas eram facilmente identificadas pelos locais em que assistiam aos jogos e pelas vestimentas do clube que ostentavam. (REIS, 2008).

A medida trouxe consigo o questionamento dos torcedores organizados. Um destes questionamentos é visivelmente notado em uma música entoada pela torcida Gaviões da Fiel nessa época. As torcidas organizadas apresentaram resistência às medidas estatais, polarizando a relação de forças na época. Em contrapartida do poderio estatal, os torcedores continuaram a comparecer aos estádios e apoiar seus times, mesmo com a proibição do comparecimento de bandeiras, instrumentos e vestimentas que os caracterizassem.

Na mesma época da Proposta Legislativa, ora em análise, há uma nova proposição a de número 865 de autoria de Perela que “veda o ingresso, nos estádios de futebol de torcedores uniformizados, ou portando camisetas, bandeiras, distintivos ou quaisquer outros

artefatos que identifiquem a preferência por qualquer clube de futebol”. (BRASIL, 2001). Este projeto considera como contravenção penal o pertencimento a uma torcida organizada, ambas as propostas foram votadas e analisadas conjuntamente. Outro projeto de lei semelhante foi proposto no mesmo ano.

A decisão do banimento das torcidas organizadas em 1995 adotada pelo estado de São Paulo e o projeto de lei federal que propunha a mesma medida para todo o território nacional encontravam respaldo na polícia militar, que através da realização de um estudo chegou à seguinte conclusão: “camiseta estimula a sensação de poder e o anonimato no torcedor violento”. (CAMISETAS, 1995) No que tange a atuação policial, também podemos citar o que o delegado-seccional da cidade de Santo André-SP, no ano de 1995 afirmou que as torcidas organizadas são mais violentas que gangues.(TORCIDAS, 1995); No campo político verificamos que o deputado autor da propositura Chinaglia o fez em seu primeiro ano de mandato e foi reeleito novamente em 1999.

Podemos inferir que os acontecimentos que levaram a propositura da lei são as mortes relacionadas ao futebol, principalmente no estado de São Paulo, bem como o esvaziamento dos estádios pelas classes mais abastadas, considerando que as socialites denominavam a ida aos estádios um “programa de aventureiro”.

Por outro lado, após a ocorrência destas mortes, houve um clamor midiático respaldado pela população buscando uma satisfação do governo federal. Estes atores, inspirados nas medidas aplicadas pela Federação Paulista de Futebol, pelos estudos proferidos pelos Policiais Militares buscaram na lei ofertar uma resposta. Polarizando do outro lado a relação de forças encontravam-se as torcidas organizadas que desobedeciam às decisões do estado de São Paulo. Concomitantemente ao Projeto de Lei 451/1995, foram juntados outros projetos de lei a saber: 865 de 1995, 1.081 de 1995, 4084 de 2001 e 4172 de 2001. Resumidamente os projetos de lei apensos propõe:

Quadro 17: Proposições que compõem o projeto de lei 451 de 1995.

Número da Proposta	Síntese da Proposta	Autor
865 de 1995	Criminalização das Torcidas Organizadas	Perela
928 de 1995	Proibição da vestimentas de torcidas organizadas, imposição de penas aos líderes, jogadores, torcedores e organizadores do evento que promoverem tumulto	Cunha Lima
1.081 de 1995	Política nacional de prevenção e repressão de violência nos Estádios	Murad

214 1 de 1996	Atribuição de responsabilidade aos dirigentes esportivos a repressão dos atos de violência	Arthur Virgílio
404 8 de 2001	Numeração de lugares para eventos desportivos	Jair Meneguelli
417 2 de 2001	Normas de segurança para estádios com mais de cinco mil lugares, seguro para espectadores, plano emergencial e tipificação de condutas	Ronald o Vasconsellos
633 4 de 2002	Trata da necessidade de inspeção dos locais d realização das competições	José Carlos Coutinho
249 4 de 2007	Instalação do sistema de vigilâncias	Eugêni o Rabelo
486 9 de 2009	Acresce medidas de repressão a violência nos estádios	Poder Executivo
6.27 0 de 2005	Criminaliza a Fraude esportiva	Alberto Fraga
4.31 7 de 2008	Institui seguro de vida e acidentes pessoais aos torcedores	Silvio Torres
4.60 2 de 2009	Estabelece a exigência de comprovação da culpa de dirigentes e entidades esportivas pelos prejuízos causados ao torcedor por falhas na segurança dos estádios.	Vital Rêgo Filho

Fonte: A Autora quadro elaborado a partir da leitura de BRASIL, 2010.

Uma vez compreendido o cenário pelo qual houve a propositura da lei passamos a análise de sua tramitação perante o Congresso Nacional, tendo como principal fonte o site do órgão competente. Desde a sua proposição no ano de 1995 o projeto de lei obteve 20 movimentações, entre eles, o encaminhamento a mesa diretora e comissões permanentes.

Entretanto no ano de 1996 houveram apenas duas movimentações, sendo que uma delas é uma nova proposta e a outra uma redistribuição ao relator. A proposta legislativa apensada trata de atribuição da responsabilidade pela segurança dos torcedores as entidades desportivas, tanto no quesito preventivo quanto repressivo. Esta proposição foi aceita e somou-se ao projeto de Lei 451/1995 (BRASIL, 2017).

No ano de 1997, também houve somente duas movimentações ambas de encaminhamento as comissões, sendo em data de 24 de março para a coordenação de comissões permanentes e cinco dias após para a Comissão de Relações Exteriores. (BRASIL, 1997)

Não ocorrendo movimentações no ano de 1998, somente no ano de 1999 quando o deputado que propôs a lei foi reeleito, sendo arquivado e desarquivado no mesmo ano pelo motivo de fim de legislatura. No mesmo ano ainda tramitou pelas comissões de Educação e Cultura, tendo como relator o Deputado Zezé Perella, Comissão de Relações Exteriores de relatoria do deputado Paulo Kobayashi e posteriormente redistribuído ao deputado Damião Feliciano.

Ainda no ano de 1999, o projeto retornou a Comissão de Educação e Cultura com o mesmo relator que entendeu como necessário o apensamento do projeto de lei número 2141 de 1996 e 1081 de 1995. Quanto ao segundo projeto (1081 de 1995) é de autoria do sociólogo Murad, estudioso sobre a prática de violência relacionada ao futebol.

O sociólogo propõe o alinhamento de condutas repressivas e preventiva no que tange a violência desportiva. Atribuindo responsabilidades, propondo às condições mínimas de permanência do estádio e também a instituição de penas de prestação de serviços a comunidade em detrimento a pena de restrição a liberdade. O Relator foi favorável a sua aprovação em data de 10 de julho de 1999, relatando:

“Só haverá paz nos estádios se houver respeito aos regulamentos do jogos, às regras do jogo, aos direitos do torcedor, ao trabalho do jogador. É preciso relacionar o relacionamentos do clube e as torcidas, combater a corrupção nas arbitragens, impedir o uso da estrutura do futebol para projetos políticos pessoais, pôr termo a desorganização dos campeonatos – enfim tomarmos uma série de medidas capazes de estabelecer condições mínimas de se iniciar, um sofrido mas inadiável processo de entendimento e negociação entre torcidas, clubes e órgãos de segurança, com o apoio da opinião pública” (BRASIL, 1999)

Verificamos em seu relatório que o deputado Zezé Perella preocupa-se com a prevenção aos atos de violência nos estádios, tomando-o como decorrente de uma multiplicidade de fatores e que portanto para que se possa coibir suas práticas seria necessário uma operação em consonância com diferentes setores da sociedade, por outro lado, também podemos apontar que houve uma preocupação em atender a demanda da opinião pública.

Quanto aos projetos de lei 865 de 1995 que criminaliza as torcidas organizadas o relator considerou que a comissão é incompetente para a análise da Comissão, o mesmo ocorre para o projeto de Lei 928 de 1995 que proíbe a utilização de quaisquer sinais externos identificando o pertencimento a uma torcida organizada.

Deste modo o voto emitido pelo relator admitindo a aprovação dos projetos de lei 1081 de 1995 e 2141 de 1996, foi aprovado de maneira unânime pela comissão de Educação e Cultura, que por sua vez encaminhou à Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional em 30 de junho de 1999.

O relator votou de maneira desfavorável a este projeto bem como aos projetos 865/1995, 928 de 1995 e 1081 de 1995, expondo que entende que estas diferentes propostas legislativas resultam do clamor público em face a ocorrências em que se relaciona o envolvimento de torcedores organizados a prática de violência no esporte. Ressalta ainda, que as entidades desportivas motivadas por fatores financeiros, de maneira simultânea ao Ministério Público trataram de buscar medidas rigorosas para a prevenção destas ocorrências, como por exemplo a propositura judicial requerendo a dissolução das torcidas organizadas. (BRASIL, 1999).

Deste modo o relator entendeu que houve uma multiplicidade de medidas tomadas pelos diferentes agentes: clubes, federações, polícia militar e ministério público que foram tomadas a luz da legislação anterior. Tais medidas demonstraram-se eficientes para combater a violência que ocorre dentro dos estádios, não havendo necessidade de aprovação de uma nova legislação específica. Ressaltou, ainda, que entende que a prática destes atos ainda continua a ocorrer em outros locais. (BRASIL, 1999).

Em novembro do mesmo ano o relator da Comissão de Constituição e Justiça, Deputado Ciro Nogueira, opinou pela sua constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa aprovando-o em conjunto com todos os demais apensados. No que tange ao mérito do projeto também foi favorável a aprovação destes.

Considerou-se o projeto constitucional tendo em vista que cabe ao Congresso Nacional legislar acerca de leis penais, e de competência concomitante legislar acerca do desporto. O relator entendeu que alguns artigos violam a Constituição Federal por estabelecer funções a polícia militar que são de atribuições privativas ao governo federal. No que tange ao Projeto de Lei 865 de 1995 o legislador entendeu que ao instituir como uma contravenção penal o pertencimento a torcida organizada desrespeita o direito constitucional de associação para fins lícitos, o mesmo ocorre quando ao Projeto de Lei 928 de 1995 com proposta semelhante. (BRASIL, 1999).

O Relator considerou ineficaz o dispositivo incluso no projeto de Lei 1081 de 1995 que faculta aos estados federados a criação de vara especializada para processar e julgar casos de violência nos estádios, haja vista que a Administração da Justiça já cabe a estes órgãos além de tratar-se de uma faculdade. No que tange ao Projeto de Lei 2141 de 1996 que institui

responsabilidade as entidades desportivas respondendo de forma civil, penal e administrativa o relator considerou constitucional.

Desta forma apresentando os artigos em que houve vício em sua constitucionalidade o relator apresentou o substitutivo com a remoção dos artigos citados “aproveitando-se o que há de bom nos diversos projetos, buscando-se assim solucionar o problema grave e atual da violência nos estádios” (BRASIL, 1999 P.3336), bem como, relatou que o dispositivo que tipifica as condutas criminosas possui uma redação confusa e que portanto deveria ser reescrito. No que tange a punição de comparecimento dos condenados em delegacias em dias de jogos o relator sugeriu para a sua substituição para prestação de serviços à comunidade.

Encaminhado o relatório do deputado Siro Nogueira aos demais membros da Comissão de Constituição e Justiça, estes aprovaram de maneira o parecer decretando sua Constitucionalidade, juridicidade, técnica legislativa além de ser favorável a aprovação no que tange ao mérito. A aprovação ocorreu em data de 14 de dezembro de 1999 na Sala da Comissão sob a presidência do Deputado Inaldo Leitão.

O projeto de lei e seus apensados foram reencaminhados em março de 2000 para Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional sob relatoria do Deputado Clóvis Volpi que emitiu parecer contrário a aprovação do Projeto de Lei número 451/1995, 865 de 1995, 928 de 1995 e 1081 de 1995 sendo apenas favorável ao 2.141 de 1996.

Um ano após a desaprovação do deputado Clóvis Volpi foram apensados dois outros projetos de lei, quais sejam o de número 4.048 e 4172 de 2001. O primeiro deles é de autoria do deputado Jair Manegueli que propõe a utilização de assentos numerados em todos os locais dos estádios e ginásios desportivos, além da divisão setorial de torcidas antagônicas. Em sua justificativa o deputado pautou-se na queda do alambrado que ocorreu no ano de 2000 no estádio São Januário no Rio de Janeiro, além de ser uma medida recomendada pela FIFA. (BRASIL, 2000).

Quanto ao projeto 4.172 de 2001 é de autoria do deputado Ronaldo Vasconcelos também se preocupa com a infraestrutura dos estádios devido a ocorrência do fato supramencionado. Neste projeto há a regulamentação de maquinário obrigatório aos estádios que comportem um número superior a cinco mil pessoas, devendo registrar todas que ingressem nos estádios, bem como evitar a entrada de espectadores clandestinos. Bem como, a separação efetiva entre torcedores e o campo de jogo de no mínimo 15 metros, saídas de emergências e cadeiras numeradas.

Novamente o projeto de lei e seus apensados foi encaminhado a Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional, em 22 de março de 2001 tendo o deputado José Carlos

Martinez como relator, A Comissão novamente votou contrária ao projeto de Lei 451 de 1995, 865 de 1995, 928 de 1995 e 1081 de 1995, e favorável aos projetos de lei 2.141 de 1996, 4048 de 2001 e 4172 de 2001.

O Relator entende que as legislações propostas no ano de 1995 foram frutos de um clamor midiático frente as diferentes ocorrências envolvendo torcedores organizados praticando atos violento acreditando que quatro anos após estas ocorrências seria possível um panorama geral que não estaria contaminado por aspectos subjetivos frente a estes fatos.

Em parte, o autor foi contrário à aprovação do projeto de Lei número 451 de 1995 porque invade a competência dos governos estaduais como a atuação dos Policiais Militares, a proibição de vendas de bebidas alcoólicas nos espetáculos desportivos. Quanto a previsão de condutas tipificadas como criminosas o relator entende que estas já estariam previstas no Código Penal e de Contravenções sendo desnecessária a criação de uma lei específica que agravem as penas, pois:

Do ponto de vista da segurança pública, o agravamento de penas não contribui para evitar situações que são ditadas pela emoção, pois em tais ocasiões, quando o infrator se dispõe a praticar a ilegalidade, a sua racionalidade já está embotada para avaliar as consequências de seus atos. (BRASIL, 2000)

Neste sentido podemos auferir que o Relator entende que a tipificação de condutas além de instituir como crimes condutas ora previstas está partindo de premissas equívocas de que um maior rigor penal inibiria a prática de atos violentos.

A despeito do projeto de lei 865 de 1995 o relator julgou ser uma proposta legislativa insensata tendo em vista que visa impor um comportamento ao torcedor de futebol distinto do habitual. Devendo a lei apenas regular sobre os excessos. Além de tratar-se de uma contravenção penal de difícil controle, a mesma justificativa foi aplicada ao projeto de lei 928 de 1995. O Relator também entendeu de que a PL 1081 de 1995 também estaria repetindo o que já estava previsto no texto constitucional ao responsabilizar os diferentes participantes do evento pela prevenção de intercorrências.

Ao tratar do Projeto de Lei 2141 de 1996 o relator entendeu que após a “batalha do Pacaembu” houve um esvaziamento dos estádios e que devido a este fator os clubes, a Polícia Militar e o Ministério Público atuaram visando prevenir e reprimir novos ato semelhantes. Para o relator essas medidas vêm se mostrando eficientes, entrementes, lamenta que tenham sido tomadas apenas por motivos financeiros. O relator foi favorável à sua aprovação pois entende que estas medidas devem-se tornar uma obrigação.

Sendo favorável também aprovação dos Projetos de Lei 4.084 de 2001 e 4.172 sendo consideradas propostas que visam evitar a superlotação dos estádios, capazes de evitar

acidentes como ocorreu no estado do Rio de Janeiro, bem como da prática de atos violentos entre torcedores. O voto do relator foi aprovado pela Comissão em assembleia deliberativa possuindo apenas um voto contrário, o emitido pelo Deputado Jair Bolsonaro.

Em 2002 foi apensada nova proposta legislativa de autoria de José Carlos Goudinho, o projeto de Lei número 6.334. que também justificada nos acontecimentos no estádio são Januário trata da estrutura dos estádios instituindo como crime a realização de eventos em locais não submetidos a inspeções ou sobre os quais hajam laudo desfavoráveis da autoridade competente acerca destas práticas. (BRASIL, 2002).

Após este apensamento não houve nenhuma movimentação do projeto até onze de dezembro de 2007 de autoria de Eugênio Rabelo com pedido de apreciação de urgência que dispõe sobre a utilização de câmeras para vigilância e monitoramento ostensivo nos estádios. Possuindo como justificativa a ocorrência de atos de violência nos estádios (BRASIL, 2007).

Com o apensamento houve apenas a movimentação apenas no ano de 2009 e encaminhamento para sessão deliberativa no dia 04 no mês de março as 14:00h porém não foi apreciada devido a não conclusão de apreciação de Medida Provisória. O mesmo ocorreu nos dias 11, 17 e 18 do mesmo mês, nesta última data em razão do falecimento do deputado Clodovil Hernandes.

Em 2009 foi apensado novo Projeto de Lei sob número 4.869 de 2009 elaborado por representantes dos órgãos do poder legislativo, do Ministério da Justiça, do Poder Judiciário e da Confederação Brasileira de Futebol. Esses representantes foram designados pela portaria emitida pelo Ministério da Justiça sob número 1.195 em data de 26 de junho de 2008. Esta comissão tinha por finalidade estudar medidas legislativas a despeito da segurança do torcedor. (BRASIL, 2009).

O grupo de estudos apresentou propostas de alterações ao Estatuto do Torcedor lei 10.671 de 2003 afim de criminalizar atitudes violentas nos estádios e suas intermediações em datas de realização de jogos. Ademais, a proposta apresenta um conceito de torcida organizada instituindo como obrigações o cadastramento de seus associados instituindo o sistema nacional de cadastramento do torcedor. Por fim, prevê como condutas criminosas que entendem serem capazes de incitar a prática de atos violentos como a corrupção no futebol e a fraude nos resultados esportivos. (BRASIL, 2009)

Novamente o projeto de lei foi encaminhado para plenário no mês de março e abril sem ser devidamente apreciado. Somente em 29 de abril o deputado proponente do projeto de Lei 451 de 1995 requereu urgência para a deliberação alegando tratar-se de matéria de relevante interesse nacional. (BRASIL, 2009 b).

Finalmente em data de 06 de maio de 2009 o projeto de Lei 451 de 1995 e seus apensados foram a plenário para deliberação em discussão de turno único. Durante a sessão foram apresentadas duas emendas para votação, sendo que a primeira delas não foi acolhida por seu teor ser idêntico a Proposta legislativa de número 4.869 de 2009. Em sequência foram designados relatores das comissões para proferirem seus votos.

Perpassando pelo Deputado Eugênio Rabelo da Comissão de Educação e Cultura favorável a aprovação também foram favoráveis os deputados José Rocha da Comissão de Segurança Pública e combate ao crime organizado, Wilson Santiago que requer a adequação financeira do Projeto de Lei pela comissão de Finanças e Tributação e por fim o relator Arnaldo Faria de Sá da Comissão de Constituição e Justiça requerendo sua aprovação.

Desta forma, o projeto de Lei 451 de 1995 foi aprovado em sua substitutiva apresentada pela Comissão de Combate ao Crime Organizado, e encaminhado ao senado federal para sua aprovação, denominando de 451-B na mesma data. Assim, foi aprovada como Lei complementar que altera o estatuto de defesa do torcedor de número 12.2999 de 2010. Desta forma agora passaremos a análise do entendimento dos doutrinadores do Direito acerca da Lei.

Ante ao exposto, é evidente o valor do Estatuto de Defesa do Torcedor para a Legislação Brasileira. Nele, fica claro a preocupação do legislador acerca da defesa e segurança dos torcedores. Porém, para Nucci (2011) o Estatuto de Defesa do Torcedor está repleto de inconstitucionalidades e não possui muita técnica, tornando evidente a necessidade da produção acadêmica, como norte para os legisladores.

A Lei 12.299 de 2010 foi elaborada com o intuito de fornecer ao espectador do evento melhores condições, principalmente quanto à segurança, criando inclusive tipos penais específicos acerca do ambiente desportivo. Neste sentido, encontra-se o artigo 41-B que trata diretamente sobre o indivíduo que promove tumulto, pratica ou incita a violência ou ainda invade ambientes próprios a jogadores ou organizadores do evento.

O artigo 41-B encontramos a sobreposição de tipos penais, pois as condutas previstas podem ser encontradas em outros diplomas legais anteriores, inclusive no próprio Código Penal. Vislumbra-se, portanto, que os apelos da sociedade, juntando-se à atividade midiática, que se une a população, buscam a solução da violência com a produção de normas penais. Assim, conforme demonstra Zaffaroni:

Os novos papéis que a mídia entrou a desempenhar, configurando-se como um conjunto de agências de comunicação social do sistema penal que podem mesmo desempenhar tarefas das próprias agências executivas, resultam não apenas em uma instável legitimação primária da hipercriminalização, mas, sobretudo num sistema de compreensão induzida dos conflitos sociais a partir da estreita lógica binária

infracional. Este novo sistema penal, na sua face dura, não postula do encarceramento as utopias preventivas ressocializadoras, senão a mais fria e asséptica neutralização do condenado. (ZAFFARONI, 2006, p. 486).

Evidencia-se, assim, o papel dos veículos de comunicação que se empenha em induzir a sociedade em uma lógica repressiva penal, esquecendo-se das finalidades da pena. A respeito dos acontecimentos e do papel midiático que gerou este clamor público, o Professor Luiz Flávio Gomes demonstra que:

As mortes e selvagerias incontestáveis (sobretudo aquelas dos torcedores do Coritiba, no final de 2009) geraram emocionadas reações populares e midiáticas sempre canalizadas para o “maior rigor penal”. Os meios de comunicação, que bem sabem selecionar e hiperdramatizar a violência, cumpriram (uma vez mais) o seu papel de ecoar o clamor público. (GOMES et al., 2011, p. 115).

Deste modo, ante ao exposto, após analisar a tramitação legal ficou evidente o cenário pelo qual foi proposto na norma jurídica que é objeto deste estudo, trata-se de um cenário de esvaziamento dos estádios, quando se era considerado uma atividade perigosa, frequentá-los. Isto se deve ao fato de ocorrerem mortes em nome do futebol.

Tendo como principais autores destas práticas violentas os torcedores organizados, atuando em uma relação de força com o Estado, que por sua vez buscava atender o clamor populacional reforçado pela atividade midiática.

Concordamos com os estudiosos do direito no que diz respeito a elaboração da norma de maneira voltada ao atendimento destas solicitações, tanto é verdade que em análise dos pareceres das comissões legislativas encontramos referências a elas. Também ficou evidenciado que a tramitação e a movimentação da lei são feitas de maneira sazonal, isto acontece quando ocorrem episódios de maiores comoções públicas, como o caso do desmoronamento do alambrando ocorrido no estádio do São Januário no Rio de Janeiro.

Entretanto, a legislação não ocorreu de maneira apressada, ao contrário foi proposta desde o ano de 1995 e promulgada somente em 2010, e no que tange especificamente ao artigo 41-B este foi proposto por uma Comissão que estudou o caso brasileiro. Considerando que estas medidas foram destinadas a pacificação e o controle social, como podemos compreender essa atuação estatal a partir do referencial de Norbert Elias?

4.3 ANÁLISE DA ATUAÇÃO ESTATAL A PARTIR DA TEORIA ELISIANA

Uma vez realizada a descrição dos trâmites legais desde a propositura do EDT em 1995, até a sua promulgação, podemos compreender a partir da teoria Elisiana, que o Estado já vinha atuando no condicionamento dos afetos e impulsos primários através de uma série de normativas dispostas no Código Penal.

No entanto, ainda que já existissem normas capazes de prescrever punições em caso de atos violentos, tais como, a tipificação do homicídio, prática de lesões corporais, porte de arma de fogo, dano ao patrimônio, o Estado, impulsionado por uma necessidade de resposta da população no que tange as mortes, agressões e destruições nos estádios acaba por elaborar e promulgar o Estatuto de Defesa do Torcedor.

Isto é, a norma surge como uma resposta à população que acabava deixando de comparecer à esses eventos com receios de danos a sua integridade física. A sociedade se perguntava: “[...] quem são esses bárbaros? Porque atuam com tamanha ira e covardia? De onde vem a crueldade em seu estado mais bruto? Qual é a causa de tanta sanguissedência? Até onde vão o vandalismo em seu ímpeto destrutivo? De que é feito o fundamentalismo clubístico?” (Hollanda, Negreiros, 2015).

As perguntas feitas pela sociedade são semelhantes aquelas que Elias (1995) traz e que sugere uma nova reflexão, para ele em vez de indagarmos, como estes “bárbaros” agem de tal forma, deveríamos nos atentar, como em sua maioria os “civilizados” desenvolveram características capazes de conviver de forma pacífica. A fundamentação do Autor tem origem ao se comparar a violência explícita presente na antiguidade com a atual para ele há uma diferença quantitativa. (ELIAS, 1995).

Ainda assim, mesmo que entenda-se que se estabelecermos um quadro comparativo entre a violência existentes na antiguidade e na época de formulação da lei exista uma diferença considerável e que existe a modificação no “modus operandis” desta prática, voltam-se os olhares para os torcedores organizados, muitas vezes responsáveis por estas práticas e exige-se uma solução do Estado, vez que esse é o responsável constitucionalmente por garantir a segurança do indivíduo.

Compreendendo essa necessidade de atuação Estatal nesse sentido, entre as propostas de emendas legislativas acima citadas, encontramos a de número 1.081 de 1995 proposta pelo sociólogo Murad (2003). Nela vemos planos de ação na prevenção, educação e repressão a prática de atos violentos no ambiente desportivo. Nessa seara verificamos que de acordo a teoria Elisiana, pautada nos elementos ensejadores da formação Estatal propõem: a) o controle dos meios de força através do policiamento capazes de atuar na repressão dessas práticas, b) a centralização do poder, tendo em vista que o Estado atua em um ambiente privado, c) o

reforço das teias de interdependência, pautado por essas três frentes, d) estabelecimentos de padrões sociais se observarmos o viés educativo, proposto por Murad.

No entanto, com a atual normativa apenas encontramos as seguintes características: a) controle da força, b) centralização do poder, c) reforço das teias, apenas no que tange as medidas sancionadas. Desta forma, podemos inferir que o Estado é acionado para interferir e regulamentar essas práticas, e entre outros processos em resposta, elabora-se e promulga o Estatuto do Torcedor que vai reforçar as teias de interdependência, criando medidas repressivas visando a pacificação social. É através do estabelecimento desse controle social, que o Estado espera a alteração do comportamento dos indivíduos, seu código de conduta, desencadeando no autocontrole do indivíduo.

Quanto a norma efetivamente promulgada, vale destacar, deixa de lado outras teias que poderiam contribuir com o fim proposto, atuando apenas repressivamente, quando havia a sugestão sociológica de também estabelecer padrões sociais de comportamento através de ações educativas, que podem contribuir na modificação do panorama a longo prazo. Além disso, há a imposição de uma pena generalizada às torcidas organizadas, nesse sentido cabe o alerta feito por Buarque (2015, p. 29):

[...] a punição é considerada uma ferramenta importante no ataque ao problema, mas ela deve ser individualizada ao invés de generalizada para toda entidade. Neste caso, colocadas as torcidas na ilegalidade, de maneira indiscriminada, corre-se o risco de assumirmos efeitos perversos, imprevistos e ainda mais agravantes do que os já existentes.

Este aviso realizado pelo sociólogo fundamenta-se nos cuidados que a normativa e os debates públicos realizam para que não ocorra aquilo que Elias vai chamar de sociodinâmica da estigmatização e que será estudado no próximo capítulo, mas que em síntese trata-se de considerar um determinado grupo como anormativo, incapaz de seguir ou obedecer as normas vigentes e este grupo agir de acordo com o esperado. Para compreendemos as críticas nesse sentido, passaremos em um primeiro momento a descrever como são constituídos os grupos, como estes se relacionam, quais suas principais características para então verificar se os torcedores organizados, em específico os GDF constituem-se em um grupo social.

5 GAVIÕES DA FIEL: UM GRUPO?

A discussão sobre a concepção de sociedade vem permeado os estudos sociológicos visto que para muitos autores como Durkheim, a sociedade constitui-se como objeto de estudo desta ciência. Na busca pela definição de um conceito deste objeto destaca-se os estudos de Durkheim, Parsons, Marx e Weber.

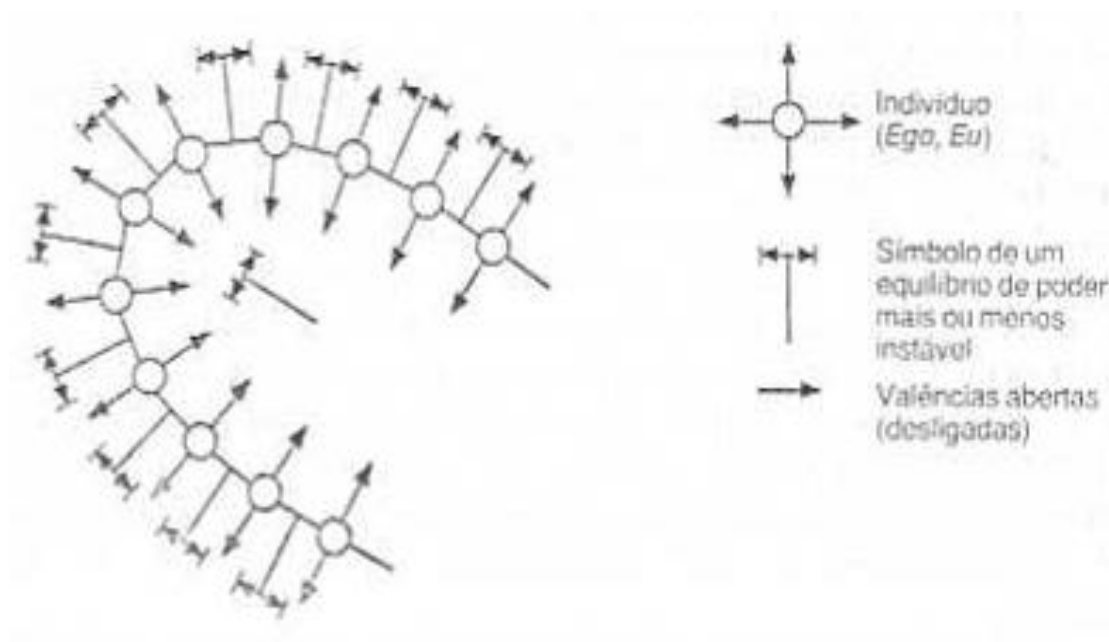
No entanto escolheu-se adotar a concepção de sociedade formulado por Norbert Elias, pois, este traz consigo categorias fundamentais para atingirmos o objetivo proposto neste trabalho, tais como, a auto regulação, o carisma e a coesão, que serão esmiuçadas no presente capítulo demonstrando desta forma os diferentes envolvimento sociais em diferentes épocas oportunizando um debate interdisciplinar.

O autor enfatiza a necessária compreensão da Sociedade, demonstrando um novo caminho para sua compreensão focando-se no comportamento humano, sua evolução e desenvolvimento social, causando uma ruptura nas teorias tradicionais. Passaremos, agora para análise da teoria proposta por Elias.

5.1 TEORIA ELISIANA SOBRE A SOCIEDADE

Neste momento abordaremos a concepção da teoria Elisiana sobre a constituição da sociedade. Para tanto, utilizaremos como fonte primária as obras: “Sociedade dos Indivíduos” (ELIAS, 1994) e “Introdução a Sociologia” (ELIAS, 2008). Elias (2008) propõe um novo modelo conceitual de sociedade, compreendendo-a não mais de maneira reificada ou isolada do indivíduo e sim como no diagrama a seguir:

Figura 1: Holograma representativo de Sociedade



Fonte: Elias: 2008, p. 15

Tal holograma representativo da concepção de Sociedade visa realizar um contraponto à visão tradicionalista. Esta visão dita que a mesma é formada por estruturas e que os indivíduos se encontram localizados no exterior não sendo afetados por elas. Insta salientar que ao adotarmos o conceito usual há na visão do autor uma dificuldade, podendo culminar em “impedir a compreensão da natureza dos problemas sociológicos”. (ELIAS, 2008, p.14).

Por outro lado, está concepção adotada por Elias representada pelo diagrama onde verifica-se indivíduos que são orientados um para os outros e unidos por diferentes formas. Compreendendo não mais os indivíduos como uma entidade diversa da sociedade, e sim como elemento que a compõe. Configurando e constituindo teias de interdependência ou configurações, que podem ser: família, estado, grupo e um estrato social.

Partindo desta perspectiva, os indivíduos não se constituem apenas como um aglomerado de seres isolados, o autor preocupa-se em sua obra Sociedade dos Indivíduos compreender como há a formação da sociedade, e como esta se modifica de maneira não planejada pelos indivíduos que a compõe. Desta forma:

Considerados num nível mais profundo, tanto os indivíduos quanto a sociedade conjuntamente formada por eles são igualmente desprovidos de objetivo. Nenhum

dos dois existe sem o outro. Antes de mais nada na verdade eles simplesmente existem – o indivíduo na companhia de outros, a sociedade como uma sociedade de indivíduos.
(Elias, 1994 p. 18)

Citando como exemplo as estrelas que compõem a Via Láctea, Elias reafirma que os indivíduos que integram a sociedade o fazem de maneira não finalista. Entretanto há diferentes objetivos que os indivíduos estabelecem para si, bem como, o fato de o ser humano é modificado por outros antecessores a eles que compõem o todo social. Deste modo, conforme demonstra Elias, as transformações que sofre o indivíduo estão relacionadas diretamente ao local em que este nasce e se desenvolve na teia humana, das funções que ocupa e a de seus genitores conjuntamente com a escolarização que recebe.

Cabe ressaltar que as funções mencionadas pelo autor se constituem naquelas em que os indivíduos desempenham uns para os outros, (por isso no diagrama o indivíduo está orientado um para o outro) um dependendo do outro. Assim, o indivíduo encontra-se vinculado em um elo permanente de dependência funcional com outros indivíduos. Esses elos ainda que não sejam tangíveis, são reais. Tal rede de funções

[...]que as pessoas desempenham umas em relação as outras, a ela e nada mais que chamamos de “sociedade”. Ela representa um tipo especial de esfera. Suas estruturas são o que denominamos de “estruturas sociais”. E ao falarmos em “leis sociais” ou “Regularidades sociais”, não nos referimos a outra coisa senão isto: às leis autônomas das relações interpessoais individualmente consideradas. (ELIAS, 1994, p. 23)

Isto posto, verifica-se que a compreensão de Elias sobre a sociedade encontra-se pautada na quebra do pensamento tradicional dicotômico e na análise das relações e funções que o indivíduo exerce. Da mesma forma pautamos neste trabalho no sentido de que para compreendermos o entendimento dos torcedores organizados que compõe o quadro de associados da Gaviões da Fiel, se faz necessário não visualizar o pensamento do indivíduo de maneira isolada e sim como integrante de um estrato social em conformidade com a função que este desempenha em relação ao todo. Assim como o exemplo citado por Elias das pedras que compõem uma casa, ou das notas que integram uma melodia, devem ser analisadas de maneira a compreender o todo (casa/melodia) para depois compreendermos a forma das partes individuais.

Pois, é através da convivência e das relações com outros seres humanos que o indivíduo se constitui em uma pessoa adulta. Desta forma, o autor demonstra a importância do indivíduo compor um grupo, sendo que através dele desenvolverá entre outros aprendizados, a

linguagem articulada, sagacidade e controle dos instintos. O controle dos instintos (autocontrole) e a linguagem desenvolvida estará relacionada com a estrutura do grupo que ele integra e também da posição que ocupa (ELIAS, 1994). Voltando o nosso olhar ao objetivo deste trabalho, verificamos que na análise do posicionamento dos torcedores deverá atentar-se também para a posição que o indivíduo ocupa no grupo.

A linguagem, conforme demonstra Elias, possui uma importância singular, pois é por meio da emissão de seus códigos que o indivíduo transmite suas ideias aos demais. Sendo possível que um indivíduo ou mais indivíduos convençam os demais permitindo modificar e ser modificado, o autor irá denominar de fenômeno reticular em geral essa possibilidade de indivíduos estarem moldando e se remoldando continuamente. (ELIAS, 1994).

Em consonância com estas afirmações Elias em sua obra denominada “Teoria Simbólica” entende que a habilidade do emissor em transmitir seus ideais através da linguagem está relacionada a distribuição da oportunidade de poder em uma sociedade. Ademais, a mesma indica a existência de um grupo permitindo e estimulando a comunicação deste.

Faz-se evidente, portanto a modificação do indivíduo em contato com o outro, podendo ser melhor ilustrado se pensarmos em uma criança por esta ser mais maleável de se modelar, porém existindo essa possibilidade na fase adulta ainda que de caráter mais fixo. Não constituindo estes em seres imutáveis.

Tendo como exemplo a criança verifica-se que esta necessita para sua evolução relacionar-se com outros seres mais velhos e poderosos, isto é, apenas em contato com a estrutura da sociedade este irá desenvolver-se.

O autor utiliza-se da categoria “Rede” para denominar a relação entre indivíduo e sociedade em sua totalidade. E esta rede que exercerá uma pressão sobre o indivíduo e suas ações principalmente no que tange ao seu autocontrole, bem como as características individuais emergem do entrelaçamento de pessoas. (ELIAS, 1994).

Ao longo do processo histórico a Rede de funções irá aumentar e se tornar mais complexa. Pois há outras pessoas que irão agregar a ela de maneira interdependente aos demais componentes. Exemplo disso é que em sociedades menores não havia a necessidade de uma distribuição permanente e especializada de funções. Porém, com os Estados nacionais há no centro da rede um maior número de indivíduos especializados e conseqüentemente maior número de cargos e funções dispostas em nível hierárquico. (ELIAS, 1994).

Com o aumento do número de indivíduos que compõem a Rede que surge a necessidade de um maior controle dos impulsos do indivíduo. Que de início pode ter sido

formada pelo temor dos grupos mais fortes, entretanto, com o passar do tempo o autocontrole foi tido como certo. O autocontrole, juntamente com controle das forças da natureza e o controle social estão vinculados para a compreensão das atividades humanas dependentes entre si.

Para compreendermos o comportamento humano, suas perspectivas e compreensões, da maneira que se propõe este trabalho parte-se de uma perspectiva Elisiana de que não se deve observá-la de maneira isolada e sim de que existe diferentes forças que desviam e transformam o instinto primitivo. Neste sentido Elias (1994) entende que o ideal do indivíduo e sua personalidade se forma em contato com as relações humanas, sendo específico de cada sociedade.

A personalidade e o ideal de ego do indivíduo é formado desde a infância, através dele o indivíduo é levado a desenvolver o autocontrole. Sendo comum a competição entre os indivíduos constituindo-se um fator importante para o sucesso individual destacar-se sobre os demais. Por outro lado, sobre essa distinção há um controle com limites pré-estabelecidos.

Desta maneira, a distinção do indivíduo em relação aos demais ocorrerá de maneira limitada existindo o autocontrole do indivíduo direcionando para que ele se assemelhe aos demais, conformando-se com a similitude. (ELIAS, 1994). Em a Introdução a Sociologia o autor irá mencionar novamente a existência de forças que interagem na rede de indivíduos e em sua mobilidade e diferenciação, correndo o risco do indivíduo que se destaca não ser compreendido pelos outros.

Norbert Elias defende a quebra das teorias tradicionais que distinguem a sociedade e os indivíduos e para tanto desenvolve uma categoria central para a compreensão da sociedade: a configuração. Esta categoria pode ser visualizada na obra Introdução a Sociologia que será utilizada neste momento. A configuração surge como “instrumento conceitual que tem em vista afrouxar o constrangimento social de falarmos e pensarmos como o indivíduo e a sociedade fosse antagônicas e diferentes”. (ELIAS, 1997 p. 142).

Visto a necessidade de estudar a humanidade partindo da pessoa singular para que posteriormente possa verificar a configuração a qual pertence. Tanto indivíduo quanto sociedade compreendem níveis diferente e inseparáveis que compõem o mundo humano. Para melhor explicitar o conceito de configuração proposto por Norbert Elias o autor utiliza como exemplo:

Se quatro pessoas se sentarem à volta de uma mesa e jogarem cartas, formam uma configuração. As suas ações são interdependentes. Neste caso, ainda é possível curvarmo-nos perante a tradição e falarmos do jogo como se este tivesse uma existência própria. É possível dizer: « O jogo hoje à noite está muito lento!». Porém, apesar de todas as expressões que tendem a objetivá-lo, neste caso o decurso tomado

pelo jogo será obviamente o resultado das ações de um grupo e indivíduos interdependentes. Mostrámos que o decurso do jogo é relativamente autónomo de cada um dos jogadores individuais, dado que todos os jogadores têm aproximadamente a mesma força. Mas este decurso não tem substância, não tem ser, não tem uma existência independente dos jogadores, como poderia ser sugerido pelo termo «jogo». Nem o jogo é uma ideia ou um «tipo ideal», construído por um observador sociológico através da consideração do comportamento individual de cada um dos jogadores, da abstração das características particulares que os vários jogadores têm em comum e da dedução que destas se faz de um padrão regular de comportamento individual. (ELIAS, 1999 p.141- 142).

Por meio desta parábola o autor visa demonstrar que os indivíduos atuam de forma interdependente e que é comum tratarmos o jogo como se fosse uma entidade diferenciada, como por exemplo quando falamos “o jogo está muito lento”, ainda que o jogo esteja diretamente relacionado com a atitude dos indivíduos, sendo relativamente autônomo.

Por conseguinte, a Configuração torna-se um conceito essencial para a compreensão da relação entre o indivíduo e a sociedade é através dela que os seres humanos possuem mútua interdependência uns com os outros e agrupam-se em figurações específicas. Diferentemente dos demais seres vivos, os humanos são capazes de formar diversos tipos de figurações, como por exemplo: os clãs, as famílias, o Estado. Possuindo suas peculiaridades estruturais (NEIBURG, WAIZBBORT, 2006).

Os seres humanos integram as figurações e se transformam com elas, do mesmo modo as figurações também se modificam, entretanto, a transformação sofrida pelo indivíduo isoladamente é distinta daquela que é sofrida pelas figurações. Isto acontece porque o indivíduo possui relativa autonomia em relação as figurações, do mesmo modo as figurações também a possuem com relação ao indivíduo que a compõe, mas não com relação aos indivíduos em geral. (NEIBURG, WAIZBBORT, 2006). Isto significa dizer que um indivíduo pode compor mais de uma figuração, deixar de compor uma e passar a integrar outra, entretanto esta autonomia encontra-se limitada (ou não) pelas particularidades de cada figuração.

Quanto a configuração seria o padrão variável que emerge do conjunto de jogadores, em toda sua totalidade especialmente nas ações que dirigem uns aos outros. Assim, dentro das configurações existe um emaranhado de tensões e que entre os indivíduos há uma relação de interdependência que pode ser tanto entre aliados ou rivais. Insta salientar que o conceito de configuração é utilizado tanto para delimitar um grupo relativamente pequeno de indivíduos como uma sociedade formada por milhões (ELIAS, 1999). O entendimento da categoria Configuração leva-nos a compreensão de que esta abarca os indivíduos (jogadores), bem como as regras do jogo em sua relação dialética com a realidade. E esta relação entre

indivíduos (Torcedores organizados da Gaviões da Fiel) e as regras (leis) impostas a estes que este trabalho se propõe.

Desta forma, Norbert Elias entende que um grupo, constitui uma configuração formada por diferentes indivíduos, retomando ao objetivo do presente trabalho pensando que os associados da Gaviões da Fiel constituem um grupo, passaremos na análise da concepção de grupo para o autor.

5.2 GRUPOS: SUA FORMAÇÃO E CONSTITUIÇÃO

Conforme outrora exposto faz-se necessário para a concretização deste estudo compreendermos a formação e constituição de grupos sociais a partir da categoria Configuração que emerge da obra de Norbert Elias. Neste sentido, destacamos que a escolha por um único grupo, conforme demonstra o autor não se constitui na simplificação do estudo, pois as relações existentes em um grupo são complexas. Ademais, no exemplo ilustrado na seção anterior se houvesse um acréscimo do número de jogadores, aumentaria o caráter exponencial da relação (ELIAS, 1999).

Vale dizer, que Elias defende a tarefa do sociólogo como sendo em compreender as “forças” compulsivas que agem sobre os indivíduos ou grupos. Compreender as forças que interagem com o indivíduo constitui-se em verificar as singularidades deste para descrevê-lo, desta forma propõem-se a investigação para além do que está na superfície, bem como, suas trocas e relações. Destacamos que o que está sendo proposto neste trabalho vem de encontro com a sociologia configuracional proposta por Elias evidenciado através de observações detalhadas. (ELIAS, 1980).

No exemplo do jogo, entre os jogadores poderemos visualizar uma relação hierárquica entre eles e que esta característica conferida ao indivíduo poderá (ou não) ser momentânea. Em outros momentos poderá haver uma relativa igualdade de poder entre eles, existindo nas configurações incertezas e imprevisibilidades. Compreendemos que o autor Elias pode ser compreendido como importante referencial teórico para o estudo da disputa de poder, sua manutenção e obtenção nas diferentes configurações.

Entendemos o grupo de torcedores organizados do Gavião da Fiel como uma configuração. E como tal ocorre a disputa de poderes, não apenas entre os membros que a compõem, mas também entre os indivíduos pertencentes as demais configurações que se relacionam de maneira interdependente.

Há três pontos centrais de análise de constituição de grupo social: o *habitus*, o comportamento e o poder. Quanto a categoria *habitus* é encontrada no segundo volume da obra O Processo Civilizador de Norbert Elias e está associada a formação do autocontrole do indivíduo que existe devido ao contato com os demais sendo incorporado desde seu nascimento e desenvolvido ao longo do tempo.

Elias (1994) por meio de um diálogo interdisciplinar compreenderá a relação de grupo, a partir do indivíduo que absorve para si as emoções e representações sociais existentes e transmite por meio do *habitus*, de seus comportamentos e da busca pelo Poder. Buscando entender de maneira concomitante o interno, e o externo, isto significa dizer que Elias entende as atividades psíquicas e sociais dos indivíduos estão relacionadas de maneira infinita e sem uma finalidade previamente constituída, logo o indivíduo encontra-se em permanente (re) construção.

Esta relação entre exterior e interior faz com que o indivíduo esteja atrelado e condicionado a sua imagem, tanto a que é produzida por si mesmo e a que é produzida pelos demais. É este interior que compõem a psique humana que deve ser analisado através de sua manifestação do pertencimento e do reagrupamento em grupos sociais, atrelada a necessidade do reconhecimento dos outros indivíduos (COURY, 2001).

A categoria economia psíquica surge na obra de Norbert Elias, sob diferentes denominações, ora apresentando-se como alma humana, ora como *habitus* psíquico, ou somente o *habitus* e constitui-se como um importante instrumento para compreendermos o processo de cognição existente entre a inter-relação das atividades mentais do indivíduo e a constituição de grupos.

Empiricamente podemos encontrar a economia psíquica em indivíduos ou grupos, como é o caso da Gaviões e dos torcedores associados a esta torcida. Nesta seara, o autor demonstra que o indivíduo é condicionado socialmente, isto é por meio das representações que tem de si e por aquelas que possuem dele. E, é por meio desse processo que o indivíduo encontra seus semelhantes e reagrupa-se.

Neste sentido, o indivíduo atua como um espelho, reproduzindo as imagens que a sociedade possui dele, tanto daqueles que o contatam tanto direta quanto indiretamente, constituindo assim grupos sociais, permitindo que o indivíduo “se domine ao dominar os outros” (COURY, p.124).

Partindo deste pressuposto compreendemos que para a realização de prática de violência cometida por torcedores organizados está associado as representações (positivas ou

negativas) que este determinado grupo possui sobre a questão, ainda que haja um controle social imposto por outros grupos ou estruturas sociais.

Empiricamente Elias relata que já vivenciou fenômenos atrelados ao condicionamento social, um deles é o fato de ter pertencido a uma minoria estigmatizada na Alemanha, durante a dominação nazista. (COURY, 2011)

Não obstante em sua obra *Sociedade da Corte* Elias demonstra que o Soberano ao cobrar um maior volume de impostos e utiliza-se da legitimação da violência acaba por reforçar as teias de interdependência entre o Soberano e os Aristocratas, dirimindo assim os conflitos entre diferentes grupos sociais. Este reforço contribui para a manutenção do monopólio evitando o surgimento de novos grupos e configurações sociais e consequentemente o de novos cargos disponíveis. Ademais, impulsiona o surgimento do autocontrole e da autoconsciência.

Em nossa pesquisa podemos vislumbrar o reforço das teias de interdependência da relação Estado/ indivíduo com a promulgação de uma lei específica sobre a prática de atos violentos no ambiente desportivo destinadas aos torcedores organizados, prevendo punições mais rigorosas daquelas outrora estabelecidas.

Neste sentido, pretendemos questionamos se há o desenvolvimento de um “controle mais severo das emoções e afetos” (COURY, 2011 p. 126) conforme prevê Norbert Elias, o que ensejaria em uma pacificação em determinadas camadas sociais. O condicionamento social reforçado pela norma ensejaria no processo de desenvolvimento do autocontrole psíquico e repassado aos demais indivíduos desde sua infância resultando na “interiorização das normas que antes eram exteriores” (COURY, 2011, p. 126).

Em outras palavras esse processo de interiorização, ou de individualização está associado ao acréscimo de controle social nas atitudes do indivíduo e em seu psiquismo. Considerando a perspectiva Elisiana de que o indivíduo é moldado com o passar do tempo desde sua infância (Honorato, 2011).

É, devido ao estranhamento do fato de existir constante um processo de individualização ainda haja a constituição de inúmeros grupos sociais que emerge um diálogo entre Elias e Freud Ambos, buscam compreender o processo civilizador, Freud em sua obra “O mal-estar na civilização”, e entendem que o indivíduo, após interiorizar as normas e as autoridades é capaz de adaptar-se ao meio em que se encontra, e que este processo civilizacional gerará uma renúncia aos impulsos e as emoções do indivíduo. (COURY, 2011).

A renúncia aos instintos como o da violência é visualizada como uma característica do homem civilizado, tanto para Elias quanto para Freud. Entretanto o sociólogo vai além

elaborando a categoria denominada economia psíquica que permite um diálogo entre a psicologia, a história e a sociologia, bem como, a exploração do processo de constituição dos grupos sociais.

Em outras palavras Freud defende a concepção do ser humano isoladamente, para ele, quando os processos de controle dos impulsos encontravam-se formados, não deixavam-se modificar independentemente dos processos sociais ao qual o indivíduo estivesse inserido, assim para ele, após submeter o indivíduo a certos processos ele estaria acabado, sendo denominado: *homo clausus*. Por outro lado, para Norbert Elias:

as atividades sociais e as atividades psíquicas particulares dos indivíduos estão entrelaçadas e estão em processo de (re)estruturação sem fim à vista e sem planejamento num longo prazo, ou melhor, o homem é histórico, não está acabado e está permanentemente em construção pelas suas experiências grupais/sociais e psíquicas particulares. (HONORATO, 2011, p.3)

Sinteticamente, Elias compreende que o ser humano se encontra em constante processos tendo de progressos quanto regressos, sofrendo influências históricas, psíquicas e sociológicas.

Desta forma, considerando o homem civilizado/moderno Courty, propõem três substratos diferentes do homem moderno, qual sejam: “O homem equilibrado”, “O homem moderado” e “O homem evoluído”. Nesses qualitativos levam em consideração a economia psíquica do indivíduo pautada em questões históricas e sociológicas. Esta diferenciação faz-se importante por romper com a ideia de uma concepção individualista de sujeito.

Os qualificativos permitem visualizar o processo de interiorização de uma exigência imposta socialmente em contrapartida a vontade do indivíduo tomada isoladamente.

A compreensão deste processo é importante a medida que existe uma demanda social expressa através de uma normativa vigente de pacificação social que pode ou não ser contrária aos instintos dos associados a GDF. Por outro lado, pode haver uma demanda do grupo social para que o indivíduo atue de maneira violenta que pode ser contrária a vontade individual. É neste processo de interiorização das normas aparentemente contrastantes e divergentes que situa nosso estudo.

A categoria Economia Psíquica traz consigo a possibilidade de não mais classificar o comportamento do indivíduo como NORMAL ou PATOLÓGICO, pois leva em consideração que os indivíduos compõem uma sociedade complexa. Logo, para compreender o comportamento individual deve-se levar em consideração o lugar que o indivíduo frequenta, as relações sociais que compõem e o campo ao qual está inserido.

Mais ainda, como é o caso dos torcedores organizados a teoria da constituição dos grupos Elisiana é sensível aqueles grupos considerados como anormativos, ou estigmatizados, e como estes considerando que o indivíduo é constituído socialmente se deslocam ligam-se uns aos outros e se identificam.

O primeiro dos qualificativos proposto por Coury (2011) é o *homem equilibrado* trata-se do indivíduo que possui a habilidade de estabelecer um maior controle de suas tensões ainda que haja pressões exteriores coadunando com a civilidade.

Trazendo como exemplo o grupo social composto por torcedores organizados o homem equilibrado seria capaz de ponderar frente as pressões do grupo sobre suas atitudes encontrando respostas na assimilação “a manutenção e a observância das lógicas sociais e dos conhecimentos interiorizados que produzem o equilíbrio mental enquanto as próprias situações mudam e a sociedade se diferencia.” (COURY, p. 130).

Por outro lado, há o *homem moderado*, que surge em decorrência do processo de diferenciação ou de coabitação. Neste momento já há no indivíduo “[...] estabilização das estruturas cognitivas que permite que cada um estabeleça relações sociais e dizem respeito ao autocontrole e na condenação daqueles que se deixam ir” (COURY, 2011,p.131).

Isto é, este momento permite visualizar as constituições das relações sociais e conseqüentemente de novas configurações que podem ser verificadas empiricamente, quando o indivíduo passa a adquirir um novo comportamento interiorizando as regras do grupo (autocontrole) ou inadequando-se a elas, permitindo-se assim a proferir juízos de valores sobre o comportamento dos demais. Vale dizer que a perspectiva Elisiana que estuda a constituição de grupos é sensível ao analisar os imóveis, os locais onde o grupo se reúne, os rituais pertinentes e suas próprias normativas.

Quanto ao segundo qualitativo previsto por Coury (2011), o homem moderado, permite-nos ponderar as formas e os graus dos grupos sociais constituídos lavando-se em consideração: seus lugares, práticas, a durabilidade, a forma de relacionar se direta ou de forma mediata e a quantidade de indivíduos envolvidos.

Por fim, Coury classifica um terceiro qualificativo, que é denominado *Homem Evoluído*, este indivíduo é resultante do processo de diferenciação e mantém sua identidade de maneira constante, nas diferentes transações entre diferentes configurações sociais. Permitindo-nos observar a lógica do comportamento e a percepção do comportamento do outro.

Os resultados desse processo de acordo com Coury (2011) poderá levar a pacificação social, considerando aqueles que não controlam seus instintos como deslocados. Entretanto,

há de se ressaltar que muito embora um grupo como as torcidas organizadas sejam consideradas através de um desqualificativo de acordo com a teoria do homem evoluído pode um indivíduo transacionar por essa configuração sem modificar sua identidade.

Este último substrato permite visualizar como diferentes processos não planejados podem acarretar na construção de novos grupos sociais e como o indivíduo se liga aos demais com o perpassar do tempo e a permanência das identidades.

Desta forma, pautado na teoria elisiana Coury (2011) apresenta uma sociogênese dos grupos sociais levando em consideração o que o autor denomina de “Arte de reagrupar-se” dos indivíduos que compartilham o mesmo espaço social. Esta arte pode ser verificada em quatro etapas distintas:

Quadro 18: Sociogênese dos Grupos Sociais

a) estabelecer contato com outros indivíduos.
b) estabelecimento de atribuições ou competências aos integrantes.
c) estabelecimento de categorias estéticas dos indivíduos.
d) repercussão das representações sobre o grupo

Fonte: Quadro elaborado a partir da leitura de Coury, 2011, p. 132.

Por fim, o autor estabelece três importantes aspectos a serem discutidos na compreensão da construções dos grupos sociais, são elas: “a produção da semelhança, a localização dos semelhantes e a sublimação dos agrupamentos” (Coury, 2011 p.132). Para compreendermos a dimensão da produção da semelhança faz-se necessário partir do pressuposto que a construção de grupos sociais não obedece uma lógica linear ou é previamente planejada.

A partir da leitura de Elias (1994) pode-se desprender que a objetivação das diferenças entre as configurações sociais é feito de uma busca pela semelhança. Ultrapassando as teorias miméticas tradicionais que tratam a homogeneidade dos grupos sociais como uma imitação que o grupo mais desprovido faz do mais dotado Elias compreende que esse esquema não flui de maneira unilateral dos ricos para os pobres e sim de maneira difusa, fruto da concorrência e da adaptação.

Assim, não há que se falar em uma imitação e sim do surgimento de uma nova prática apropriada e utilizada por um novo indivíduo. Estas novas práticas podem ser visualizadas através da “fabricação da diferença (ou da semelhança) dentro dos grupos ou entre os grupos” (COURY, 2011, p.133).

Resultado desse processo de diferenciação é o surgimento de um grupo diferenciado dentro do grupo Gaviões da Fiel, pode-se inferir, é o movimento Rua São Jorge, que por defender uma volta das origens da torcida corinthiana em ser uma espécie de sindicato dos torcedores do clube e que por anos constituiu sede e jargões próprios como o dizer “nós que tá”. (CANALE, 2012).

Os grupos sociais necessitam do estabelecimento de local ao qual os indivíduos possam encontrar seus semelhantes, onde possa ocorrer as relações face a face. Os lugares permitem que os outros observem os indivíduos pertencentes a uma configuração social e a disposição de um espaço físico para que os indivíduos que antes não se encontraram passem a se reunir. Entre os locais importantes para a constituição e caracterização do grupo Gaviões da Fiel, citou-se um lugar específico na sede da torcida o chamado “Cantinho do Jogador”, vejamos:

ir na quadra, ver mais de perto o que é era os gaviões de verdade e aí eu já era apaixonada, quando eu entrei dentro dos gaviões da quadra fiquei ainda mais, não era nem ensaio, não era nada, tava tendo um “botequim da fiel” que chamava na época, que tava tendo ali no cantinho do jogador, tinha uma meia dúzia de gato pingado, eu cheguei quer umas dez da noite e saí as 6 da manhã, tomando fogo paulista com a minha irmã, ali eu soube de muita coisa, ali foi um marco ali eu eu soube o que é ser gaviões (Entrevistado 01)

Uma vez compreendido as teorias que abarcam a constituição dos grupos sociais proposta por Norbert Elias, seus requisitos e posicionamentos ante a sociedade, indagamos: Em que momento o autor estudou os grupos sociais? Quais as Características destes, demonstradas pelo autor, para sua identificação?

5.3 ANÁLISE DE UM GRUPO SOCIAL A PARTIR DAS CONSIDERAÇÕES DE ESTABELECIDOS E OUTSIDERS.

Entre as diversas publicações do Elias, podemos encontrar, há uma que se destaca ao trabalhar com grupos sociais, a denominada “Estabelecidos e os Outsiders”, primeiro porque é onde Elias realiza estudo empírico em um processo de curta duração ao lado de Scotson produzindo um estudo etnográfico na cidade de Wiston Parva.

No entanto, cumpre esclarecer que a ideia de grupo social, foi também mencionada nas obras, Processo Civilizador II e ainda em Sociedade dos Indivíduos, nesta última, o autor demonstra como os grupos sociais contribuem na formação do indivíduo para o desenvolvimento de auto percepção e auto controle de suas emoções desde a infância. Mas é

em Estabelecidos e Outsiders que esta categoria encontra sua centralidade. Ao analisar uma realidade regional, o autor identificou hipóteses e categorias que poderiam ser trabalhadas a nível macrossociológico, senão, vejamos

Pareceu útil permitir que o microcosmo de uma pequena comunidade esclarecesse o macrocosmo das sociedades em larga escala e vice-versa. E essa a linha de raciocínio que está por trás do emprego de um pequeno cenário como paradigma empírico de relações estabelecidos-outsiders que, muitas vezes, existem em outros lugares em escala diferente. Nesse cenário, é possível focalizar melhor alguns detalhes do que nos estudos sobre essas relações em cenários mais amplos. Outros se destacam aqui com mais clareza. Juntos, eles podem contribuir para uma compreensão melhor da sociodinâmica das relações estabelecidos-outsiders. (ELIAS, 1993, p 49).

As categorias emergidas através desse estudo, como a sociodinâmica da estigmatização, que é compreendida na relação estabelecidos e outsiders pode ser visualizada inclusive em outros contextos até mesmo em configurações mais complexas, o que o autor irá chamar de “pesquisa gabarito”, exemplificando com o desenvolvimento das castas na sociedade indiana (SCOTSON, ELIAS, 1993).

A relação entre os estabelecidos e outsiders por Elias, diz respeito a um sentimento de superioridade, observando os que pertencem a outro grupo como indivíduos anômicos, incapazes de cumprir regras e normas impostas. Tal crença pode inclusive gerar barreiras emocionais que levam o indivíduo tido como “inferior” ou “outsider” acredite nela.

No contexto estudado em Wiston Parva, Elias identificou a existência de diferentes núcleos (zonas habitacionais) existentes, “a Zona 1 era o que se costuma chamar de área residencial de classe média. A maioria de seus moradores a via como tal. As Zonas 2 e 3 eram áreas operárias, uma das quais, a Zona 2, abrigava quase todas as fábricas locais” (SCOTSON, ELIAS, 1993 p 51). O preconceito grupal está relacionado ao tempo em que os indivíduos habitam a cidade, sendo que os indivíduos da Zona 1 e 2, possuíam um sentimento de superioridade sobre os da Zona 3, que era chamada de “beco dos ratos”.

Desta forma, o estudo de Elias foi capaz de demonstrar o poder exercido de um grupo sobre o outro não mais sob o aspecto de propriedade de objetos inanimados, como as armas e meios de produção, mas sim de aspectos humanos como a organização dos grupos envolvidos, o carisma de seus líderes e a coesão. (ELIAS, SCOTSON, 1993). Tais características, permitiram a manutenção da relação de dominação de um grupo sobre o outro.

Assim, basicamente, a determinação de um poder estabelecido sobre um determinado grupo estava atrelada a coesão dele, haja vista que, os estabelecidos se conheciam há mais tempo que os outsiders. Tal fato, permitiu que um grupo tivesse uma teia com maior reforço de interdependência entre os membros do que o outro.

Entre as características dos grupos sociais descritas por Elias que encontramos nos Torcedores Organizados da GDF é o carisma e o ideal do nós este último pode ser representado pelo slogan que estampa suas vestimentas “corrente forte que jamais será quebrada”, é o sentimento de pertencimento, do nós. O que queremos encontrar, tal qual Scotson e Elias (2000) em relação aos nossos sujeitos é a manifestação dos conceitos de interdependência, de carisma e de ideal de nós³, para que, enfim possamos compreender os GDF enquanto grupo social.

Mas quais instrumentos existentes em Wiston Parva permitiam esta situação de dominação? Lembramos que entre os habitantes da Zonas 2 e 3 não havia uma diferença significativa quanto a critérios sócio econômicos. Uma das respostas a essa pergunta é a fofoca, que, prejudicava a proximidade entre estabelecidos e outsiders, entre um dos exemplos marcantes, verificamos que os moradores “descredibilizavam” uma mulher que ofereceu uma xícara de chá em uma noite fria a um dos habitantes do chamado “beco dos ratos”. A boataria também acabou por afastando a relação entre os outsiders, que acabam tendo sua autoimagem abalada, impedindo assim que os mesmos desenvolvam uma característica tão importante como a coesão grupal.

Por outro lado, outra característica existente nos grupos sociais para Elias é o *carisma grupal*, que em síntese pode ser traduzido no sentimento de pertencimento. Por conseguinte o indivíduo para pertencer ao grupo deverá renunciar algumas condutas e emoções, o que o autor irá denominar de controle dos afetos é a submissão às normas grupais, assim:

O orgulho por encarnar o carisma do grupo e a satisfação de pertencer a ele e representar um grupo poderoso – e, segundo a equação afetiva do indivíduo singularmente valioso e humanamente superior- estão funcionalmente ligados à disposição dos seus membros à se submeterem a regras que lhes são impostas pelo fato de pertencerem ao grupo. Tal como em outros fatos a lógica dos afetos é rígida: a superioridade da força é equiparada ao mérito humano e este a uma graça especial da natureza ou aos deuses (ELIAS, 2002, p. 45)

Podemos perceber que os torcedores organizados possuem sentimento de carisma/pertencimento em relação ao grupo social que se constitui, que podem ser verificados através de músicas como:

A Gaviões não acabou / E jamais acabará, você pode acredita
Nossa corrente não será quebrada / Um grito forte ecoou, o o o (TIMÃO)/
Estremecendo toda arquibancada/ Um grito forte ecoou, o o/o (TIMÃO)/
Estremecendo toda arquibancada Tanto tempo se passou
E eles não sabem/ O que é ser Gaviões/ Que bobos, ai que bobos

³ Categorias que serão elucidadas na presente seção.

Voa bem alto no meu pensamento (GAVIÕES DA FIEL, Que bobos, disponível em <https://www.lettras.mus.br/gavioes-da-fiel/1008154>)

Dessa forma compreende-se que o sentimento de pertencimento ao grupo, de exaltação de suas características em “um grito forte ecoou”, bem como de coesão, “eles não sabem o que é ser Gavião”, “nossa corrente não será quebrada”, e por fim a denominação daqueles que não pertencem ao grupo “que bobos” em situação de dominação a outros que não compõem um grupo coeso.

Assim como em Wiston Pava indaga-se: como empiricamente pode se observar nos estádios a relação estabelecidos e outsiders? Ocorre o conflito entre dois grupos? Esse conflito pode ocorrer tanto entre grupos de clubes rivais quanto em torcidas do próprio clube? Ou ainda entre os torcedores e os policiais militares os burocratas a nível de rua que representam as políticas públicas voltadas a eles?

Para Dias Netto (2010) esta relação de dominação pode ser verificada através da relação de estabelecimento de poderes entre os clubes rivais com a situação de mandante e visitante. Onde mostra-se claramente as diferenças tanto quantitativas quanto qualitativas (acomodação inferior para visitantes). Em nossas pesquisas de campo, foi possível identificar que existia uma certa subdivisão grupal e, inclusive, que dentro do grupo há aqueles que possuem mais status que os outros, isto é, possuem mais prestígio, vejamos:

Quanto aos ônibus que compõem o comboio foi possível notar alguns aspectos interessantes como a sua numeração ligada aos passageiros que a compõem existe, por exemplo, o ônibus 51 era ocupado por aqueles que gostam de ingerir álcool, outro pelos “maloqueiros”, outro pelo departamento de bandeiras, outro para a Zona Leste vale esclarecer-se que aqui por precaução preferiu-se ocultar o número dos ônibus que pertencem a qual sub grupo. Assim, percebemos que há subdivisões dentro dos gaviões da Fiel, a primeira delas, que está bem nítida é a subdivisão geográfica (Zona Norte, Sul, Central, Leste e Oeste e Interior do Estado de São Paulo). A Zona Leste é historicamente conhecida como uma das maiores, tanto pela quantidade de integrantes, quanto pela localização próxima a sede do clube e também pelo seu destaque em “pista”/ enfrentamento corporal. A Zona Leste, acabou se tornando um subgrupo que autodenominou-se “UNIÃO LESTE CORINTHIANA” – U.L.C., entre as músicas conhecidas da ULC, destacamos:

“Bate massacara, impõe o seu valor/
Não tema o inimigo e sempre aja com horror/
Eu sou da Zona Leste eu dou porrada sem parar/
Eu sou da Zona Leste eu dou porrada para matar
Zona Leste”
“U de união
L de lado Leste
C de Coringão
ULC bota os bixas para correr”

Por outro lado, outra região que também possui certo reconhecimento no grupo é a Zona Oeste, que entre os bairros comporta a Fiel Butantã, merece especial destaque pela suas customização de roupas e cânticos relacionados a violência:

Faca, peixeira, bomba caseira paulada, rojão, tiro de oitão pq? sou GAVIÕES! da onde? da ZONA OESTE !o que tem? Cabra da peste! ZONA OESTE chegou, botou terror!

Figura 2: Faixas da Zona Oeste Dispostas no Campeonato de Futsal realizado nos Gaviões da Fiel



Fonte: Arquivo Pessoal da Autora

Esta divisão também torna-se evidente com a logística para o trânsito até os estádios que se realizarão a partida, devido ao tamanho da cidade de São Paulo, sendo assim, é comum que cada região estipule um ponto de encontro para seus associados localizarem-se e a partir de lá, dirigir-se à sede ou ao estádio. Outra divisão importante, mas não tão explícita e que acabou por ser evidenciada durante as eleições é o grupo considerado “mais velho”, que são aqueles que há anos frequentam a torcida organizada, ou em gíria “tem caminhada”. Esses que frequentam há mais tempo, também são aqueles que já foram ou que são departamento de patrimônio aqueles que sinteticamente “estão dispostos a dar à vida para defender o patrimônio”.

No momento, importa evidenciarmos que os tido como antigos/mais velhos/nego véio, possuem determinado status privilegiado na Torcida Organizada. Pois, a pesquisadora deixou a casa acompanhada de um de seus sujeitos de pesquisa, ora denominado de “Badas”. Este indivíduo compõe o quadro associativo desde o ano de 1990 e estava presente em diferentes transformações dos Gaviões da Fiel, inclusive na Fundação da Rua São Jorge. Também é conhecido por compor um dos departamentos de patrimônio mais famosos entre os associados da Gaviões da Fiel.

[...]

Assim, badas e a pesquisadora contornaram o sambódromo para adentrar ao setor em que ficam localizados os torcedores que vão ao Anhembi para assistir o desfile da torcida. Saliente-se que a Pesquisadora não possuía o ingresso para adentrar nesse setor. Assim perpassaram pelos postos de policiamento e pelas revistas, com Badas informando que seu ingresso estava na posse de um dos diretores. Ao chegarmos nos portões verificamos que existia um casal que realmente estava esperando o ingresso de um diretor. A pesquisadora senta ao lado e conversa que apenas veio para documentar o desfile em sua pesquisa, quando comenta que está acompanhada de Badas, o casal chama um dos diretores e fala “Badas está sem ingresso”, neste mesmo momento o diretor pede para que chamem Badas e oferece o ingresso. Badas comenta que só está alí a pedido da pesquisadora, que aceita o ingresso mas que irá repassar a ela, nesse instante o diretor fornece gratuitamente ambos os ingressos e diz “o Badas não pode ficar sem”. Sendo assim, a pesquisadora e Badas adentram ao pavilhão. (Fonte: A Autora Diário de Campo)

Em nossa pesquisa podemos inferir outras situações em que se posicionam grupos em relações opostas, uma delas é o tempo de torcida, àqueles torcedores mais antigos são considerados “nego véio”. Estes por sua vez são considerados exemplos de “caminhada” para os demais e detentores de poder o que acabou por refletir nas eleições dos Gaviões da Fiel,

pois dos 20 conselheiros eleitos apenas um deles possuía número de associação superior a setenta mil, sendo que na atualidade ultrapassa mais de 110.000 (cento e dez mil sócios), além disso o Conselheiro mais votado possui carteirinha sob nº 14.798 e é o segundo associado mais antigo dos Gaviões que se candidatou. Também, verificou-se durante o desfile de carnaval da escola de samba que havia um reconhecimento daqueles que frequentam estádios e não apenas compõem a escola de samba, vejamos:

Quando a bateria adentrou a passarela acendeu-se os sinalizadores, e percebeu-se que os sinalizadores são acendidos não em saudação à escola de samba, mas em virtude da bateria, onde muitos que a compõem frequentam e tocam nos estádios. Era isso que os sinalizadores significavam, a reverência e o respeito àqueles que “são da bancada”.

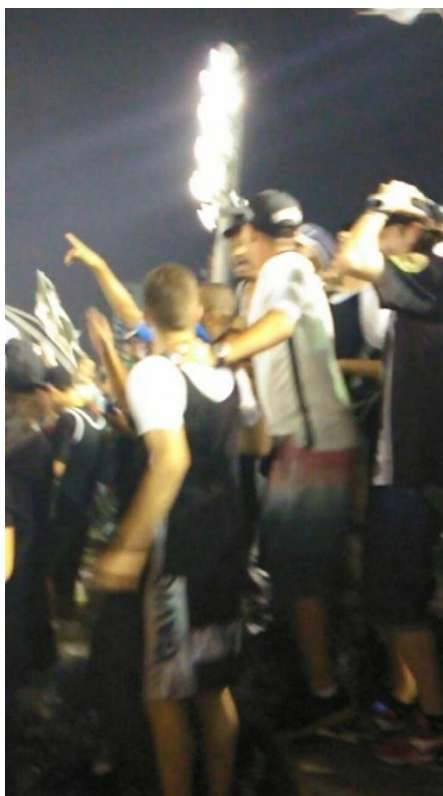
Também notou-se que um determinado grupo não estava catando o samba enredo e sim músicas conhecidas como de guerra e aquelas de exaltação ao clube, estes torcedores que lá se encontravam, estavam lá porque se identificavam com o grupo Gaviões da Fiel, com a torcida organizada especificamente.

Figura 3: Sinalizadores acesos para a Bateria.



Fonte: Arquivo pessoal da Autora

Figura 4: Torcedores durante o desfile cantando o Hino do Corinthians



Fonte: A Autora.

Importante mencionar que mesmo a GDF constituindo-se em um grupo social coeso, há entre eles subgrupos em que uns acabam possuindo mais visibilidade e acesso ao poder que outros, o que vem de encontro com a teoria de Norbert Elias, pois para ele dentro de um grupo social há a destinação o estabelecimento de funções e a disputa de poder.

Por outro lado, os torcedores podem ser considerados “Outsiders” em relação ao Estado, essa conclusão foi apontada por Dias Netto (2010) e também verificada na presente pesquisa. Explica-se os policiais militares durante a realização dos jogos constituem-se em autoridades legalmente autorizadas para atuar de maneira preventiva e repressiva, conforme determina o Estatuto do Torcedor. Neste interim, podemos verificar que os torcedores organizados em sua categoria, assim como os outsiders podem não se constituir em um grupo coeso. Ainda, quando observamos os discursos públicos (Tavares, 2009) e do ponto de vista legal os torcedores organizados estão em posição de subordinação, e que tais discursos acabam por estigmatizar os torcedores organizados, atribuindo a estes a ocorrência de atos violentos, atribuição da responsabilização do esvaziamento dos estádios, considerando-o como um grupo anômico.

Este fator evidencia se compararmos os setores do estádio destinado aos torcedores organizados, há um forte policiamento em relação aos demais, foi verificado inclusive que durante o transcorrer da partida, após a realização das revistas nos indivíduos que adentravam

ao estádio a transferência desses policiais para o setor onde comportava-se as torcidas organizadas. No que tange as revistas foi relatado que estas acontecem com maior vigor no setor pertencente às torcidas organizadas, vejamos:

Outra coisa que eu acho ruim é aaaa, é a revista, né. (Como que ela é feita?) já teve vez de quererem revistar meu filho, a revista feminina, a masculina eu já vejo que é uma coisa absurda, eu nem falo sobre isso porque, eu não passo por ela, mas a femina poxa, e totalmente invasiva, te tocam nas partes íntimas, reviram sua bolsa, jogam no chão não pegam, e se pegam é “ada, anda, anda” é sempre muito constrangedor passar por uma revista que você quem banca né? (Você fala de revista, de policiamento, você já foi em outro setor?) já (teve diferença?) Muita (em qual setor você já foi) já assisti na leste e na oeste, na oeste que é o setor, um dos setor mais caros eu fui em todos só não fui no camarote para assistir jogos do SCCP e da Copa, lá eles quase não te revistam, eles só botam a mão na sua cintura e falam pode passar, pode passar, (Na Copa do mundo?) Não isso em jogo do SCCP (Entrevistado 1)

Saliente-se que conforme demonstrado pelo Entrevistado 1 não há apenas existência da diferença de revistas policiais apenas entre os setor mais barato (norte) e o setor mais caro (leste), o que reforça a hipótese de que o reforço do policiamento se deu em face de tratar-se de torcedores organizados e não por motivos classistas. Reforçando o que narrou o Entrevistado 1 até mesmo a pesquisadora identificou estas intercorrências vejamos:

Antes disso, a pesquisadora, encaminhou-se ao setor sul onde adentravam nos estádios torcedores conhecidos como “comuns” e verificou-se o baixo número de policiamento. Vale reforçar que a quantidade de indivíduos para a lotação e o valor dos ingressos para o setor são os mesmos do que comporta os torcedores organizados.

[...]

A diferença de policiamento e tratamento (elaboração de revistas mais detalhadas) foram perceptíveis. Inclusive a pesquisadora teve que se desfazer de sua caneta e prancheta para adentrar o local com suas folhas de pesquisa. A alegação policial era de que as folhas de papel A4 seriam inflamáveis, e portanto, não poderiam adentrar o estádio. O empecilho apenas foi solucionado com a apresentação de documentos da pesquisadora enquanto acadêmica para a Ouvidoria Geral da Competição.

Neste sentido verificou-se que a atitude dos policiais também está relacionada com os estereótipos propagados também pelos próprios torcedores organizados, exemplo disso é que em outra ocasião um membro da torcida organizada GDF, mencionou “Os da arquibancada sul, vão buscando namorada e tirar selfie, nós vamos para o jogo buscando a trocação e arquibancada a milhão”.

Quanto a “trocação” o sujeito estava mencionando o enfrentamento corporal. Note-se que ao mesmo tempo em que os representantes do poderio estatal, detentores do monopólio da violência, prevista por Norbert Elias, agem como se os torcedores organizados fossem indivíduos que não obedeceriam as regras (leis) e estes, assim como os habitantes da Zona 3 de estabelecidos e outsiders, também se veem como tal, ocorrendo o que Elias irá denominar de sociodinâmica da estigmatização.

Na cidade de Wiston Parva, ao observarmos o comportamento dos integrantes da Zona 3, percebe-se que alguns reconheciam as qualidades que lhes eram atribuídas, porém não a reproduziam, enquanto outros, como a Gangue dos Garotos cometiam delitos encarnando aquilo que os habitantes da Zona 1 e 2 lhes condenava. (ELIAS, SCOTSON, 2000)

Desta forma, os torcedores organizados são considerados desviantes ao atribuir normas específicas a este grupo. Este rótulo pode ser reforçado empiricamente como o maior policiamento neste setor do estádio e a exposição por meio dos veículos de comunicação dos transgressores sacramentando aquilo que se espera e atribuí a eles. As normas das quais os torcedores estão submetidos foram criadas servindo a interesses econômicos (como o esvaziamento dos estádios) e políticos (como o clamor midiático e populacional) conforme demonstramos e possuem um conjunto de instituições que corroboram para a sua legitimação. Afetado por esta dinâmica os torcedores organizados passam a exercer diferentes tipos de comportamentos (aceitação do estigma a ponto de descumprir as normas vigentes/ aceitação do estigma e atribuição da ocorrência a outros membros/ teorias de invalidação da norma e dos agentes que a impõem).

Outra evidência dessa dinâmica encontra-se na postura dos representantes estatais (policiais militares) quando aqueles que cuidavam da segurança dos demais setores no transcorrer do jogo dirigiram-se para o setor norte, onde encontravam-se os torcedores organizados, ainda que não tivesse nenhum motivo aparente, ou uma ocorrência, que justificasse tal ato. Podemos inferir, ante estas descrições que os tratamentos dispensados aos torcedores organizados são de sujeitos que não são capazes de cumprir a norma, isto é, como desviantes.

De fato, a regra de não entrar bandeiras que não sejam especificamente do SCCP foi burlada pelos torcedores organizados membros da Camisa 12 que a ostentavam com os dizeres “Coragem e Determinação” que vez ou outra empunhavam aproveitando-se do fato de estar em um grupo com pessoas com vestimentas semelhantes dificultando a abordagem policial.

Outra violação as normas foram realizadas pelas responsáveis pelo evento com uma bandeira estampando “Respeita as minas”, vejamos:

Figura 5: Bandeira “Respeita as Minas”



Fonte: Arquivo Pessoal da Autora.

No momento em que se hasteou a abandeira uma das organizadoras do evento, associada a mais de dez anos comentou: “Me sinto como uma talibam”, gíria utilizada para definir inimigos. Continuou: “Parece que a qualquer momento vou ser cobrada por um liderança e ser cobrada de porque eu entrei com esta bandeira que não é do SCCP e do GDF. E olha que estou pedindo respeito”. Verificou-se que o maior receio e incorporação de regras está atrelada a norma do grupo do que pela legal. E ainda comentou o processo de autoregulação a partir das regras estipuladas pelo grupo ao qual pertence, a qual entendemos como a manifestação da psicogênese “Eu entendo que essas normas são besteiras, mas já estão tão enraizadas.”

Além disso, foi verificada outras violações as regras, como o consumo de álcool. Verificou-se q assim, que muitos associados às torcidas organizadas agem assim como a Gang dos garotos da Zona 3 de Wiston Parva, trazendo para si os estigmas aos quais são culpabilizados e reproduzindo os estereótipos. As bandeiras das organizadoras do evento diferentemente das torcidas organizadas ficaram hasteadas a todo momento a partir do segundo tempo. Nesse momento alguns torcedores parabenizaram as torcedoras pela atitude de adentrar o estádio portando bandeiras e de burlar as regras.

Ainda havia uma exaltação a atitude desviante por parte do grupo desviante. E assim como prevê Becker (1977) há a representação do grupo de policiais como “outsiders” inimigos aos quais devem ser combatidos e enfrentados. Desta forma, a estigmatização ocorre contribuindo com a coesão do grupo estabelecido e o enfraquecimento da coesão do Outsider. Mas como esses indivíduos

pertencentes a um grupo social encontram-se ligados uns aos outros? Para melhor compreendemos essa questão passamos ao estudo das ligações segmentares e funcionais propostos por Dunning (1992).

5.3 TORCEDORES ORGANIZADOS: LIGAÇÕES SEGMENTARES OU FUNCIONAIS?

Uma das características do processo civilizacional, além do desenvolvimento do Autocontrole do despertar das emoções, o acréscimo das cadeias de interdependência. E com isso, a transformação não somente da violência, conforme outrora demonstrado, mas também das ligações existentes entre os indivíduos. Estas deixam de ser segmentares e passam a ser funcionais, de acordo com a classificação de Dunning (1992). Saliente-se que essa transformação, não ocorreu de maneira simples ou unilinear, ou que necessariamente ocorrerão no futuro, mas são resultados de uma série de condições prévias, o Autor assim esquematizou para melhor compreensão dos efeitos da transformação das ligações sociais:

Quadro 19: Ligações Segmentares e funcionais

Ligações Segmentares	Ligações Funcionais
[...]Comunidades locais. [...](Dunning, 1992, p. 341)	[...]Comunidades a nível nacional (Dunning, 1992, p. 341)
[...] Estado central e fraco.	[...] Estado central forte, classes dirigentes e relativamente dependentes.
[...]Identificação com grupos rigorosamente circunscrito.	[...] Identificação com grupos que estão unidos por meio de ligações adquiridas de independência funcional.
[...] Limitado campo profissional	[...] Vasto campo de emprego
[...] Reduzida mobilidade social	[...] Elevada mobilidade social
[...] Pequena pressão social para exercer autodomínio quanto à violência física.	[...]Grande pressão social para exercer autodomínio quanto à violência física.
“Reduzido controle Emocional, procura da excitação imediata, tendência para violentas oscilações de o estado de espírito; elevado limiar de repugnância	“Elevado controle emocional, procura da excitação sob formas discretas, temperamento relativamente estável, baixo limiar de repugnância

quanto a violência e o sofrimento, de modo direto sobre os outros e de ver sofrer; violência manifesta exibida na vida quotidiana, débeis sentimentos de culpa depois de cometer atos de violência.” (Dunning, 1992, p. 341)	quando a violência e sofrimento; prazer por delegação ao observar a violência mimética, mas não quanto a violência real, violência oculta, recurso racional à violência em situações em que é compreendida como não sendo detectada.” (Dunning, 1992, 341).
Elevado grau de segregação dos papéis conjugais, famílias centradas na mãe, pai autoritário com fraco envolvimento na família, elevada separação das vidas feminina e masculina. (Dunning, 1992, p. 341)	Baixo grau de segregação dos papéis conjugais, famílias de ligação simétricas ou igualitárias, elevado envolvimento do pai com a família; reduzidas separações da vida masculina e feminina; pequeno número de filhos. (Dunning, 1992, p. 341)
Elevada violência física nas relações entre sexos, domínio do masculino. (Dunning, 1992, p. 341)	Reduzida violência nas relações entre os sexos; igualdade sexual. (Dunning, 1992, p. 341)
Controle vago e intermitente dos pais em relação aos filhos; no início da socialização, a violência é central, de pais para filhos, a violência é afetiva, espontânea. (Dunning, 1992, p. 341)	Controle estreito e contínuo dos pais sobre seus filhos; socialização por meios não violentos, mas recurso limitado, planeado à violência racional/instrumental. (Dunning, 1992, p. 341)
Tendência estruturalmente criada para se formarem bandos à volta das linhas de segmentarização social e para estes confrontarem os outros bandos locais, ênfase na agressividade masculina, capacidade de lutar pelo poder e pelo estatuto do bando na comunidade local. (Dunning, 1992, p. 341)	Tendências estruturalmente criadas para as relações se formarem através de escolha e não simplesmente sobre bases locais estilo masculino <civilizado> expresso, por exemplo, no desporto; oportunidades para além das que consistem no poder e no estatuto local; estatuto determinado pela capacidade profissional, educacional, artística e desportiva.

	(Dunning, 1992, p. 341)
Formas populares de desporto que consistem, basicamente, numa extensão ritualizada de combate entre bandos locais, nível relativamente alto de violência manifesta. (Dunning, 1992, p. 341)	Formas <<modernas>> de desporto, isto é, de representações ritualizadas de combate, baseadas em formas contorladas de violência nas suas formas racional/instrumental. (Dunning, 1992, p. 341)

Quadro elaborado por Dunning As ligações Sociais e a violência do desporto inn: Elias e Dunning, 1992, A Busca pela Excitação, p. 341)

Dunning (1992) compreende que as sociedades empiricamente observáveis em que se estabelece em sua maioria ligações segmentares, estão em oposição àquelas em que há o predomínio das ligações funcionais. Nestas últimas há um predomínio da vigilância sobre os atos de violência, o que não quer dizer que a extingue, mas que esta de maneira ilegítima se manifesta de modo mais racional, ou instrumental por outro lado, Dunning (1992 p. 345) sistematizou a dinâmica social das sociedades segmentares.

Em sociedades em que há predominância das ligações segmentares não há por parte do Estado um controle eficaz, nem mesmo, exerce o monopólio da violência. Nela, a classe dominante é aquela guerreira, há o predomínio e a exaltação da masculinidade. As famílias estão constituídas em torno da mãe, e a mulher, cabe o papel de educar seus filhos, mas que por outro lado, não há uma vigilância constante sobre eles, sendo a violência como um agente de socialização. (DUNNING, 1992).

Por outro lado, nas sociedades onde há maior caracterização de relações ligadas as funcionalidades, o Estado detém o monopólio da violência e pode utilizar de maneira legítima de acordo com seus interesses. A utilização da violência é vista como incorreta, e o acréscimo de funções e divisão do trabalho contribui para isso e também para relativa igualdade entre os gêneros. (DUNNING, 1992). No entanto ressalta-se que:

[...] quando a tendência dominante nessa sociedade se orienta para um nível de controle sobre a violência se orienta para um nível de controle sobre a violência que, em termos comparativos é elevado e eficaz, a pressão competitiva revela-se de maneira diferente. Associada ao fato de que longas cadeias de interdependência e padrão de socialização correlativo obrigam as pessoas a utilizar previsão e diferirem a satisfação imediata e a usarem meios racionais para alcançarem os resultados, mostra que aqui existe uma tendência paralela no sentido da utilização planejada ou instrumental da violência por parte dos cidadãos comuns, no quadro de contextos sociais específicos, de forma mais evidente no crime, nos desportos e em menor dimensão na socialização e na educação das crianças.

É, através do desenvolvimento do Processo civilizacional que o indivíduo interioriza a repulsa aos atos violentos, e há uma minimização de sua tolerância, também neste momento é possível visualizar o predomínio de ligações sociais funcionais e a utilização de violência de forma planejada, seja para cometimento de crimes, seja na prática dos desportos.

No entanto, ainda em sociedades estados em que hajam características predominantemente de ligações funcionais e que possuam um Estado com legitimidade para a prática dos atos violentos, pode-se visualizar determinados grupos em que se assemelha o modelo disposto pelo Autor a sociedades segmentares, é o caso segundo Dunning (1992) de certos grupos de trabalhadores britânicos e também dos Hooligans, já em nossas observações também foi possível observar nos torcedores organizados da Gaviões da Fiel características semelhantes as ligações segmentares.

A princípio, é preciso esclarecer que para Dunning (1992), quatro principais aspectos que sugerem as características dos grupos denominados “Hooligans” como sendo observáveis as ligações segmentares, são elas:

a) O fato de aparentarem estar mais atentos a atos de violência do que com o futebol em si. (Dunning, 1992) Ressalta-se que estes atos não foram identificados durante as nossas pesquisas de campo, havia uma extrema preocupação dos torcedores organizados em cantar e incentivar o clube. O que se observou é que entre os torcedores havia uma espécie de violência simbólica com aqueles que não estavam cantando. Também havia a preocupação na produção do que se denomina “festa de arquibancada”, mesmo quando era proibida a entrada desse tipo de material nos estádios, vejamos.

Verificou-se que muitas faixas foram levadas ao estádio mesmo com a proibição da utilização deste tipo de faixas expedida pelo Batalhão da Polícia Militar na cidade de Curitiba –PR. Especialmente destacou-se uma que no canto esquerdo da faixa há um desenho de uma bola de futebol antiga que dita: “Contra o Futebol Moderno”, essa reivindicação contrária a modernização do futebol, também, está atrelada com as inovações propostas pelo Estatuto do Torcedor. Há um certo enfrentamento ao que diz respeito no Estatuto do Torcedor, pois pauta-se nele para a proibição de artefatos como sinalizadores, papéis picados, bexigas, bandeiras e faixas. A entrada desses instrumentos gera uma preocupação maior por parte dos torcedores organizados do que necessariamente com a partida de futebol.

Esta “missão” pode significar adentrar ao estádio no transcorrer da partida. Já no facebook oficial da entidade Gaviões da Fiel, foi postada a foto de sua faixa no estádio com a Hashtag “liberdade para torcer”, vejamos:

Figura 6: faixa da Gaviões no estádio Vila Capanema em 22/04/2018, Corinthians e Paraná postada na Página da Torcida



GRÊMIO GAVIÕES DA FIEL TORCIDA

Ontem às 15:05 · Instagram ·

Aqui tem um bando de louco
Louco por ti Corinthians 🎵🎵🎵🎵

#LiberdadePraTorcer

//GAVIÕES DA FIEL TORCIDA\\



Disponível

em:

https://www.facebook.com/gavioesoficial/?hc_ref=ARQU2UDRNeXN65K7pe4dKxB1VSsEz3IxweYsaOwbh3MLnUFzbnYBd5j93cWlcG99VY&fref=nf

Demonstrou-se também que havia essa preocupação de prestígio individual (quem cantava/pulava durante os 90 minutos) e com o prestígio do grupo, frente as demais torcidas (rivals, “torcedores comuns” e outras torcidas do mesmo clube).

b) Foi identificado por Dunning (1992) a semelhança de que os membros componentes serem pertencentes aos setores da classe trabalhadora denominada rude. O que desencadeia tanto luta tanto intra quanto inter classes, isto é, que participam de confrontos entre outros grupos rivais, mas também, entre as classes dominadas e dominantes representadas pela Polícia.

Neste sentido, também foi percebido esta atuação dos torcedores organizados pelo pesquisador Dias Netto (2009), quando verificou a ocorrência da união entre torcedores rivais (aparentemente da classe operária), em face dos policiais (estabelecidos). Durante nossas observações também verificou-se um princípio de confronto entre torcedores organizados da Gaviões da Fiel, durante o transcorrer da partida, no entanto, posteriormente há uma junção entre os envolvidos com relação aos policiais.

c) O notável grau de conformidade e de uniformidade na acção (sic) que é exibido nas canções e coros dos hooligans do futebol. Um tema corrente nessas canções e coro é o engrandecimento da imagem masculina e de pertencer ao grupo associado à difamação e à masculinização daqueles que não pertencem ao grupo mais individualizado é difícil conceber quer o desejo em participar de tais ações uniformes e complexas e, de acordo com isso, aceita-se que os efeitos de homogeneização das ligações segmentares possam entrar na sua base (Dunning, 1992, p.352)

A padronização dos torcedores organizados da Gaviões da Fiel, é também, propagada pelas suas vestimentas, sendo imposto aos sócios e simpatizantes a utilização de camisas pretas. Assim, mesmo durante o tempo em que estes estavam punidos de adentrar aos estádios de futebol com suas vestimentas características (com o gavião estampado) foi comercializado a venda de camisas denominadas “da proibição”, que remetiam a torcida.

Figura 7: Atos de resistência a proibição da uniformização



Fonte:

<https://www.facebook.com/gavioesoficial/photos/a.132879920122295.32868.124142937662660/1823344171075853/?type=3&theater>

A padronização das vestimentas tem por escopo a identificação daquele grupo na arquibancada, uma vez que, existem diferentes torcidas organizadas associadas ao SCCP, e muito embora haja convergências entre elas há também divergências. Logo, cada torcida,

veste-se de uma forma, a saber: Gaviões camisa preta, Camisa Doze camisa branca, Estopim da Fiel camisa listrada vertical, Pavilhão Nove camisa listrada horizontal. Também durante os jogos cada torcida canta músicas em que destacam o nome da mesma. Por fim, a padronização de vestimentas é asseverada por Pimenta (1997), também como um meio de dificultar a identificação individualizada dos indivíduos que cometem atos de violência.

Outra questão levantada por Dunning (1992) e que durante nossas pesquisas de campo efetuadas, pode-se constatar é este forte apego aos cânticos, principalmente no que tange a exacerbação da masculinidade e a refutação da feminilidade, além de ideais de heteronormatividade, como essas músicas que acompanhamos em lócuo:

“Olha que timinho de mulher/é claro que é/é claro que é/bicha (SIC)/é claro que é bicha louca/ freguês do timão ela é/parece que é pra viado/eu tenho certeza que é/ vai para cima delas/vai pra cima delas”
 “Porco, vem chupar meu pau, eu sou Corinthians sou mundial”
 (Cânticos emanados no estádio nos jogos Corinthians e São Paulo e Corinthians e Palmeiras realizados nos anos de 2017 e 2018, respectivamente)

Outro fato observado é a utilização de cânticos em que há exaltação da prática de atos de violência com relação aos rivais, inclusive foi vislumbrado:

Logo após o comboio dos torcedores organizados que compõem a diretoria de patrimônio, a pesquisadora e Badas dirigem-se a um ônibus com aqueles que foram contemplados com as camisetas/ingressos/referências. Neste ônibus, foi-se entoado músicas que exaltam a participação em atos violentos e de rivalidade extrema, inclusive para e em frente aos policiais militares.
 [...] Também notou-se que um determinado grupo não estava cantando o samba enredo durante o desfile da Escola de Samba Gaviões da Fiel e sim músicas conhecidas como de guerra e aquelas de exaltação ao clube, estes torcedores que lá se encontravam, estavam lá porque se identificavam com o grupo Gaviões da Fiel, com a torcida organizada especificamente. (Diário de Campo)

Além desses comportamentos presentes nos Hooligans que foram identificados por Dunning (1992) como sendo características associadas as ligações sociais segmentares também podemos identificar outras que encontramos nos Torcedores Organizados associados a Gaviões da Fiel. Entre elas, foi relatada entre os entrevistados a reduzidas mobilidades sociais, onde os sub grupos que se destacam são aqueles que possuem características violentas, a pequena pressão social para exercer o controle da violência, o que pode ser demonstrado através das músicas, e também dos atos perpetrados nas arquibancada, como o costume de se empurrar, chutar, em atos de violência aparentemente miméticos.

Destacou-se também a elevada distinção entre papéis masculinos e femininos o que é uma das características das ligações segmentares. Verificou-se que a função exercida pelas mulheres que compõem o quadro de diretoria, muitas vezes fica associado a organização de

eventos e em atos em que há promoção de serviços voltados a comunidade. Atualmente no site da torcida organizada não encontramos nenhuma mulher compondo a diretoria, vejamos:

Composição da diretoria – 2015/2018 Presidente Rodrigo de Azevedo L. Fonseca (Diguinho) Vice presidente Rodrigo Gonzalez Tapia (Digão) 1º Secretário Cristiano de Moraes Souza (Cris) 1º Tesoureiro Fabricio Pouseu 2º Tesoureiro Carlos Eduardo Guedes Cordeiro (Pantinho) Diretor Financeiro Reinaldo Gilberto Alves (Ady)

Disponível em: <<http://www.gavioes.com.br/os-gavioes/diretoria/>>

Também nunca houve uma presidente mulher:

Quadro 20: Relação de Presidentes da Gaviões da Fiel desde sua fundação

Mandato	Presidente
1969-1971	Flávio Tadeu Garcia La Selva
1971-1973	Alcides Jorge de Souza (Joca)
1973-1975	Andres Moreno de Castilho
1975-1977	Julio Cesar de Toledo
1977-1979	Roberto Daga
1979-1981	Tadeu Aparecido de Souza Piva
1983-1985	Avelino Leonardo Gomes (Bigode)
1985-1987	José Lucas Amaral da Silva
1987-1989	Ariovaldo Aparecido da Silva
1989-1991	Luiz Antônio Achôa Mezher (Magrão)
1991-1993	Alex Simão Araújo
1993-1995	José Cláudio de Akleimida Moraes (Dentinho)
1995-1997	Paulo Eduardo Romano (Jamelão)
1997-1999	Douglas Deungaro (Metaleiro)
1999-2001	José Cláudio de Almeida Moraes (Dentinho)
2001-2003	Marcelo Caetano Carreiro (Pantcho)
2003-2005	Ronaldo Pinto
2005-2007	Wellington Rocha Jr (Tonhão)
2007-2009	Herbert César Ferreira
2009-2011	Eduardo Araújo Fontes (Pantchinho)
2011-2013	Antonio Alen Souza Silva (Donizete)

2013-2015	Wagner da Costa (B.O.)
2015-2018	Rodrigo Fonseca Diguinho

Até mesmo verificou-se que para as eleições realizadas no Ano de 2018, para o triênio 2018 a 2021, também não houve nem uma mulher candidata para compor o Conselho deliberativo, vejamos:

Figura 8: Resultado da votação do Conselho deliberativo

Eleição para os conselheiros trienais - Gaviões da Fiel - 2018 - 2020 - Digitado por Ernesto Teixeira			
	Nº do Candidato	Nome	Quantidade de Votos
1º	73	Wildner Rocha (Pulguinha) – 14.798	1040
2º	39	Fabrizio Pouseu (Fabrizio) – 65.771	905
3º	13	Alexandre Domênico Pereira (Ale Osasco) – 51.795	843
4º	56	Nerivan Reis da Silva (Cabeção) – 15.985	803
5º	14	Alexandre Jacobina Caniello (Jarrão) – 19.822	795
6º	33	Edson Pereira da Silva (Nego Elcio) – 45.152	771
7º	37	Fabio de Oliveira Camara (Fantasma) – 19.369	644
8º	68	Thiago Carlos Dionizio (Thiago Guarulhos) -58.409	609
9º	32	Danilo Pereira Gomes Duarte (Danilinho) – 79.094	608
10º	44	Jerry Xavier (Jerry) – 60.139	606
11º	63	Ronie de Oliveira Santos (Ronie Catarina) – 42.870	580
12º	42	João Roberto Dutra (Dutra) – 29.237	576
13º	49	Marcelo Candido da Silva (Pardal) – 44.223	557
14º	30	Cristiano de Moraes Souza (Cris) – 36.261	554
15º	10	Adilson Hugo Lizardo (Adilson Lizardo) – 56.123	539
16º	38	Fabio Freitas de Lima (Cobrador) – 15.899	529
17º	16	André Luis Lizardo (André Pirituba) – 33.600	529
18º	66	Tadeu de Macedo Andrade (Tadeu) – 53.208	527
19º	15	Alexandre Campos Diniz (Pepa) – 18.180	511
20º	64	Rubens Machado de Oliveira (Rubinho Sorocaba) – 62.701	486
SUPLENTE			
1º	26	Claudinei de Oliveira Paiva (Cocaia) – 35.377	480
2º	20	Bruno Alves do Nascimento (Bruno Muka) – 64.491	476
3º	34	Emerson Alessandro Gasparini (Japonês) – 20.270	471
4º	55	Michel da Silva Souza (Inajar) – 70.566	462
5º	35	Emerson Marcio Vitalino (Emerson 21) – 64.088	438
COLOCAÇÃO PELO TOTAL DE VOTOS DOS DEMAIS CANDIDATOS			
26º	69	Tiago Anastácio dos Santos (Thiaguinho) – 72.518	431
27º	12	Alex Zingarelli (Alex Freguesia) – 19.440	412
28º	18	Antônio Donato Pereira Neto (Neto) – 75.627	408
29º	67	Thiago Padora Lopes (Baixada) – 63.030	401
30º	65	Sidnei Balbino dos Santos (Careca) – 11.673	391
31º	25	Celso Ricardo Silva Bento (Celso Pimenta) – 69.561	390
32º	61	Rodrigo Oliveira Rosa da Silva (Rodrigo) – 25.251	383
33º	58	Reginaldo Coelho (Cabeção Itaquá) – 48.135	379
34º	46	Luciano Zacharia da Silva (Negão do Barracão) – 65.587	362
35º	21	Carlos Alberto Gomes da Silva (Cacá Ipiranga) – 64.527	353
36º	57	Paulo Ezequiel Araújo (Palé) – 51.327	353
37º	43	João Vitor Matheus Pereira (J.V. Vale do Paraiba) – 85.276	347
38º	23	Celso Luiz Ribeiro (Guarulhos) – 42.933	325
39º	31	Daniel Alves da Silva (Men Mogi das Cruzes) – 28.871	302
40º	22	Carlos Alberto Severo da Silva (Carlinhos) – 49.616	293
41º	29	Cleiton de Assis Silva (Cleitininho Bandeira) – 92.248	288
42º	72	Wendel Ribeiro (Táxi Maluco) – 61.219	273
43º	45	Kleber Bischigliani Miguel (Zoreia) – 52.474	258
44º	60	Rinaldo Ferreira da Silva Costa (Naldinho Jaraguá) – 27.374	255
45º	54	Marcos Rodrigo Silva de Azevedo (Marcos Bandeira) – 93.231	228
46º	36	Eraldo Pereira da Silva (Bola) – 59.167	225
47º	48	Marcelo Antonio Silva (Português) – 17.013	219
48º	62	Roni Jefferson Braga (Roni) – 37.359	212
49º	52	Marcos Roberto de Souza (Japonês A.B.C.) – 15.220	210
50º	40	Ivan Gomes Bahia (Naja) – 28.535	196
51º	41	Jefferson Martins da Costa (Febem) – 16.720	192
52º	51	Marcio Leandro Ortega de Assis (Alemão Guarulhos) – 32.693	185
53º	59	Renato Augusto Rossi Morilla (Favela) – 77.063	170
54º	53	Marcos Roberto Viana (Wolverine) – 22.856	157
55º	17	André Luiz Machado (Alemastro) – 63.708	150
56º	70	Wagner Bueno de Andrade (Wagnão) – 60.373	149
57º	19	Arnaldo José Xavier (Tevez) – 85.279	141
58º	28	Cleber de Souza Cruz (Frajola) – 78.178	133
59º	27	Claudio Oliveira (Claudinho Velha Guarda) – 1.571	85
60º	11	Agnaldo da Silva (Agnaldinho) – 23.801	60
61º	50	Marcio Ferreira Acosta (Vila Carioca) 40.710	57
62º	71	Washington Luiz Costa da Silva (Compadre) – 82.828	44
63º	47	Luiz Fernando Perassolo (Vagabundo) – 36.545	32

Fonte:facebook.com.br/gavioesdafiel

Note-se que houve o registro de 63 (sessenta e três) candidaturas, para compor o quadro de Conselheiros da T.O, no entanto não há o registro de nem uma candidatura

feminina. Assim, podemos afirmar que a participação da mulher na GDF é limitada e escassa, não registrando possibilidades de ascensão. Além disso foi relatado entre os entrevistados algumas proibições ligadas ao sexo feminino, como o comparecimento em determinado jogos e de compor a bateria nas arquibancadas.

Também observamos um “Controle vago e intermitente dos pais em relação aos filhos; no início da socialização, a violência é central, de pais para filhos, a violência é afetiva, espontânea.” (Dunning, 1992, p. 341). Verificamos a utilização pelas crianças de vestimentas que remetem a atos violentos, como caveiras, bastões, soco inglês, vejamos:

Figura 9: Criança utilizando a camiseta da Fiel Butantã



Fonte: Arquivo Pessoal da Autora

Figura 10: Verso da Camiseta utilizada pela criança



Fonte Arquivo Pessoal da Autora

Também, foi encontrado em redes sociais de algum dos membros integrantes da torcida organizada, fotos de seus filhos remetendo a práticas violentas, e comentários como “esse será linha de frente”, atributo denominado aquele que estará na frente durante os enfrentamentos corporais.

Além disso foram verificadas outras situações em que há presença de conteúdo que exalta a violência ainda que indiretamente, ou ainda, ao enfrentamento da normativa vigente, como quando mulheres adentraram aos estádios durante a suspensão do comparecimento dos estádios com uma faixa, e muitos pais pediram para que seus filhos posassem para registrar a cena.

Em um primeiro momento encontramos, assim como na sociedade segmentares as atribuições de criação dos filhos atreladas às mulheres, sendo que a presença de menores nos estádios, festas e durante as ações sociais foram visualizadas acompanhadas de suas genitoras. Por outro lado, durante as observações de campo, encontrou-se a narrativa de genitores que se encontravam aflitos por possuírem atritos com as genitoras e acabarem sendo impedidos por essas de visitar seus filhos.

Em um dos casos inclusive, foi narrado inclusive a falta de assistência material das mulheres e a falha do dever de cuidado, e que o indivíduo possuía a intenção de deter a guarda dos filhos. Já outro, estava buscando o direito de visitas via judicial. Enquanto outro, durante uma viagem de 60 horas de ônibus para a cidade de Buenos Aires (Argentina), buscava o aplicativo de Whatsapp a todo o momento para ouvir seu filho balbuciar, demonstrando fotos de seu filho o tempo todo para os demais passageiros. Em outra ocasião também foi realizada uma “caravana” que pudessem os torcedores organizados levar seus filhos, em um ônibus de 48 lugares foram encontradas 6 crianças com idades variadas de um (1) a 12 (doze) anos. Verificou-se que nessa ocasião houve a preocupação dos responsáveis em ofertarem ônibus com maior comodidade como: banheiros anti odor, sistema wifi e DVDs para as crianças assistirem. O consumo de álcool estava liberado para aqueles que ficavam nos fundos do veículo automotor, mas quanto ao cigarro era consumido apenas durante as paradas.

Desta forma, muito embora a princípio tenhamos localizado uma socialização voltada para a infringência das normas, exaltação ideais de masculinidade e virilidade, a centralização dos deveres de cuidado nas mulheres encontrou-se também exceções de homens que buscavam a inversão dessa lógica e a preocupação de alguns pais em que seus filhos possam acompanhar o clube de coração desde que tenham um ambiente saudável e com conforto.

Ante ao exposto, compreendemos, tal qual Dunning (1992) observa no comportamento dos Hollingans, que os T.O da GDF possuem comportamentos em sua configuração que

realçam características segmentares, devendo-se ressaltar que, não são iguais aquelas constatadas nas sociedades pré-industriais, pois encontram-se submetidas a um Estado “relativamente estável e eficaz e onde existe uma complexa rede de interdependência” (Dunning, 1992, p. 353).

Isso significa dizer, que as torcidas organizadas também estão expostas ao controle externo, sofrendo pressões da civilização, oriundas de duas principais fontes: “1) das acções de policiamento, da educação e da intervenção social do Estado; e 2) dos grupos ligados de modo funcional, na sociedade mais alargada”. (DUNNING, 1992, p 358).

Quanto a primeira dessas fontes, entendemos que o Estado exerce a pressão para o controle da prática de atos violentos, em um primeiro momento através da publicação de uma norma específica e que impõem uma pena mais severa para a prática de atos violentos. Regulamentando, também, com isso a forma de torcer, como a proibição de itens que são caros aos torcedores organizados em determinados jogos, pautando-se na tese argumentativa da prevenção e repressão a violência.

Esta normativa, faz-se presente nos estádios e impõem-se aos torcedores organizados, materializando-se através dos policiais militares, que representam os interesses da classe dominante. Por conseguinte, verificou-se essa forma de pressão exercida pelo Estado, no desenvolvimento do autocontrole deste grupo que traz consigo características de ligações segmentares. Tais pressões a princípio verificou-se que desencadeou dois diferentes tipos de comportamento dos torcedores, o primeiro deles é o enfrentamento, adentrar com os itens em locais proibidos, e de outro lado, a utilização de violência física de maneira ritual, durante as partidas, através de provocações aos adversários e insinuações de práticas violentas. Por fim, a utilização da violência instrumental, organizada afim de que a lei mais severa não seja capaz de abrange-la.

6 – RESULTADOS ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

6.1 CARACTERIZAÇÃO DA PROBLEMÁTICA

O primeiro contato da pesquisadora, ocorreu na cidade de São Paulo, quando desembarcou no terminal Rodoviário Barra Funda e dirigiu-se ao jogo do Sport Club Corinthians Paulista a ser realizado na Arena Corinthians.

No decorrer do trajeto, no metrô foi possível identificar que muitos torcedores (organizados ou não) se reconheciam e cumprimentavam uns aos outros com expressões como “Salve o Corinthians”. Nesse sentido foi possível observar que os torcedores, embora apresentem elementos de identificação uns com os outros não constituem-se em um grupo social na visão Elisiana, visto que carece de algumas características fundamentais como a coesão, o carisma e a liderança.

Ao chegar no local a pesquisadora encontrou-se com as responsáveis pelo I Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancadas, através de um contato inicial da pesquisadora com a organizadora do evento. Evento este que irá se realizar em data de 11 de junho de 2017 na cidade de São Paulo no estádio Paulo Machado de Carvalho, conhecido como PACAEMBU, que comporta o Museu do Futebol. Quando a pesquisadora foi convidada para realizar uma fala para as torcedoras acerca do Estatuto do Torcedor.

As torcedoras responsáveis pelo evento distribuíram panfletos e oferecem alguns para a pesquisadora auxiliar na distribuição e vencer a barreira do estranhamento ao aplicar os questionários dos Torcedores Organizados.

Vale ressaltar que as Torcidas Organizadas estavam sob punição (pautada no Estatuto de Defesa do Torcedor) onde os mesmos não poderiam adentrar ao estádio com identificação das agremiações as quais os sujeitos pertencem. Mesmo com essa determinação era possível identificar os associados da Gaviões da Fiel. Isto porque estes estavam agrupados e encontravam-se em um local que denominavam “pinheiro”.

Além disso verificou-se que utilizavam as vestimentas que faziam referência a torcida, como por exemplo, os dizeres “Lealdade, Humildade e Procedimento”, lema da torcida em questão e também da utilização da vestimentas de grupos interdependentes como os movimentos de cidades, ou bairros, localizados no Estado de São Paulo e que está subordinado as normas e regras da figuração da Gaviões da Fiel. Exemplo disso são os movimentos: “Fiel Baixada”, “Fiel Catarina”, “Fiel Butantã” e “Fiel Caçapava”.

Alguns torcedores ao serem abordados alegaram estar “atrasados para o jogo”, mas a grande maioria dos abordados reagiram positivamente, alegando que responderiam o questionário a pesquisadora por esta ser “coringão”, “Corinthiana sofredora que veio de longe”. Nesse momento foi perceptível a existência de coesão do grupo e de sua identificação e solidariedade daqueles que julgaram pertencer ao mesmo grupo social ou ao menos a um grupo conexo. Outra questão de empatia com pertencentes ao grupo foi o fato de creditarem a responsabilidade de conceder os dados de documentos pessoais a pesquisadora, ainda que com uma certa desconfiança perguntando se “não iria aparecer uns boletos”.

Devido ao fato de estar aplicando questionários a pesquisadora adentrou ao estádio apenas após 30 minutos do início da partida. O questionário exploratório continha 5 perguntas, são elas:

Quadro 21- Perguntas do questionário exploratório

Você Conhece o Estatuto do Torcedor?
Você concorda com ele?
A Torcida Organizada que, promover tumulto prática de violência estará sujeita: Formação Acadêmica do entrevistado
Gênero do entrevistado

Fonte: A Autora

Quanto a primeira questão se os torcedores entrevistados conhecem o Estatuto, obtivemos as seguintes respostas: 37 pessoas responderam que conhecem o Estatuto e já 13 responderam que não o conhecem, isso significa dizer que um total de 74% (setenta e quatro por cento dos torcedores entrevistados alegam conhecer a norma.

Quando indagamos se os indivíduos concordam com ela um total de 18 indivíduos responderam afirmativamente enquanto 32 indivíduos responderam negativamente, nesse sentido verificamos que a maioria dos torcedores organizados discordam do ordenamento jurídico.

Ao cruzarmos os dados entre indivíduos que dizem conhecer a norma e discordam dela temos um total de 22 indivíduos, dos 37. Assim, pudemos constatar que os torcedores organizados que dizem conhecer o EDT ,em um percentual de 59,6% discordam do Estatuto. Há também aqueles que afirmam não conhecer, estes por sua vez, mesmo alegando desconhecer o estatuto dos 13, 10 deles discordam da Lei.

Com esta entrevista exploratória podemos verificar que nossas hipóteses iniciais foram confirmadas, ou seja, os torcedores organizados mesmo aqueles que alegam não conhecer a norma, possuem objeções a ela. A terceira pergunta realizada, tinha por objetivo identificar qual o nível de conhecimento do torcedor sobre a lei, para tanto elaboramos quatro opções de

respostas que poderiam nos auxiliar a chegar a conclusão do nível de profundidade ou da espécie de conhecimento, vejamos:

Quadro 22: Alternativas e seus significados da terceira pergunta do questionário exploratório

Alternativa	Significado da Resposta
Suspensão do comparecimento aos jogos pelo período máximo de 3 anos.	Resposta Parcialmente correta, reconhece a norma, entretanto não em profundidade.
Suspensão do comparecimento aos jogos pelo período máximo de 3 anos e pagamento de indenizações cabíveis.	Resposta Correta, nível de conhecimento: profundidade temática, letra da lei.
Suspensão da utilização de faixas, bandeiras e vestimentas.	Resposta parcialmente correta: não conhece a norma em si porém conhece os efeitos em sua prática enquanto torcedor.
Extinção da Torcida Organizada	Incorreta.

Fonte: A autora

Isto posto, verificamos que, nenhum sujeito, dos 50 questionários aplicados respondeu de maneira incorreta. Agora quanto as demais respostas oferecidas temos:

Quadro 23: Respostas ofertadas pelos sujeitos após a aplicação da terceira pergunta do questionário exploratório

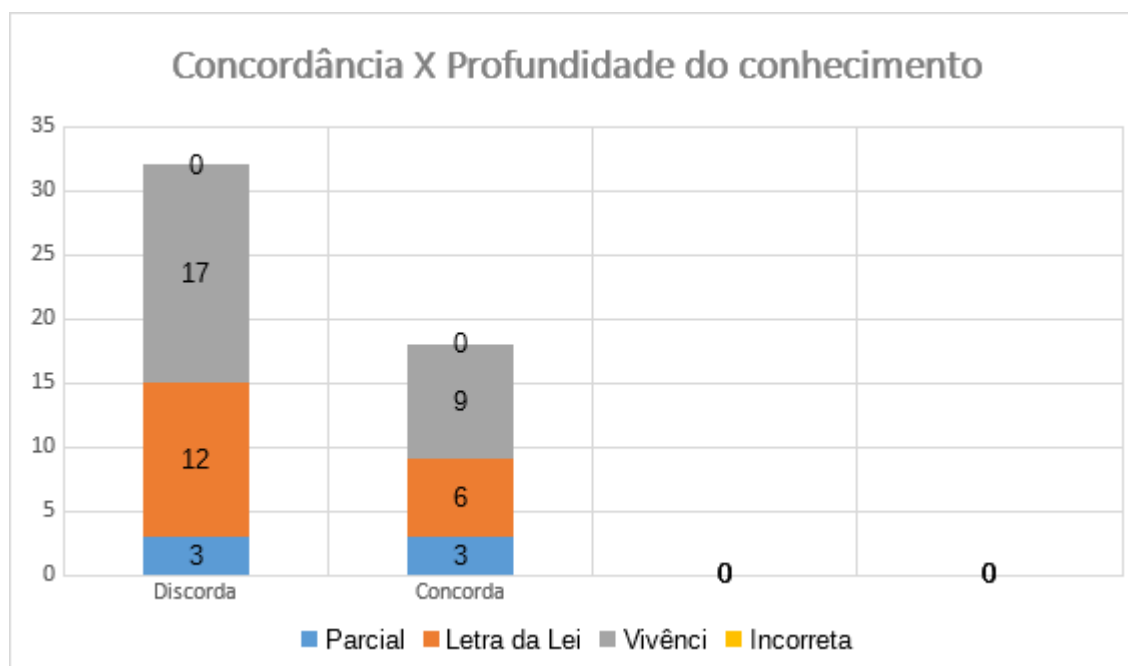
Resposta	Número de Sujeitos
Parcialmente Correta	5
Letra da Lei	18
Vivência	27
Incorreta	0

Fonte: A autora

Desta forma, compreendemos, que os indivíduos integrantes das torcidas organizadas, possuem propriedade para expressar sobre o Estatuto do Torcedor, não apenas por possuir medidas que destinam a eles, mas por de certa forma, em maior ou em menor grau possuem um conhecimento sobre a temática, especialmente através do conhecimento empírico. Isto é, a maioria dos entrevistados, apesar de não conhecer o que expressamente está contido na Lei, ainda assim, vivenciam os efeitos causados por ela.

Agora, realizando o cruzamento de dados entre a pergunta de número 2 (se o indivíduo concorda com a norma) e a profundidade que possui de conhecimento sobre a mesma temos:

Figura 11: Gráfico de Análise relacionando as perguntas 2 e 3 do questionário exploratório



Fonte: A Autora

Verificamos que aqueles que possuem conhecimento parcial da norma possui um posicionamento dividido entre sua concordância. Já a categoria de indivíduos que possuem conhecimento sobre a forma e modelo como está contido na lei, o número de indivíduos que discordam é de 12, o dobro do número que concorda. Agora aqueles que reconhecem a norma pela sua vivência temos um total de 17 indivíduos que discordam e nove que concordam.

Desta forma o questionário inicial, que possuía caráter exploratório, com a finalidade de observar a necessidade (ou não) de reformular a pergunta de partida, demonstrou que esta deve ser mantida. Isso porque indagamos: “Qual a compreensão dos torcedores organizados associados a Gaviões da Fiel (sede São Paulo- SP) sobre as medidas punitivas previstas no caso de práticas de atos de violência física no Estatuto de Defesa do Torcedor promulgadas em 2010?”. E esse questionário foi capaz de nos demonstrar primeiro que os torcedores organizados possuem conhecimento sobre a norma, segundo que possuem juízos de valores sobre ela. A partir disso com as categorias levantadas no segundo capítulo: Psicogênese, Sociogênese, e as características atinentes aos grupos sociais, como carisma e a coesão, passaremos ao estudo de sua compreensão sobre as normas e os fatores que a influenciam.

6.2 REALIZAÇÃO DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DE PERGUNTAS ABERTAS

A primeira pergunta realizada aos entrevistados era: “o que é ser Gaviões para você?”. Note-se que a Gaviões da Fiel é o conteúdo central para sua análise optou-se pela análise sugeridas pela Autora Bardin com a realização de uma leitura flutuante, afim de formularmos hipóteses iniciais para analisar as entrevistas e extrair índices, podemos adotar os seguintes procedimentos de repartição (BARDIN, 1977, p. 26)

- do geral para o particular: determinar em primeiro lugar as rubricas de classificação e tenta-se em seguida arrumar o todo;
- ou inversamente: partimos de elementos particulares e reagrupamo-los progressivamente por aproximação de elementos contíguos para no final desse procedimento atribuímos um título à categoria;
- Mas também é possível efetuarmos a classificação segundo um outro ponto de vista, uma outra dimensão de análise. [...] Se as duas dimensões podem se cruzar, como é o caso é possível então realizar a síntese de um quadro de dupla entrada.

Desta forma, para analisar nossa primeira pergunta “O que é ser Gaviões para você?” é necessário esclarecer que a mesma têm por finalidade verificar se a torcida Gaviões da Fiel constitui-se em um grupo social, e para tanto, se preenche as características propostas na obra Elisiana, quais sejam: a) observarmos se há manifestação do pertencimento, b) se há uma normativa própria daquele grupo, c) se há atribuição de competência aos integrantes que compõem o grupo e a disputa de poder. d) a identificação de características estéticas que compõem o grupo; e) a produção da semelhança; f) a citação de lugares onde os grupos possam se encontrar e se reconhecer g) coesão. Conforme a orientação supramencionada realizamos essa classificação montando o quadro a seguir, vejamos:

Quadro 24- Análise da primeira pergunta feita aos entrevistados 1 ao 10

Entre visto	1	2	3	4	5
Manif estaçã do pertencimento	senti na pele o que é ser gavião,	X	quem gostava do cointhians somos nós [...] é você ir para uma caravana é saber que você pode estar ombro a ombro com sua torcida vibrando para seu time é um sentimento especial	tudo que eu faço hoje eu levo o gdf comigo [...] tem uma parte da vida que a GDF e 80% 90% dedicando ao GDF, vivendo isso, falando isso diariamente voltado para os assuntos da t.o ou do SCCP	o GDF para mim é algo que eu levo até hoje,
Norm ativa Própria	porque como é uma torcida muito machista	eu aprendi a ser homem [...] def ender a questão de	GDF para mim foi uma escola de vida [...] comporta mento em caravana? É você	levar o GDF no dia a dia ser correto ter ao índole caráter, amar o Corinthians, nunca usar a	aí já era uma rapaziada que estava na frente da situação mesmo, levava faixa levava bandeira para o jogo e o departamento de

		ideologia o que é certo e o que é errado coisas que carrego comigo até hoje, tipo, não mexer com a mulher do próximo, não roubar o amigo, tipo o básico do que é o jeito correto de ser.	estar dentro da caravana não jogar lixo fora, é você se comprotar não ficar ofendendo as pessoas na rua pra não ter problema com a PM, o comportamento dentro do estádio é cantar o tempo todo incentiva o sccp o tempo todo, não ficar de braço cruzado, incentivar o sccp [...] Olha há sanção existia se você não seguisse as normas, as normas são essas que falei, ser digno ser honrado ser fiel se você não seguir as normas você pode ser punido com suspensão e até a expulsão	torcida nem o Corinthians para benefício próprio para mim o que é ser GDF	bandeira dos gdf sempre foi o espelho que passava a visão para a rapaziada que estava chegando e para você ser presidente ser diretor nos gaviões você tinha que passar pelo Departamento de bandeiras.
Atribuições de competência aos integrantes	a mulher não tem espaço ali dentro, a não ser para fazer uma ação social, ou qualquer outra coisa do tipo para lavar um banheiro, fazer uma comida, ou ser uma secretária.	nesses período aí que eu fui convidado, a ajudar na tesouraria nos GDF	X	X	o dp de bandeira era quem ia ser o futuro do gdf, ia ser o futuro presidente, o futuro tesoureiro o futuro conselheiro, era uma rapaziada certa mesmo
Categorias estéticas sobre o grupo	Além disso a força da arquibancada que é muito bonito para quem está de fora olhar e tal [...] eu lembro lá no Pacaembu que tinha uma cordinha, que separava se você tivesse com a camisa preta, [...] então era uma coisa padronizada	X	quando eu olhei para arquibancada aquele mar negro só tinha duas bandeiras a torcida um pouco reduzida mas era uma torcida que cantava e que vibrava o tempo todo do jogo [...] que a camisa da gdf é para usar em estado em dia de jogo, não para ir na feira comer um pastel na quebrada, mas camisa oficial é uma farda é um manto sagrado que você deve usar na arquibancada [...] Assim quando eu comecei	eu já admirava o GDF com meu pai sempre que eu via na TV sempre ficava olhando e sempre com vontade de tá lá	

			a usar a camisa quando eu comecei na torcida, eu me achava o super homem você coloca uma camisa, você nossa, era uma coisa assim que você sentia que poderia enfrentar tudo e todos		
Produção da Semelhança	eu aprendei, com gente que até hoje para mim é espelho, e que não frequenta mais lá, mas que até hoje para mim é espelho.	Eu graças a deus peguei uma época que o gaviões não era dividido, hoje em dia tem quatro, cinco grupos, é.	Ser GDF é ser um algo a mais, um corinthiano a mais	[...] ver que você faz a diferença num resultado do jogo	o problema político lá é terrível lá querem o poder, querem ganhar dinheiro com torcida tive o prazer de participar do departamento de bandeira dos gaviões e aí já era uma rapaziada que estava na frente da situação mesmo, levava faixa levava bandeira para o jogo e o departamento de bandeira dos gdf sempre foi o espelho que passava a visão para a rapaziada que estava chegando
Local onde possam se encontrar	ir na quadra, ver mais de perto o que é era os gaviões de verdade e aí eu já era apaixonada, quando eu entrei dentro dos gaviões da quadra fiquei ainda mais, não era nem ensaio, não era nada, tava tendo um “botequim da fiel” que chamava na época, que tava tendo ali no cantinho do jogador,	A tipo Gaviões para mim é segunda casa	eu procurei saber onde funcionava e como funcionava o gdf e eu fui para lá fui algumas vezes na época você tinha que assistir reuniões algumas vezes para você poder se associar eu assisti essas três reuniões e me associei	Desde quando eu não andava no GDF não ia no GDF por causa de idade desde os 08 09 anos já admirava os GDF sempre eu já admirava o GDF	“como você se viu GDF” foi na minha primeira caravana, até então eu ia para jogo, rapaziada, minh minha carteirinha, aí sou do gdf ia para jogo mas não ia com tanta frequência mais aí minha primeira caravana encontrei a rapaziada e naquele ritmo e nunca mais parei.
Coesão	sempre que eu ia para jogo eu sempre ficava no gaviões, eu	que você chegava no gaviões de sexta feira	é você ir para uma caravana é saber que você pode estar ombro a	X	mas em si o GDF na minha vida foi onde eu conheci meus

	sempre ia de preto, na minha época de começar ir pra jogo, eu comecei a ir muito cedo, que eu nem morava aqui em São Paulo, eu lembro lá no Pacaembu que tinha uma cordinha, que separava s você tivesse com a camisa preta, não precisava nem ser do gaviões, poderia ser do SCCP mesmo, se não tivesse você não entrava aí você podia ver o jogo do lado dos gaviões junto com eles, então era uma coisa padronizada,	era poucas pessoas, não tinha esse negócio de cada um para um canto, então você respirava, você vivia Corinthians, na véspera do clássico, você você viva em torno disso respirava você cantava um samba ou música do Corinthians, basicamente isso	ombro com sua torcida vibrando para seu time é um sentimento especial		amigos, minha família, meus parceiros que andam comigo até hoje
Carac terística/ Entre vistado	6	7	8	9	10
Manif estação do pertencimento	De uma forma direta ele é parte da minha essência. OS GDF é o que eu escolhi carregar para a vida toda.	Ser GDF para mim é ser um pouco mais torcedor do SCCP. Porqu ali você tem o privilégio de viver do clube que tanto amamos	X	X	GDF foi e sempre será minha segunda família
Norm ativa Própria	É ideologia. O próprio LHP – lealdade humildade e Procedimento	X	defender o SCCP, apoiá-lo incondicionalmente [..] Ser GDF é acreditar e confiar sempre no clube.	Ser GDF é uma escola de vida [...] Lá aprendemos primeiramente a nos respeitar como irmãos e a respeitar os outros.	ideológico. Lá não se discrimina cor da pele, nacionalidade, escolaridade, nível salarial, credo, e tantas outras coisas que dificultam as amizades; [...] Existe um código de amizade que se respeita e ideais compartilhados.
Atribu ções de competência aos integrantes	X	X		X	
Categ orias estéticas sobre o grupo	X	X	ser a torcida que joga junto com o time, que levanta as arquibancadas, que faz a festa para o povão	X	

Produção da Semelhança	O GDF ao meu ver não é apenas uma t.o, um CNPJ [...] tem suma importância no desenvolvimento das torcidas, coletivos e na redemocratização do país	X	X	Ser um gavião não quer dizer ser mais Corinthiano que ninguém, mas um verdadeiro Gavião vive o Corinthians	O ser humano quer participar, se sentir valorizado, dando sua opinião, no Gaviões eu aprendi coisas inimagináveis de se discutir na escola e na família de uma forma clara e direta
Local onde possam se encontrar	carrego independente do espaço físico.	X	X	X	
Coesão	X	x	X	onde não importa o grau de escolaridade, poder aquisitivo, se é negro, se é branco, amarelo, japonês africano, pequeno, alto, magro ou gordo Lá aprendemos primeiramente a nos respeitar como irmãos	Lá não se discrimina cor da pele, nacionalidade, escolaridade, nível salarial, credo, e tantas outras coisas que dificultam as amizades

Quadro 25 - Análise da primeira pergunta feita aos entrevistados 11 ao 15

Característica// Entrevistado	11	12	13	14	15
Manifestação do pertencimento	X	X	faz parte da minha vida, minha história	X	orgulho dizer que faço parte dessa entidade .
Normativa Própria	Ser Gavião significa ser independente. Ser reivindicatório, [...] ser sempre pelo certo em prol do grande Corinthians.	estar presente no dia a dia nas questões relacionadas ao nosso amor maior que é o SCCP, tanto na vida política, administrativa ou qualquer setor do clube	é uma vida para toda;	é seguir uma ideologia é amar o Corinthians acima de tudo.	Gaviões é uma escola de vida
Atribuições de competência aos integrantes	ser fiscalizador,	pois os GDF nasceu para poder fiscalizar		é você entender o que os fundador, os nego veio deixou de legado	X
Categorização	X	X	X	Ser	X

as estéticas sobre o grupo				Gaviões para mim é muito mais que uma camisa, uma carteirinha	
Produção da Semelhança	X	Tam bém posso dizer é fazer o espetáculo como nenhuma outra t.o em qualquer estado desse país ou do mundo.	X	X	X
Local onde possam se encontrar	X	X	X	X	X
Coesão	X	pelo mesmo ideal que meus irmãos lutam	É viver em um coletivo, vivemos e fazemos amizades e criamos uma irmandade dentro da torcida organizada.	fazer parte de um grupo onde você se identifica mesmo sem se conhecer quem está do seu lado você já saber qe ali tem um assunto em comum que pode conversar uma conversa e já pode começar uma amizade	X

Fonte: A Autora a partir da Leitura de Garigou e Lacroix (2012) e Elias (1992)

Com a realização das primeiras cinco entrevistas já foi possível atingir o nível de saturação visto que todas as características de um grupo social foram citadas relacionadas à GDF por pelo menos um entrevistado, o que nos permite concluir que a GDF é um grupo assim considerado. Vejamos as análises de suas características:

Quanto ao **pertencimento**: foi possível identificar entre as 15 entrevistas realizadas 13 momentos em que há a exaltação ao sentimento de pertencimento, o que Elias (1994) chama de carisma grupal. Trata-se do ideal de nós, a satisfação em integrar e participar de um grupo poderoso. Tal sentimento, fará com que o indivíduo afim de que perpetue sua permanência ou ingresse no grupo acabe por se submeter ao controle de seus afetos e [...] cumpra com as obrigações que lhe são impostas pelo grupo (SCOTSON, ELIAS 1992 p, 96).

Desta forma, ao considerarmos que o indivíduo irá se regular e agir de acordo com o grupo, compreendemos que para que um grupo seja considerado em si mesmo deve possuir uma **normativa própria**, das entrevistas foram encontradas algumas dessas normativas de maneira explícita, vejamos:

porque como é uma torcida muito machista
 Entrevistado 1
 [...] eu aprendi a ser homem
 Entrevistado 2

Entendemos que a fala do Entrevistado 2 está relacionado com a fala do Entrevistado 1 porque estipula uma carga valorativa para indivíduos do sexo masculino, ademais foi narrado durante as entrevistas algumas proibições em que as mulheres pertencentes ao GDF não poderiam realizar como: comparecer aos jogos considerados perigosos, tremular bandeiras e compor como membro da bateria nos estádios.

As proibições impostas às torcedoras organizadas da GDF foram visíveis durante a realização da pesquisa de campo no 1º Encontro Nacional das Mulheres de Arquibancada, onde estas pleiteavam por maiores e mais efetivas participações no grupo. Se por um lado foi visível a existência de componentes que propunham maior elasticidade em suas funções, também foi perceptível a estranheza com que essas declarações foram recebidas pelos homens presentes, chegando inclusive cogitar a aplicação de suspensão àquelas que se posicionavam de maneira mais enfática contra a ordem vigente. De acordo com Grigou e Lacroix:

O senso do que fazer e não fazer para não ofender ou chocar os outros torna-se mais sutil e, em conjunto com as novas relações de poder, o imperativo social de não ofender os semelhantes torna-se mais estrito em comparação com a fase precedente. (p 91)

Verificamos que mesmo entre aquelas que se posicionaram de forma contrária as normas do grupo já existiam um senso de que iriam causar estranhamento nos demais, tendo em vista, que já pertenciam há algum tempo a torcida organizada. Por outro lado, foi observado àquelas que interiorizaram a norma do grupo e a partir disso controlaram seus afetos, ao proclamar que compreendiam e estavam satisfeitas em demonstrar o amor pelo clube e por sua torcida com a limpeza da sede, a prática de ações sociais, e não necessariamente compondo a bateria. Tal subdivisão de funções relacionadas ao gênero do indivíduo também é prevista por Dunning (1992) como uma das características das sociedades ligadas por laços segmentares.

Outra característica dessa forma de ligação e que também foi identificada na GDF é o culto explícito a violência, evidenciado pelas vestimentas e pelas músicas entoadas, o que também está relacionado com o machismo pois de acordo com Elias (1992), a violência relacionada ao ambiente desportivo possui entre suas causas a liberação de ideais macho,

como a virilidade. Ante a o exposto, entendemos que a GDF possui normativa própria e entre elas destaca-se a limitação de atuação das mulheres e a perpetuação de ideais de violência.

E, é com isso que passamos a refletir que o Estado ao aplicar sanções para atos considerados violentos (que podem ser inclusive a entonação de cânticos tradicionais da GDF ou práticas usuais como a provocação de adversários através de uma violência ritual) que são considerados legítimos pelo grupo há uma tentativa de dominação ou imposição de poder de uma configuração sobre a outra. A configuração estatal, através do desenvolvimento de normas de caráter rigoroso, busca a interferência no modo de agir de um grupo, que possui regras próprias contrárias a esta legislação, causando uma disputa de poder.

Vale ressaltar que a dominação do controle e do poder dentro do grupo também é exercido através da **estipulação de atribuições ou funções** aos integrantes do grupo, vejamos:

[...] pode ser muito ampla a margem de decisão acessível às pessoas que ocupam a função de liderança. Mas seja maior ou menor a margem de decisão do indivíduo o que quer que ele faça alia a uns e afasta do outro. Tanto nas grandes questões como nas pequenas, ele está preso à distribuição do poder à estrutura das dependências e as tensões nas estruturas do grupo. [...] e só depende do poder das funções interdependentes em questão do grau de dependência recíproca, saber quem será mais capaz de limitar quem através de sua atividade.

(ELIAS, 1994, p. 51 e 52)

Isto é, as [...] leis sociais ou regularidades sociais – as pessoas estão presas umas as outras num emaranhado de funções interdependentes.(Elias p 23, 1994), para tanto, há uma estrutura hierárquica capaz de designar as atribuições e competências do indivíduo e também limitar a atuação de cada um no exercício da atividade ou função que desempenha no grupo.

A GDF, assim como nas demais configurações ao mesmo tempo é firme e elástica, pois, há em alguns momentos a possibilidade de decisões individuais como a constituição de relações amorosas. No entanto, muitas vezes estas podem ser alvo de crítica se ocorrer com um indivíduo componente de outra torcida, verificamos, que a mobilidade dessas escolhas individuais está fortemente atrelada a posição em que esta ocupa no grupo. E este indivíduo que possui maior mobilidade pode ocasionar esse tipo de tensão dentro da configuração se subverter a ordem vigente, podendo desencadear uma sequência de ações e exemplos para os demais indivíduos componentes do grupo.

Outra característica presente na sociogênese dos grupos sociais outrora explicado é a **caracterização externa dos indivíduos componentes**. Nas entrevistas foi possível perceber o apego dos integrantes às camisas oficiais da torcida, e a produção da padronização da arquibancada, vejamos:

Além disso a força da arquibancada que é muito bonito para quem está de fora olhar e tal

[..]

eu lembro lá no Pacaembu que tinha uma cordinha, que separava você tivesse com a camisa preta,

[..]

então era uma coisa padronizada

Entrevistado 1

[..]

que a camisa da gdf é para usar em estádio em dia de jogo, não para ir na feira comer um pastel na quebrada, mas camisa oficial é uma farda é um manto sagrado que você deve usar na arquibancada

[...]

Assim quando eu comecei a usar a camisa quando eu comecei na torcida, eu me achava o super homem você coloca uma camisa, você nossa, era uma coisa assim que você sentia que poderia enfrentar tudo e todos

Entrevistado 03

Podemos perceber que as características estéticas do grupo também estão alinhadas com a manifestação do pertencimento (carisma grupal), pois mostra que o indivíduo ao estar portando aquele símbolo de pertencimento (camiseta oficial dos Gaviões) sentia-se pertencente a um grupo superior aos demais (super homem). Também durante as pesquisas de campo, ocorreu de um indivíduo abordar um componente da GDF, e oferecer uma boa quantia em dinheiro em sua camiseta, pois o mesmo era de outro estado e sonhava em adquirir, no entanto, o componente recusou os valores alegando que só poderia ser revendida para aqueles que eram associados.

Desta diferenciação, entre os componentes integrantes do grupo e os não componentes reside o processo de produção da semelhança e também da diferenciação. Seja a semelhança entre os indivíduos associados e a diferença destes com relação àqueles que não compõem o grupo. Vale ressaltar que esta produção de semelhança pode ser verificada também dentro dos grupos, subdividindo-o conforme verificamos nas entrevistas:

[...] eu aprendei, com gente que até hoje para mim é espelho, e que não frequenta mais lá, mas que até hoje para mim é espelho.

Entrevistado 1

Eu graças a deus peguei uma época que o gaviões não era dividido, hoje em dia tem quatro, cinco grupos, é.

Entrevistado 3

o problema político lá é terrível lá querem o poder, querem ganhar dinheiro com torcida tive o prazer de participar do departamento de bandeira dos gaviões e aí já era uma rapaziada que estava na frente da situação mesmo, levava faixa levava bandeira para o jogo e o departamento de bandeira dos gdf sempre foi o espelho que passava a visão para a rapaziada que estava chegando

Entrevistado 05

Também foi encontrado a produção de semelhança ou diferenciação com relação as demais T.O:

Também posso dizer é fazer o espetáculo como nenhuma outra t.o em qualquer estado desse país ou do mundo.

Entrevistado 12

[...]

tem suma importância no desenvolvimento das torcidas, coletivos e na redemocratização do país

[...]

O GDF ao meu ver não é apenas uma t.o, um CNPJ

Entrevistado 06

E finalmente verificou-se a produção da semelhança com relação aos demais torcedores corinthianos ou demais setores da sociedade, vejamos:

Ser GDF é ser um algo a mais, um corinthiano a mais]

Entrevistado 3

[...] ver que você faz a diferença num resultado do jogo

Entrevistado 4

Ser um gavião não quer dizer ser mais Corinthiano que ninguém, mas um verdadeiro Gavião vive o Corinthians

Entrevistado 9

O ser humano quer participar, se sentir valorizado, dando sua opinião, no Gaviões eu aprendi coisas inimagináveis de se discutir na escola e na família de uma forma clara e direta

Entrevistado 10

Entendemos que o processo de diferenciação ou produção de semelhança está associado a diferentes momentos, o primeiro deles é quando de sua constituição buscando unir e encontrar indivíduos que se reconheçam por algum fator semelhante, o segundo é do sentimento de pertencer aquele grupo considerando-o distinto dos demais, a arte de agrupar-se, e por fim, está relacionado ao poder e a disputa de poder existente no próprio grupo, quando uns se entendem como diferentes dos demais e buscam manter ou subverter a lógica normativa do grupo.

Nos Gaviões da Fiel verificamos a importância da Diferenciação nesses três momentos, o primeiro deles é quando da fundação pois ele surge das reivindicações de um grupo de torcedores que mobilizou-se sentindo-se capazes de operacionalizar como fiscalizadores do clube (Entrevistado 10). Também verificamos que essa diferença quanto aos demais torcedores fica evidenciada pelas festas nas arquibancadas e caracterizadas pelas camisas pretas o que foi um dos fatores que levaram muito de seus componentes a associar-se, e por fim verificamos a existência de grupos como ex-membros da Rua São Jorge, que pregam pelo retorno das origens dos Gaviões, ou das mulheres que unidas buscam a conquista de mais direitos efetivos ao seu gênero dentro do grupo.

Por fim é através da disposição de um **espaço físico em que este grupo se reúne**, onde aqueles que querem se integrar ao grupo possam localizá-lo, onde as relações entre os componentes podem ocorrer que estabelece-se um grupo social. Entre os lugares citados destacou-se a sede da torcida, com ênfase no cantinho do jogador e por fim as caravanas, é de quase um apelo romântico a expressão dos sentimentos pelo ônibus que levam os torcedores pelo Brasil e pela América Latina. Pois durante algum tempo eles acabam sendo uma espécie de “segunda casa” dos torcedores. A exemplo da caravana em que a Autora participou ficou-se por cerca de 5 (cinco) dias dentro do ônibus, sendo 60 horas rodadas e todo aquele espaço motorizado foi capaz de proporcionar um ambiente para se desenvolver as relações existentes na configuração, ficando nítido os subgrupos, as funções atribuídas a cada um e também os “batismos” aos novos integrantes.

Por fim, a **Coesão**, constitui-se no fator de reconhecer que mesmo os indivíduos que possuem menor poder dentro do grupo encontram-se nele e devem ser respeitado como tal. Pode-se vislumbrar isso principalmente quando os torcedores da GDF vão chamar e reconhecer o outro como “irmão”, como uma parte da “família”, sendo que a frequência de vezes em que foram utilizadas essas palavras foram três e quatro respectivamente, vejamos onde a primeira se encontra:

[...] tipo Gaviões para mim é segunda casa, eu cresci como homem, eu aprendi a ser homem e fiz vários irmãos
(Entrevistado 2)

Lá aprendemos primeiramente a nos respeitar como irmãos e a respeitar os outros
(Entrevistado 9)

[...] vibrar pelo mesmo ideal que meus irmãos lutam, ou seja, estar presente no dia a dia nas questões relacionadas ao nosso amor maior que é o SCCP
(Entrevistado 12)

Veja-se que os indivíduos não fazem distinção daqueles do grupo que entram na categoria “irmãos”, considerando todos aqueles que o compõem como tal. E é essa característica de coesão que irá desencadear em uma forte influência no desenvolvimento do controle das condutas dos indivíduos pertencentes ao grupo, tendendo a formar uma unidade, que fazem o todo como igual ainda que se tenha entre eles uma disputa de poder.

Contudo, faz-se necessário esclarecer que durante nossas pesquisas de campo e com a análise das entrevistas realizadas pelo Software verificamos que existe um apego, uma forte conexão do grupo (ou configuração) com objetos que não possuem vida: como as bandeiras de mastro, a própria arquibancada não é apenas um “lugar em que um grupo pode se encontrar”, os sinalizadores, as barras de ferro e as camisas oficiais.

Esses objetos possuem forte significado para um grupo, vejamos a frequência quais foram citados durante as entrevistas na primeira pergunta bandeiras (8), camisa (7), arquibancada (4) camisa oficial (3), tobogã (3) que é o local da arquibancada destinado aos torcedores comuns no Pacaembu, faixa (2), estádio (2) cerveja (2).

Nesse sentido compreendemos que existe para os torcedores organizados um robusto significado para determinados objetos inanimados, mas que a Teoria de Norbert Elias não nos abarca para compreendermos quais a representatividade desses objetos e quais são suas influências ou não em uma determinada configuração.

Ante ao exposto, compreendemos que atingimos o segundo objetivo proposto, pois entendemos que a Gaviões da Fiel é um grupo social e que possui todas as características propostas por Norbert Elias, agora vamos a análise se as Torcidas Organizadas como um todo constituem-se em um grupo social, retornando as mesmas características outrora expostas:

Quadro 26- Análise da segunda pergunta feita aos entrevistados 1 ao 5

Entre visto	1	2	3	4	5
manif estação do pertencimento	ainda mais de tudo que a gente passa.	X	X	X	X
norm ativa própria	X	antiga mente para eu ser sócio eu tinha que ir em três reuniões, porque era rígido (ATU ALIDADE NÃO EXISTE)	X	X	É apoiar incondicionalmente o time em qualquer lugar, o t.o é aquele cara que realmente viaja que faz um esforço para ver o clube, o cara que dá a vida pelo time mesmo e pois na hora que tem que apoiar, cobra na hora que tem que cobrar, fiscalizar na hora que tem que fiscalizar, isso é a função de um torcedor organizado
atribu ção de competência aos integrantes	X	X	X	X	X
produ ção da semelhança	porqu e quem está apoiando em todos os jogos é a torcida organizada.	Hoje em dia qualquer um pode ser torcedor organizado, qualquer um fala em nome do GDF. (ATU ALIDADE NÃO EXISTE)	T.o é um conhecimento maior do clube saber protestar, estar com meus amigos tomar uma cerveja é bater um papo uma ideia sobre SCCP	perant e a mídia e perante a sociedade você é tratado como um lixo não como um torcedor [...] toda a vez que for usado uma	X

				imagem para divulgar o futebol ver os vídeos geralmente o que eles mostram é a t.o então eles usam a gente para vender o produto deles	
lugares onde os grupos possam se encontrar	X	X	X	X	X
Coesão	X	X	X	X	X

Fonte: A Autora

Quadro 27- Análise da segunda pergunta feita aos entrevistados 6 ao 10

Entrevistado	6	7	8	9	10
manifestação do pertencimento	X	X	X	Eles torcem e nós de organizada vivemos SCCP.	X
normativa própria	X	Ser torcedor organizado é ser um fiscal do time, é cobrar, e reivindicar é estar todos os momentos aí para o clube.	X	Ser torcedor organizado é participar mais ativamente dos jogos do SCCP. É torcer enquanto não acaba o jogo , mas é cobrar quando mal administrada ou por melhorias para o clube,.	X
atribuição de competência aos integrantes	X	X	X	X	X
produção da semelhança	Em busca do fomento das festas nas arquibancadas e do resgate das tradições (futebol raiz). É a resistência e por vezes irracional.		Ser t.o para mim é querer estar mais perto do SCCP é representar uma torcida na arquibancada em prol do SCCP ou representar o SCCP na avenida	É como falei, se diferencia dos torcedores comuns O torcedor comum como falei é aquele que torce, vai aos jogos na arena ou nem vai ao estádio mas é corinthiano	Ser t.o é representar o verdadeiro Corinthians da periferia com seus ideais, sua bipolaridade, ses defeitos, se fanatismo. Nunca tivemos a intenção de representar toda a torcida corinthiana mas o verdadeiro Corinthians

				como todos os outros. Os organizados se diferenciam no quesito participativo, Fazem rateio para viajar dividimos marmitas no ônibus, ficamos dias fora de casa, longe da família, sofremos opressões policiais esteja sol ou chuva estamos nos estádios em qualquer lugar do país, só para estar na arquibancada gritando SCCP. Procuramos seguir as tradições do clube e torcemos até o último minuto de jogo. Isso é torcedor organizado para mim.	
lugares onde os grupos possam se encontrar	X	X	X	X	X
Coesão	X	X	X	X	X

Fonte: A Autora

Quadro 28- Análise da segunda pergunta feita aos entrevistados 11 ao 15

Entre	11	12	13	14	15
vistado					
manif			Não	X	
estação do			somos melhores		
pertencimento					
norm	T.o é	Ser t.o		X	Acom
ativa própria	aquele que está incluído nesse movimento fiscalizador, reivindicatório	é torcer de corpo e alma, o seja temos um ideal que é apoiar o nosso clube em qualquer situação e nós do GDF pregamos isso e vocês podem ver isso			panhar o meu amor maior SCCP.

		JAMAIS iremos abandonar o nosso clube ou vaia durante os jogos			
atribuição de competência aos integrantes	X	X	X	X	X
produção da semelhança	aquele que dá um apoio maior ao clube dentro de campo, porque normalmente ele acompanha ele cria um vínculo de amizade ele se enturma e acaba tendo uma facilidade maior de ir em caravanas e até mesmo em jogos maior dentro do nosso estádio.	X	Não somos melhores, mas apenas frequentamos mais jogos.	X	
lugares onde os grupos possam se encontrar	X	X	X	X	X
Coesão	X	X	X	X	X

Quadro 27- Análise da segunda pergunta feita aos entrevistados 11 ao 15

Isso posto, podemos identificar que muito embora em alguns momentos hajam reflexões que denotem o ideal de “NÓS” e de pertencimento vemos que eles são escassos. Durante as entrevistas verificou-se que os entrevistados respondiam sobre as Torcidas Organizadas do SCCP, sequer cogitaram em raciocinar as T.O como um grupo nacional que engloba todas as torcidas organizadas, dos diferentes clubes e regiões.

Ainda que se considere apenas as pertencentes ao SCCP, verificou-se que não se cumpre os requisitos necessários para a formação de um grupo embora tenham sido identificado que as T.O possuem normativas próprias como o fato de fiscalizar, reivindicar perante o clube, viajar para assistir jogos, produzir a festa na arquibancada, não vaia os jogadores, não gritar gol antes do tempo, não usar as cores do clube rival, estas não possuem atribuições de hierarquia e funcionalidade. Não há membros que respondem pelas Torcidas do SCCP, ou ainda diretores para que confeccionem bandeiras desse possível grupo.

O que podemos verificar é que os torcedores organizados entendem que se distinguem dos demais, por frequentarem mais jogos e produzirem as festas na arquibancada, o que se

assemelha com o carisma grupal, há uma nítida demonstração no orgulho de pertencer a esta categoria de torcedores. Por fim, ainda que essas torcidas se encontrem nas arenas, as mesmas subdividem esse espaço delimitando onde cada uma irá permanecer, como cada uma irá se vestir e que cada uma cantará seus cânticos. Conforme foi verificado durante as pesquisas de campo:

Figura 12 Gaviões da Fiel no Estádio do Pacaembu



Fonte: Arquivo pessoal da Autora

Na imagem acima, a GDF encontrava-se proibida de adentrar ao estádio Pacaembu com suas bandeiras e faixas, no entanto os seus associados eram facilmente identificados através da camiseta que vestiam e do lugar em que se encontravam no estádio. A sanção aplicada em conformidade com o Estatuto do Torcedor, não produziu efetivos no desenvolvimento do controle das pulsões/emoções dos indivíduos mesmo com o tensionamento das teias de interdependência (ELIAS, 1992), pois ainda que não portassem seus instrumentos característicos eram identificáveis e houve a manutenção em prol das regras impostas pelo grupo (GDF) de torcer e comparecer ao estádio do que por aquelas proclamadas pelo Estado (suspensão).

Outro fator que evidencia que as junções das torcidas organizadas do SCCP não compõem um grupo social é que neste mesmo jogo a torcida Fiel Macabra não se encontrava punida e muito embora entoasse as mesmas músicas que os Gaviões da Fiel não permitiram que a bateria fosse tocada por membros que não fossem pertencentes a Macabra. Por outro

lado, a Camisa 12 não acompanhava a bateria e cantava suas próprias músicas, diferenciando-se também pelas vestimentas brancas.

Além disso torna-se evidente o fato de nem mesmo ser considerado um grupo pelo poderio estatal, pois vejamos o que se encontra descrito no Estatuto do Torcedor:

Art. 39-A. A torcida organizada que, em evento esportivo, promover tumulto; praticar ou incitar a violência; ou invadir local restrito aos competidores, árbitros, fiscais, dirigentes, organizadores ou jornalistas será impedida, assim como seus associados ou membros, de comparecer a eventos esportivos pelo prazo de até 3 (três) anos.

(BRASIL, 2010)

Note-se que a punição de suspensão ao comparecimento nos estádios é imposta a uma torcida em específico e não a um grupo de torcidas pertencentes aos mesmo clube ao falar “a torcida que [...]”, o que também se evidencia é pela suspensão do comparecimentos aos jogos pelo período de três anos imposta à Torcida Organizada Gaviões da Fiel por decisão do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, a pena aplica-se também a Camisa 12, a Pavilhão 9 e a Coringão Chopp e exclui a Torcida Fiel Macabra e a Estopim da Fiel. (JUSTIÇA, 2018). A este despeito o grupo emitiu a seguinte nota oficial:

Na manhã desta terça-feira (1), os Gaviões da Fiel estiveram presente na reunião com o 2º Batalhão da Polícia de Choque para tratar da liberação dos instrumentos e materiais das Torcidas Organizadas nos estádios do estado de São Paulo e formalizar, por meio de um Termo de Compromisso, as responsabilidades de ambos os lados.

Entretanto, fomos notificados no início da reunião que o Ministério Público de São Paulo acatou a decisão judicial do Rio de Janeiro a respeito da punição estabelecida às Torcidas até que seja julgada a ação civil pública ajuizada pelo MP-RJ. Sobre esta liminar, o jurídico dos Gaviões da Fiel já entrou com pedido de recurso e, nesse momento, aguarda a resposta da Justiça nas próximas semanas.

De qualquer forma, esclarecemos que os Gaviões da Fiel não assinaram o documento porque iremos resolver a pendência no RJ e também por não concordar com alguns pontos do documento que, na nossa avaliação, precisam ser discutidos com mais profundidade, como o Plano Preventivo de Segurança; a proibição de torcidas visitantes; e a análise individual das proibições/punições generalizadas às entidades e seus sócios.

Deixamos claro que gostaríamos de contribuir de fato com as medidas que garantam a segurança de torcedores ao mesmo tempo em que não se limite o direito de fazer a festa nas arquibancadas. Continuaremos na luta pelo nosso direito de torcer e adentrar nos estádios brasileiros com nossos instrumentos, faixas e materiais.

Os Gaviões da Fiel desejam a volta da festa, da alegria e da paz nos estádios. Acreditamos que quanto mais festa, mais bandeiras, mais cânticos e mais instrumentos, a violência deixará de existir no futebol. Acreditamos que sem proibições teremos mais alegria e festa nos estádios, pois foi assim que fizemos durante esses 48 anos de existência nas arquibancadas. (GAVIÕES, 2018)

Com a emissão da Nota Oficial exposta pelos GDF verificamos que há a discordância sobre as medidas impostas pelo Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro que foram feitas de maneira liminar, isto é, antes da sentença, nela consta que o departamento jurídico da entidade

irá impetrar com os recursos jurídicos necessários para a reversão da medida. Também ressaltam que não concordam com o Plano Preventivo proposto pelo estado de São Paulo especialmente no que tange as medidas da instituição de torcida única e a punição objetiva da torcida. Por fim, a GDF acredita que o fim destas ocorrências devem ocorrer a partir do momento em que forem permitidos a utilização de mais instrumentos capazes de se produzirem as festas nas arquibancadas, entre eles, os instrumentos, as bandeiras, os sinalizadores, aí depreende-se novamente a necessidade de compreender a regulação de um grupo social e sua interação não somente com outros indivíduos ou entidades mas também com os objetos.

Por fim, ao compreendermos que a Torcida Organizada do SCCP não constitui um grupo social, diferentemente dos GDF, reforçamos o entendimento de Alfredo Netto (2010) que percebe a junção de duas torcidas em face do policiamento assemelhando-se aos Outsiders. Se em um primeiro momento a GDF é um grupo que possui suas próprias normativas que regulam o indivíduo, de outro lado as torcidas organizadas consideradas como um todo não se constituem como um grupo coeso, com lideranças e representatividade durante a realização da partida, ao passo que o policiamento detentor dos meios de controle, possuem coesão, funcionalidades atribuídas aos seus membros podem representar os Estabelecidos.

Partindo do pressuposto encontrado por Alfredo Netto (2010) buscamos compreender se podemos identificar traços de sentimento de inferioridade, de situação de dominação, de estigmatização dos torcedores organizados como se esses fossem considerados anômicos, durante aplicação da entrevista na segunda pergunta também tivemos indícios disso, vejamos:

É uma forma de resistência, de tudo, ainda mais de tudo que a gente passa. (E o que vocês passam?) é o tempo inteiro apanhando de polícia, onde você form em qualquer cidade, qualquer jogo, qualquer coisa, é enfrentar, é o próprio Corinthians pagando a violência que eu sofro, no nosso estádio, eles falam que e nosso estádio, e pronto, porque quem paga é o Corinthians e não a gente vai porque gosta mesmo porque o próprio time o próprio clube não está nem aí pra gente porque quem está apoiando em todos os jogos é a torcida organizada.

(Entrevistado 1)

T.o assim, se você for fazer uma pergunta dessa para uma pessoa que não conhece, vai falar que torcedor organizado é vagabundo que não reconhece, mas não e só no GDF q existe ma minoria que se infiltra realmente ó para cometer esse tipo de delito.

(Entrevistado 3)

Ah hoje, ser t.o hoje no dia a dia é meio complexo né dos dois lados perante a mídia e perante a sociedade você é tratado como um lixo não como um torcedor.

(Entrevistado 4)

Os organizados se diferenciam no quesito participativo, Fazem rateio para viajar dividimos marmitas no ônibus, ficamos dias fora de casa, longe da família, sofremos opressões policiais esteja sol ou chuva estamos nos estádios em qualquer lugar do país, só para estar na arquibancada gritando SCCP.

(Entrevistado 9)

Um dos elementos que nos levam a afirmar essa intercorrência é que o grupo de policiais militares encontram-se mais estabelecidos do que os torcedores “Um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído” (ELIAS, SCOTSON, 2000 p. 20). Vale ressaltar que a estigmatização, na visão de Elias, ocorre com o transcorrer de um lapso temporal considerável e que são resultados de situações particulares, e estão atreladas também a postura dos policiais militares, que são detentores de um status social capazes de sujeitar grupos sociais desprivilegiados sendo capazes de interferir na autoimagem que estes possuem.

As ocorrências de atos violentos realizados por torcedores organizados auxiliam na compreensão da rotulação destes por parte de diferentes figurações, auxiliando na produção do estigma. A estigmatização compreende não uma pessoa específica, mas a perspectiva lançada à elas em face de diferentes ocorrências. A prática de atos violentos a outros grupos de torcedores organizados e aos policiais militares tem sido visto como uma prática comum aos integrantes das torcidas, o que faz com que muitos dos indivíduos pertencentes a este grupo não a questionem e muitas vezes acabem por aderir estas práticas, tornando-se um “desviante”. E ao comportar-se como um desviante, será considerado, na visão de Becker (1977) um outsider.

Note-se que não há a atitude desviante em si mesma, há a necessidade de uma dinâmica social em que há uma relação de atores (torcedores organizados/ policiais militares/ veículos de comunicação/ Poder legislativo) entre aqueles que atribuem aos outros o fato de desobedecerem às normas postas, sejam elas legais ou culturais, e aquele que é atribuído este rótulo. Aqueles que são rotulados, por sua vez, podem de acordo com Becker (1977) agir de diferentes formas, uma delas é a aceitação do estigma e a conduta desviantes, outros podem elaborar teorias diferentes sobre as regras postas, podendo até chegar a considerar o outro grupo como outsiders.

É importante esclarecer que o contexto estudado Becker (1977), distingue-se daquele de Elias (2002), ao estudar a categoria Outsiders considerando os traficantes e usuários de drogas, no entanto assemelham-se ao compreender esses indivíduos como anômico, isto é, alguém que não se espera que siga as regras impostas. Além disso em ambos os autores há a existência de agentes sociais que colaboram com a naturalização dessas diferenças sociais. Becker (1977) cita o exemplo de campanhas jornalísticas em face de algum grupo desviante em prol da segurança, esta atuação jornalística também foi citada pelo Entrevistado 04.

No entanto, para Becker (1977, p.15), o outsider “Pode não aceitar as regras pela qual está sendo julgado e pode não encarar aqueles que julgam competentes ou legitimamente

autorizados a fazê-lo” o ponto que diferencia dos Outsiders previsto por Elias (1992), é que neste a sociodinâmica da estigmatização faz com que esses se vejam, ou vejam seus pares, como seres anômicos e faz com que se sintam até certo ponto inferiores. Neste sentido passamos a compreensão da nossa terceira pergunta que visa compreender como os indivíduos veem a atuação do ente estatal com a finalidade da pacificação nos estádios. Para tanto indagamos: O que você acha das ações do governo na pacificação dos estádios e da torcida? Consideramos como categorias de análise: aceitação com resignação, aceitação considerando seu grupo como outsider ou a deslegitimação do Estado/ Poder Público.

Quadro 29- Análise da terceira pergunta feita aos entrevistados sobre a perspectiva Outsider: primeiro aspecto

Entrevistado	1	2	3	4	5
Aceitação com resignação	X	X	X	isso daí não vai diminuir a violência né? Isso aí é você acabar. A partir do momento que você não sai de casa você não corre risco de ser assaltado, então é a mesma coisa, não tem duas torcidas no estádio não vai ter violência	X
Aceitação admitindo o grupo como Outsider/ anômico	X	X	X	X	X
Deslegitimação/incompetência estatal	Como a gente andava protestando muito, sobre o ladrão de merendas, sobre várias questões e a gente começou a estender faixas sobre o governo, sobre a globo, a globo parou de filmar a gente, a globo a gente sabe que é totalmente a favor do governo, de direita e etc	Na verdade tudo isso aí é política, não vem de hoje, vou te dar um exemplo, o promotor Fernando Capez era uma das pessoas que mais lutavam contra as t.o ele tinha uma visão dele de que as t.o não era bom pro futebol. Se tornou dirigente do sccp através do cargo que ele	Sim, peguei tudo essa fase, na verdade a proibição é uma opressão né? O sistema, o Ministério Público ele impõem parte deles sem nenhum debate, sem nenhuma troca de ideias o Estado eles enfiam por guela abaixo	então o a própria segurança pública não tem esse poder, não tem essa capacidade de conter as torcidas, fazer com que cada uma siga seu caminho sem se encontrar né?	X

		tinha e depois virou deputado estadual, federal, agora o que vem agora Castilho, também, o que eles alegam não tem fundamento.			
Entrevistado	6	7	8	9	10
Aceitação com resignação	X	X	X		X
Aceitação admitindo o grupo como Outsider/ anônimo	X	X	X	X	X
Deslegitimação/incompetência estatal	É o atestado de incompetência do Estado.	Eles só fizeram isso porque é mais fácil de se fazer	Creio que essas medidas também não são eficazes, por exemplo torcida única. Brigas continuam tendo, mortes continuam acontecendo, brigas entre as torcidas rivais não são marcadas próxima aos estádios são a km e km longe do estádio em horário muito longe de ser o horário do jogo.	O ministério público acha que punindo o CNPJ da instituição vai acabar com as brigas e a paz vai reinar nos estádios... A prova de que isso não funciona são as brigas que existem em locais longe dos estádios. Um bando de muleque que não tem uma ideologia de torcida Pra mim são apenas baderneiros !! Por que não ir atrás deles ???	Ações do estado são completamente inúteis [...] O estatuto é feito por quem nunca frequentou um estádio. Não sabe que o jogo começa nos bairros, no deslocamento até o estádio, e no retorno pra casa. Ou seja, muito maior que proibições no local do jogo.
Entrevistado	11	12	13	14	15
Aceitação com resignação	X	X	X	X	X
Aceitação admitindo o grupo como Outsider/ anônimo	X	X	X	X	X
Deslegitimação/incompetência estatal	Atuação do Estado no sentido de pacificação é totalmente nulo, eles estão conseguindo matar o futebol, [...] Estado na verdade deveria ter pessoas de	Para te falar a verdade isso é balela, o poder público não quer acabar com a violência nos estádios [...] eu sou prova disso, porque além de torcedor uniformizado eu	Não existe pacificação na prática, pois não existe diálogo do poder público conosco.	nossa ideologia que eh bater contra um sistema corrupto e opressor	acho ineficaz, acredito que estão acabando com a alegria do povo que é torcer pelo seu time

	mais capacidade e conhecimento sobre o que é ser torcedor, sobre o que é ser torcida, e infelizmente são pessoas que estão lá com determinado status mas sem nenhum conhecimento.	sou trabalhador e sou advogado inclusive quando estava estudando tive aula com hoje em então deputado estadual FERNANDO CAPEZ (acusado de desviar dinheiro da merenda escolar) fui até o mesmo e propôs algumas sugestões para o combate da violência e ele nem deu ouvidos, e isso foi em 2004 e até hoje minhas ideias não foram ouvidas e acredito que seria muito importante para nós torcedores organizados.			
--	--	--	--	--	--

Note-se que a Teoria Elisiana proposta pela obra *Estabelecidos e Outsiders* não abarcaria a compreensão dos outsiders rechaçando o poder imposto pelos estabelecidos, buscando deslegitima-los, o que foi encontrado como resultado nas nossas pesquisas, levando-nos a socorrer-nos em outros autores. Ao contrário, para a Elias os outsiders aceitam essa imposição estigmatizadora e o reproduzem, ou ainda, apesar de não admitirem compreendem as atribuições impostas ao seu grupo como necessária, pois apesar de individualmente não praticar estas práticas, considera-as como usuais pelo restante dos seus integrantes.

Note-se que aqui, os torcedores apesar de admitirem que existem torcedores organizados que reproduzem atos de violência frisam que se constitui em uma minoria e buscam justificativas que expliquem estas intercorrências como sendo um reflexo social. Após a realização das entrevistas verificamos que todos os torcedores entrevistados em algum momento ofereceram críticas ao órgão estatal, tendo-o como ilegítimo por suas ações por não serem compostas por estudantes da temática, ou ainda, criticando as medidas como incapazes de alcançar o feito pretendido. Esse tipo de posicionamento assemelha-se com o que Becker (1977) prevê para o comportamento desviante/outsider, senão vejamos:

[...] Da mesma forma alguns dos que violam as infrações de trânsito não pensam que foram injustamente julgados. Quem cometa uma infração o trânsito geralmente aprova as regras que infringiu. Alcoólatras geralmente são muitas vezes ambivalentes, por vezes sentindo que aqueles que o julgam não o compreendem, outras vezes concordando que a bebida consumida é maléfica. No extremo alguns

desviantes [...] desenvolvem ideologias completas para explicar que estão corretos e porque os que o desaprovam estão errados.

Da análise das entrevistas, vemos que os t.o que são considerados um grupo desviante/outsider e acabam por desenvolver teorias que justifique sua contrariedade aos atos efetuados pelo Estado com a finalidade da pacificação no ambiente desportivo, entre elas se vê

[...] as brigas não acontecem aos arredores dos estádios e sim a quilômetros de distancia, eu sou prova disso, porque além de torcedor uniformizado eu sou trabalhador e sou advogado (Entrevistado 12)

Não sabe que o jogo começa nos bairros, no deslocamento até o estádio, e no retorno pra casa. Ou seja, muito maior que proibições no local do jogo. (Entrevistado 10)

Creio que essas medidas também não são eficazes, por exemplo torcida única. Brigas continuam tendo, mortes continuam acontecendo, brigas entre as torcidas rivais não são marcadas próxima aos estádios são a km e km longe do estádio em horário muito longe de ser o horário do jogo (Entrevistado 9)

Na verdade o Estado não faz nenhuma ação concreta de pacificação, ele pune para não gerar violência, entretanto a violência está fora do estádio e isso não acaba com nada. (Entrevistado 7)

Você acha que a violência não diminui? Só realoca (Entrevistado 04)

Um total de 05 entrevistados questionam a legislação por possuir limitação para os dias em que os jogos serão realizados e para as suas proximidades, dizendo que as práticas de atos violentos não ocorrem somente na estipulação cronológica e geográfica prevista pelo legislador. No entanto, não há afirmações de que dentro dos limites previstos a violência deixa de existir ou ocorre uma alteração no sentido de diminuir o número dessas ocorrências, seja devido ao menor número de práticas, seja porque houve uma alteração dessa violência que deixa de ser afetiva para ser mais racional, conforme sugere Dunning (1992).

Isto é, com a intensificação das cadeias de interdependência caracterizado pelo monopólio de violência estatal presente nos estádios com o policiamento e com o maior rigor penal previsto no EDT há o desenvolvimento de um certo autocontrole dos indivíduos para que manifestamente não realizem essas práticas nos dias de jogos e nos Estádios.

O reforço das teias de interdependência também pode ser visualizado com a previsão normativa de uma sanção à instituição prevista no artigo 39-A do Estatuto do Torcedor, em que se um torcedor associado à agremiação praticar um ato de violência, poderá ser penalizada do comparecimento aos jogos a torcida organizada, em até 3 (três) anos. Esta sanção, também foi alvo de crítica pelos T.O, vejamos:

[...] e essas proibições são armadilhas para que as organizadas percam sua força e deixem de ir aos estádios.... (Entrevistado 15)

Então a punição enquanto continua sendo para as entidades nada será resolvido, a punição tem que ser individualizada, pessoal porque você pune o setor da torcida organizada, você pune o clube, que não tem nada a ver com aquelas torcidas, o clube deixa de arrecadar e tudo mais, e pune aquelas pessoas de bem que não tem nada a ver com aqueles vândalos, com aquelas pessoas violentas e isso acontece na sociedade como um todo a violência está encrostada na sociedade não é somente no futebol e eles tentam de toda a forma fazer isso, eles proíbem a camisa, alegando que a camisa é patrocinada pelo crime organizado, proíbe as bandeira, os instrumentos, quer dizer, que o futebol que era do povo passou a ser do Estado. (Entrevistado 14)

O ministério público acha que punindo o CNPJ da instituição vai acabar com as brigas e a paz vai reinar nos estádios...(Entrevistado 9)

Eles só fizeram isso porque é mais fácil de se fazer, pune a entidade ao invés de punir o indivíduo. (Entrevistado 7)

na torcida organizada não é diferente, tem um pessoal que realmente é de briga, que realmente gosta da violência mesmo, mas você por uma minoria começar a exacerar uma maioria (Entrevistado 5)

Deste modo podemos visualizar que cinco entrevistados compreendem que a Torcida Organizada não deve ser punida devido a atos isolados, ou de determinado integrantes que compõem a torcida. Em que se pese às críticas realizadas por meio de uma punição objetiva (o mero fato de associar-se a torcidas) e o alerta quanto a possíveis mazelas desse tipo de normativa feitas por Buarque de Holanda uma das maiores referências nacionais sobre a temática, já aqui citadas. Percebe-se que esta previsão legal acaba por influenciar nas normativas do grupo, vejamos o que diz o Estatuto da Torcida Organizada:

Art 37 [...]

Parágrafo Primeiro – Caso a agremiação subsidiariamente responda pelos efeitos das penalidades impostas pela Lei 12.299/10 (Estatuto do Torcedor), fica o associado EXPULSO da agremiação, desde que, respeitados o que preceitua o artigo 14º do Estatuto.(GAVIÕES, 2011).

Note-se que o responsável pela sanção imposta à entidade será punido com expulsão, conforme preceitua o Estatuto da Agremiação, com a condição de que sejam atendidas as disposições do artigo 14 do Estatuto do Torcedor que determina às federações, o Poder Público e ao clube mandante a responsabilidade pela segurança do torcedor e:

I - solicitar ao Poder Público competente a presença de agentes públicos de segurança, devidamente identificados, responsáveis pela segurança dos torcedores dentro e fora dos estádios e demais locais de realização de eventos esportivos;

II - informar imediatamente após a decisão acerca da realização da partida, dentre outros, aos órgãos públicos de segurança, transporte e higiene, os dados necessários à segurança da partida, especialmente:

- a) o local;
- b) o horário de abertura do estádio;
- c) a capacidade de público do estádio; e
- d) a expectativa de público;

Torcida única		im	im	im	im				
Câmera / monitoramento									
Polícia meneto									
Puniçã o as T.O				im	im		im		im
Art 41- B do Estatuto	im			im		im		im	im
Proibiç ão das bandeiras e mastros		im	im	im					
Atuaçã o do MP	im	im	im						

Quadro 31: Análise da Terceira Pergunta feita aos Torcedores Organizados: medidas estatais sobre a pacificação nos estádios citadas pelos Entrevistados 10 ao 15

	0	1	2	3	4	5	Total
Torcida única		im	im				7
Câmera/ monitoramento		im					1
Policiam eneto							0
Punição as T.O		im				im	6
Art 41-B do Estatuto	im		im				7
Proibiçã							3

o das bandeiras e mastros							
Atuação do MP			im				4

Fonte: A Autora

Assim podemos estabelecer que entre as medidas tomadas pelo Estado na resolução da questão da violência que são enfaticamente lembradas pelos t.o são: Torcida Única (7 entrevistados), Artigo 41- B do Estatuto do Torcedor (7 entrevistados), Punição à entidade (6 entrevistados), Atuação do Ministério Público (5 entrevistados), Proibição das bandeiras e mastros (4 Entrevistados), Utilização de monitoramento extensivo (1 entrevistado), Reforço de Policiamento (não foi citado).

É importante mencionar que os jogos realizados entre clubes considerados rivais no estado de São Paulo ocorrem com a Torcida Única, onde somente os torcedores do clube mandante podem comparecer aos jogos. Esta medida foi proposta pelo Ministério Público do Estado de São Paulo representado por Paulo Sérgio Castilho e pela Secretaria de Segurança Pública do Estado, e vigora desde 2016 após um confronto entre torcedores Mancha Verde e da Gaviões da Fiel.

Os dados comparativos após um ano da sua implementação apresentado pelos seus proponentes demonstram o acréscimo de público visitante, o qual foi feito por uma média aritmética simples e não se levou em consideração outros fatores como o desempenho da equipe e o valor dos ingressos ofertados. Ademais, houve a diminuição da realização de escoltas e da quantidade de Policiais Militares nos estádios que reduziu de 234 à 153 e a redução na metade do índice de confronto entre torcedores organizados (SABINO, et al, 2018), o que vale frisar trata-se de dados oficiais e não necessariamente condizem com a realidade dos fatos já que foi observado durante o transcorrer das pesquisas de campo que nem todas as ocorrências de enfretamento corporal chegam ao conhecimento da segurança pública.

Por outro lado, os defensores do retorno aos clássicos com torcidas visitantes argumentam pela festividade do futebol, a existência daquela batalha fingida onde extrapolava-se o controle das emoções em que uma torcida buscava incentivar mais que a outra o seu clube, ou ainda, reproduzir uma violência não ritual através da entonação de cânticos ofensivos ou propagação de apelidos aviltantes.

A existência da torcida única também gera a possibilidade da existência de torcedores infiltrados na arquibancada do clube rival. Durante o transcorrer dessa pesquisa foi

identificado a existência desses que fotografavam a invasão e também foram divulgados atos de violência não ritual contra estes infiltrados.

Quanto ao artigo 41-B foi citado por possuir delimitação cronológica e espacial, além disso por não ser taxativo, vejamos:

eu não tinha parado para pensar no Estatuto que se você tiver portando uma garrafa de coca cola de vídeo nas proximidades do estádio, você toma uma cadeia maior do que quem tá portando uma arma de fogo, no trânsito, por exemplo, então o próprio torcedor organizado que muita gente acha que o estatuto é da ora, mas não é da ora mesmo porque vai contra a gente, o rigor o estatuto do torcedor é muito mais forte que dá própria lei e muita gente não tem conhecimento, não tem estudo não conseguem chegar ao entendimento disso daí, tem muita gente que não sabe direito o que é isso daí, que a única coisa que falaram que eu lembro direitinho é que você não pode xingar o juíza, não cara você não pode tomar uma coca cola de garrafa que vai se fuder (Entrevistado 1).

A punição às torcidas organizadas está relacionada com o artigo 39-A do Estatuto já analisado, a atuação do Ministério Público foi lembrada pelos Torcedores Organizados em especial as realizadas por Castilho e Fernando Capéz. Além disso foi lembrado a proibição das bandeiras de bambu e sinalizadores que já foram utilizadas como utensílios para provocar agressões físicas, mas que também compõem a “batalha fingida” entre as torcidas organizadas que disputam a produção da festa na arquibancada. A menção ao monitoramento por Câmeras também é uma medida prevista pelo Estatuto do Torcedor. Entre as atuações estatais em prol da pacificação não foi citado em nenhum momento a atuação do policiamento, seja ele pela realização de revistas mais criteriosas ou pelo acréscimo de agentes no ambiente desportivo.

Deste modo considerando as formas de atuação Estatal previstas por Elias em sua obra Processo Civilizador, buscamos compreender se os T.O identificam de alguma forma características relacionadas ao índices elaborados, quais sejam: a) O controle dos meios de força, b) Reforços das teias de interdependência, c) Centralização do Poder e d) Estabelecimento de Padrões Sociais. Vejamos:

Quadro 32- Análise da Terceira pergunta: formas de atuação estatal verificadas pelos Entrevistados 1 ao

5

<u>Forma</u> <u>de Atuação</u> <u>Estatal</u>	<u>Entrev</u> <u>istado 1</u>	<u>Entrev</u> <u>istado 2</u>	<u>Entrev</u> <u>istado 3</u>	<u>Entrev</u> <u>istado 4</u>	<u>Entrev</u> <u>istado 5</u>
<u>O</u> <u>controle dos</u> <u>meios de força</u>	[...] logo depois que a gente fez isso a Gaviões foi invadida, por que , aquilo de lá foi uma	X	X	X	X

	invasão, né, com o Alexandre de Moraes, foi onde ele apreendeu, faca de cozinha, feijoada, porque lá toda semana tem feijoada e almoço para os funcionários, como se aquilo fossem armas brancas.				
<u>Reforço s das teias de interdependência</u>	eu não tinha parado para pensar no Estatuto que se você tiver portando uma garrafa de coca cola de vidro nas proximidades do estádio, você toma uma cadeia maior do que quem tá portando uma arma de fogo.	X	[...] hoje em dia é muito fácil você ser preso, por qualquer motivo que seja	X	Na verdade as medidas que eles estão tomando são extremamente radical que é banir as torcidas organizadas das arquibancadas do futebol. [...] mas você por uma minoria começar a exacerar uma maioria você tirar a maioria do estádio por uma minoria
<u>Centrali zação do Poder</u>	X	Na verdade tudo isso aí é política, não vem de hoje, vou te dar um exemplo, o promotor Fernando Capez era uma das pessoas que mais lutavam contra as t.o ele tinha uma visão dele de que as t.o não era bom pro futebol. Se tornou dirigente do sccp através do cargo que ele tinha e depois virou	O sistema, o Ministério Público ele impõem parte deles sem nenhum debate, sem nenhuma troca de ideias o Estado eles enfiam por guela abaixo, eles ameaçam [...]	X	X

		deputado estadual, federal, agora o que vem agora Castilho			
<u>Estabelecimento de Padrões Sociais</u>	não xingar o juiz, o povo fica oooooo que é uma coisa que é da cultura de arquibancada [...] Não nenhuma pelo menos eu não me recordo disso, me recordo de muita gente falando sobre esse negocio de xingar, mas tipo tirando onda, tipo caralho não vou poder xingar	Eles querem torcida única num clássico eles querem restringir bandeira, sinalizador. [...] Porque uma fumaça você compra legalmente dentro de casa de fogos de artifício, não há lei pra isso, então o que nbo final do ano você pode soltar rojão na praia e no estádio você não pode.	X	[...] você acaba com o futebol, porque a partir do momento que você acaba com uma torcida tem dois times para jogar, acaba com a cultura da torcida. Daqui a pouco só vai ver um time jogar.	X

Fonte: A Autora

Quadro 33- Análise da Terceira pergunta: formas de atuação estatal verificadas pelos Entrevistados 6 ao 10

<u>Ao</u> <u>10Forma de</u> <u>Atuação Estatal</u>	<u>Entrev</u> <u>istado 6</u>	<u>Entrev</u> <u>istado 7</u>	<u>Entrev</u> <u>istado 8</u>	<u>Entrev</u> <u>istado 9</u>	<u>Entrev</u> <u>istado 10</u>
<u>O</u> <u>controle dos</u> <u>meios de força</u>	X	X	X	X	X
<u>Reforço</u> <u>s das teias de</u> <u>interdependência</u>	Resum em-se em supressão de direitos	ele pune para não gerar violência [...] pune a entidade ao invés de punir o indivíduo.	X	X	X
<u>Centrali</u> <u>zação do Poder</u>	X	X	X	X	[...] estatuto é feito por quem nunca frequentou um estádio.

<u>Estabelecimento de Padrões Sociais</u>	X	X	X	Se a polícia não fosse tão preguiçosa de investigar e ir atrás pra prender o baderneiro, hoje estaríamos fazendo a festa na arquibancada	X
---	---	---	---	--	---

Fonte: A Autora

Quadro 34 - Análise da Terceira pergunta: formas de atuação estatal verificadas pelos Entrevistados 11 ao 15

<u>Forma de Atuação Estatal</u>	<u>Entrevistado 11</u>	<u>Entrevistado 12</u>	<u>Entrevistado 13</u>	<u>Entrevistado 14</u>	<u>Entrevistado 15</u>
<u>O controle dos meios de força</u>	X	X	X	X	X
<u>Reforço das teias de interdependência</u>	Então a punição enquanto continua sendo para as entidades nada será resolvido, a punição tem que ser individualizada, pessoal porque você pune o setor da torcida organizada, você pune o clube, que não tem nada a ver com aquelas torcidas, o clube deixa de arrecadar e tudo mais, e pune aquelas pessoas de bem que não tem nada a ver com aqueles vândalos	X	X	X	.. E essas proibições são armadilhas para que as organizadas percam sua força e deixem de ir aos estádios.
<u>Centralização</u>	o Estado na	X	X	X	

<u>zação do Poder</u>	verdade deveria ter pessoas de mais capacidade e conhecimento sobre o que é ser torcedor, sobre o que é ser torcida, e infelizmente são pessoas que estão lá com determinado status mas sem nenhum conhecimento. quer dizer, que o futebol que era do povo passou a ser do Estado, ele interfere em tudo, quantos ingressos podem ser vendidos, como a torcida pode ir ou não ir no estádio então quer dizer você não pode simplesmente usar a camisa da torcida que você pertence				
<u>Estabelecimento de Padrões Sociais</u>	eles estão conseguindo matar o futebol, porque a rivalidade é que mantém acesa essa chama porque o futebol tem envolvimento emotivo, né?	X	X	X	X

Fonte: A Autora

Em um primeiro momento acreditou-se que os TOs ao tratar das medidas estatais e da forma que a veem iriam questionar sobre a atuação policial nos estádios, no entanto em resposta a terceira pergunta não houve qualquer menção ao policiamento, seja pela quantidade de policiais, seja por ostentar determinados equipamentos ou pela tratativa dispensada aos torcedores organizados. A única menção que podemos atribuir ao Estado agindo com o Monopólio da Violência é aquela citada pelo primeiro entrevistado:

[...] logo depois que a gente fez isso a Gaviões foi invadida, por que , aquilo de lá foi uma invasão, né, com o Alexandre de Moraes, foi onde ele apreendeu, faca de cozinha, feijoada, porque lá toda semana tem feijoada e almoço para os funcionários, como se aquilo fossem armas brancas.
(Entrevistado 1)

Note-se que a crítica feita não se trata dos policiais militares ou civis cumprindo sua função institucional e sim, do Ministério Público exercendo o poder de polícia em sua atuação. O fato narrado diz respeito ao ocorrido na data de 1 de abril do ano de 2016, onde o Promotor de Justiça acompanhado da polícia civil em cumprimento ao mandado expedido judicialmente adentra a sede da torcida em que foram recolhidos objetos suspeitos de serem utilizados no confronto entre torcedores (POLICIA, 2017).

Esclarecesse que a princípio a aplicabilidade da violência pelo Poder Estatal incumbe-se a aos militares, e é externado nas partidas de futebol pelo policiamento que deve garantir e preservar a ordem pública e a segurança dos torcedores, sendo possível que utilizem-se da força necessária e proporcional para reprimir qualquer ato que a as ponham em risco. Isto é o monopólio da violência traduz-se no uso legítimo da força (BRANDÃO, 2007). No caso narrado a força encontra-se em adentrar um estabelecimento particular para a consecução de uma ordem judicial que tem por escopo a garantia da ordem pública.

Assim compreendemos que os torcedores ao analisarem a atuação estatal entre os 15 entrevistados apenas um deles responde sobre a utilização do monopólio da força física exercido pelo Estado. Acredita-se que não se tem maiores questionamentos acerca da atuação estatal, pois, além de compreendê-las como necessárias há já uma internalização dessa forma de controle, conforme prevê Brandão

[...] a pacificação interna das sociedades faz com que seus indivíduos sejam “obrigados” a conviver pacificamente, transformando suas maneiras de agir. Ao terem essas maneiras observadas e também ao observarem constantemente – pois estão numa situação de controle social pacífico – o controle de seus semelhantes está criando o que Elias vai chamar de controle social. A partir deste controle o Código de Conduta, ou padrão de comportamento das pessoas é alterado lentamente, aumentando a necessidade de vigiar seu comportamento e modelando suas condutas pelos controles mais elaborados e sutis. Essas necessidades em policiar o próprio comportamento é o controle das emoções, o qual se transforma numa nova forma, em autocontrole quando já está internalizado na pessoa. (BRANDÃO, 2007 p. 183).

Ante ao exposto infere-se que os torcedores organizados submetidos a esse controle em prol da pacificação nos estádios com a detenção da força pelo monopólio estatal acaba por gradualmente “obrigar-se” a transformar sua maneira de agir ao tempo que é observados por estes (policiais militares), desenvolvendo um certo autocontrole e o seu baixos índices de críticas ou observações a esse despeito deve-se a normalização dessa situação já que é

corriqueiro entre os T.O a presença destes nos estádios e no acompanhamento de escoltas até o local de realização da partida.

Em um segundo momento buscamos auferir o que vamos chamar de “reforço de teias de interdependências” feitas pelo Estado o que empiricamente pode-se manifestar a partir da promulgação de uma lei mais severa, com a instituição de penas com maior rigor penal, nesse sentindo encontramos nas falas dos torcedores organizados

[...] eu não tinha parado para pensar no Estatuto que se você tiver portando uma garrafa de coca cola de vidro nas proximidades do estádio, você toma uma cadeia maior do que quem tá portando uma arma de fogo.
(Entrevistado 1)

[...] hoje em dia é muito fácil você ser preso, por qualquer motivo que seja
(Entrevistado 3)

Na verdade as medidas que eles estão tomando são extremamente radical que é banir as torcidas organizadas das arquibancadas do futebol.

[...] mas você por uma minoria começar a exacerar uma maioria você tirar a maioria do estádio por uma minoria (Entrevistado 5)

Resumem-se em supressão de direitos (Entrevistado 6)

[...] ele pune para não gerar violência [...] pune a entidade ao invés de punir o indivíduo. (Entrevistado 7)

Então a punição enquanto continua sendo para as entidades nada será resolvido, a punição tem que ser individualizada, pessoal porque você pune o setor da torcida organizada, você pune o clube, que não tem nada a ver com aquelas torcidas, o clube deixa de arrecadar e tudo mais, e pune aquelas pessoas de bem que não tem nada a ver com aqueles vândalos (Entrevistado 11)

[...] E essas proibições são armadilhas para que as organizadas percam sua força e deixem de ir aos estádios. (Entrevistado 15)

Um total de sete dos quinze entrevistados mencionam o reforço de teias de interdependência do ente estatal, esse reforço, é principalmente visualizado pelos torcedores organizados com a aplicação de penas privativas de liberdade “[...] você toma uma cadeia maior do que quem está portando arma de fogo” e da aplicação de sanções de forma objetiva à todos os torcedores organizados independente da efetiva participação dos atos. Ainda, das proibições o que vão chamar de “supressão de direitos” está ligada a proibição de adentrar aos estádios portando objetos que lhe são caros, aí novamente estudar como uma configuração representacional e se relaciona com coisas inanimadas.

Esse receio de ser penalizado por determinado ato tem como base o maior controle Estatal das “fontes do medo” que é estabelecido visando o efetivo controle social (ELIAS,

1994, p. 268 -9). Esse medo é representado de forma consciente ou inconsciente do indivíduo das consequências em caso de quebra das restrições impostas ao indivíduo.

Vale lembrar que esta constitui-se em uma característica do processo civilizacional que muito embora não tenha uma forma retilínea ou homogênea, possui uma direção específica, neste caso tendo como diretriz a busca da pacificação no ambiente desportivo. É, para Elias (1994), por meio dessas imposições e regras que visam o controle das pulsões e das fortes emoções do indivíduo que faz com que as sociedades subsistam, estabelecendo-se códigos de conduta e de comportamento que serão fiscalizadas por meio do controle social tanto por parte dos indivíduos quanto por parte do Estado e por fim desenvolverá o autocontrole que é a internalização desses padrões de conduta.

Nesse sentido infere-se que o Estado ao estabelecer uma normativa mais severa e geral desencadeou em uma maior fiscalização dos demais componentes do grupo àqueles que podem cometer atos que possibilitariam uma punição generalizada à entidade, essa fiscalização inclusive está expressa no Estatuto da Torcida e, que muito embora os torcedores deixem claro sua discordância, provoca reações na direção do estabelecimento de um autocontrole conforme prevê Elias (1994) ao menos em locais e datas que a norma contempla.

A categoria “Centralização do Poder Estatal” tem por referente também o transcorrer do processo civilizacional, pois, a atuação do Estado no desenvolvimento do autocontrole necessita em um primeiro momento da centralização e da interferência do ente aos diversos setores da vida do indivíduo, neste caso o futebol. Se retomarmos o caminho seguido por Elias para a compreensão desse processo vemos que parte das relações existentes na sociedade tida como guerreira, em sequência a feudal, absolutista e por fim a burguesa. Saliente-se que esse tipo de transição de uma espécie de sociedade para a outra não pode ser determinada com exatidão, é fruto de inúmeros processos. (ELIAS, 1994).

Para Elias o desenvolvimento dos costumes dos indivíduos deve ser entendido relacionando-se com os desenvolvimentos do Estado, exemplo disso é a transformação dos padrões da sociedade guerreira, primitiva, em que se havia muito pouco controle do indivíduo sobre suas emoções. Posteriormente, com a conquista de novos territórios, urgiu-se a necessidade de administração e controle das tensões, criando-se os feudos e o regime de servidão, mas os servos acabaram por se rebelar de seus senhores havendo a necessidade de um órgão capaz de regulamentar tudo isso: o Estado (ELIAS, 1993).

É o Estado durante a época absolutista que irá centralizar o Poder e conter as emoções dos indivíduos, em especial a disputa entre os nobres, com a instituição de tributações e o monopólio da violência estatal (ELIAS, 1993). Assim, Elias vai demonstrar como o Estado

através de processos direcionados vai estabelecer e controlar o poder visando o desenvolvimento do Autocontrole do Indivíduo.

O mesmo, pode-se interpretar ocorre no futebol, onde a princípio tratar-se ia de uma competição que seria desenvolvida no ambiente privado, viu-se a necessidade de uma intervenção estatal, centralizando o poder para si visando controlar os indivíduos que extrapolam no frígido de suas emoções. E esse controle é criticado pelos T.Os no sentido de tentar deslegitimar o órgão e o poderio Estatal.

Por fim, diretamente relacionado com o desenvolvimento do Poder Estatal e sua interferência no ambiente privado encontra-se a utilização de seu poder para o desenvolvimento de novos costumes ou o que chamamos de “padrões sociais”, esta forma de atuação estatal foi citada por cinco dos quinze entrevistados, vejamos:

não xingar o juiz, o povo fica ooooo que é uma coisa que é da cultura de arquibancada [...]

Não nenhuma pelo menos eu não me recordo disso , me recordo de muita gente falando sobre esse negocio de xingar, mas tipo tirando onda, tipo caralho não vou poder xingar. (Entrevistado 1)

Eles querem torcida única num clássico eles querem restringir bandeira, sinalizador. [...]
Porque uma fumaça você compra legalmente dentro de casa de fogos de artifício, não há lei pra isso, então o que no final do ano você pode soltar rojão na praia e no estádio você não pode. (Entrevistado 2)

[...] você acaba com o futebol, porque a partir do momento que você acaba com uma torcida tem dois times para jogar, acaba com a cultura da torcida. Daqui a pouco só vai ver um time jogar. (Entrevistado 4)

Se a polícia não fosse tão preguiçosa de investigar e ir atrás pra prender o baderneiro, hoje estaríamos fazendo a festa na arquibancada (Entrevistado 9)

[...] eles estão conseguindo matar o futebol, porque a rivalidade é que mantém acesa essa chama porque o futebol tem envolvimento emotivo, né? (Entrevistado 11).

Note-se que as críticas atribuídas ao Poder Público Estatal ocorrem no sentido de que estaria acabando com a “cultura da arquibancada”. Veja, o EDT proíbe a prática em tese de qualquer forma de violência e nela se inclui a violência verbal o que poderia desencadear na privação de liberdade de um torcedor em exemplo hipotético por “xingar o juiz”. Essa interferência estatal busca mudar ou interferir os costumes de um grupo em prol da pacificação nos estádios.

Outras medidas acusadas de “sepultar o futebol” é a realização de jogos com torcida única e a proibição de adentrar aos estádios com os instrumentos capazes de produzir o que os torcedores chamam de “festa na arquibancada”. Tal atitude estatal é criticada pelos torcedores

organizados, pois em princípio não são práticas capazes de ameaçar a integridade física de alguém ou ameaçar a ordem social.

Nesse sentido é importante esclarecer que compreendemos o jogo como uma atividade mimética, isto é, os torcedores comparecem às partidas em busca das tensões proporcionadas por ele gerando a Excitação sem colocar em risco a integridade física de seus participantes, para Elias (1992) esse tipo de atividade produz efeitos catárticos (curativo) liberando a tensão mental.

As atividades miméticas exercem papel fundamental no desenvolvimento do processo civilizador pois pode auxiliar na transformação de atividades explicitamente violentas (como o embate físico de componentes das T.os) para atividades controladas (disputa pela produção das festas das arquibancadas).No entanto, Elias (1992) faz um alerta sobre a possibilidade de a tensão ser demasiadamente elevada podendo gerar riscos aos torcedores e consequentemente a violência ritual acabe se tornando em não ritual daí decorre a necessidade do Estado regulamentar estas atividades.

Muito embora Elias não tenha mencionado a respeito através dos levantamentos desta pesquisa pode-se inferir que as baixas tensões também são capazes de proporcionar uma transformação dessa forma de excitação, gerando riscos a integridade física dos torcedores acreditamos que aqui faz-se necessário a reflexão.

Importante lembrar que a atuação do Estado exercendo um controle sobre esta atividade é fundamental e necessária. No entanto, verifica-se que os torcedores acreditam que essas séries de medidas estão “acabando com o futebol”, “sepultando a cultura da arquibancada”, veja através disso pode-se deduzir que as tensões procuradas por estes indivíduos na atividade de torcer estão reduzidas ao ponto de encontrar uma baixa quantidade, e as tensões são necessárias dentro de determinada limitação.

Então compreende-se que o controle dessas atividades deve por um lado ser exercido e por outro buscar um diálogo entre os torcedores (organizados ou não) para que em certa medida ofereça-se a possibilidade de algumas das medidas impostas serem liberadas, como sugeriu o próprio Ministério Público ao apresentar os dados acerca da torcida única que pode gerar na liberação das bandeiras de mastro e sinalizadores. Também tais conclusões pautam-se na nota oficial emitida pela GDF em que se acredita que irá ocorrer a diminuição da ocorrência de casos de violência se houver o que eles vão chamar de “festa da arquibancada” legalizando adentrada de instrumentos e bandeiras resguardada as devidas proporções.

Por fim, buscando um aprofundamento sobre o que se pensa os torcedores organizados associados a GDF sobre o EDT especificamente, perguntou-se o que esta normativa significa

para eles, consistindo em respostas mais específicas e diretas. Acredita-se que esta atitude deve-se ao fato de eles vivenciarem os efeitos do EDT mas parte deles não possuem a certeza do que lá está escrito. Veja-se em momentos anteriores os Torcedores já falaram sobre esta Lei e suas repercussões mesmo sem necessariamente saber que é gerado por esta.

A diferença do que se disse no transcorrer das demais perguntas sobre o Estatuto do Torcedor é que os entrevistados lembraram que a normativa também deveria prever direitos a eles, vejamos:

No Estatuto do Torcedor, temos uma espécie de prolongamento do Código de Defesa do Consumidor na área das práticas desportivas, na realização das partidas, e todo o procedimento e logística que tais eventos necessitam. Nunca é demais salientar que a lei procurou atingir toda modalidade de esporte que tenha acesso garantido ao público torcedor. (Entrevistado 11)

O estatuto do torcedor foi criado com uma filosofia boa (Entrevistado 12)

Era para garantir direitos e deveres (Entrevistado 13)

[...] eu em particular nunca li o estatuto do torcedor, mais deve ter coisas boas (Entrevistado 14)

[...] ali estão nossos direitos e deveres (Entrevistado 15)

Veja que cinco dos torcedores organizados compreendem o EDT por um aspecto positivo também lembrando que trata de uma norma que protege a parte hipossuficiente da relação, o torcedor-consumidor. É através dessa norma em que se atribui aos clubes mandantes as federações e ao Poder Público o dever de zelar pela segurança do Torcedor, também foi retomado direitos que os torcedores possuem como o ingresso gratuito às crianças e idosos e boas condições de higiene nos sanitários.

Por outro lado esses t.o vão falar que não se efetiva a norma na prática, questiona-se a aplicabilidade da norma, por exemplo, o ingresso gratuito para as crianças não é viável para os torcedores que residem fora do estado de São Paulo, já que o SCCP possui uma série de procedimentos para que o torcedor consiga valer-se de seus direitos.

Por outro lado, as críticas ao Estatuto vem sendo aquelas abordadas durante o transcorrer dessa pesquisa, há uma deslegitimação do Estado como órgão incapaz de prever medidas necessárias para a pacificação nos estádios, e pela normativa ter sido contruída sem meio de um debate em que estes pudessem opinar ou participar, esse tipo de crítica condiz com o comportamento desviante previsto por Becker (1977).

Os torcedores organizados, tal qual, os Outsiders de Elias (2002) também compreendem que em seu grupo há indivíduos que não seguem as normas estabelecidas, mas que, no entanto, ditam que a violência tem sido realocada. Isto é, ela não deixa de ocorrer ou

de ser praticada por indivíduos que a buscam como forma de excitação, mas elas são calculadas, redirecionadas para quando e onde o t.o e especialmente a Torcida Organiza não seja punida, note-se que há uma transformação da forma de violência ela passa a ser mais calculada/ racional do que afetiva.

A partir dos relatos apresentados é possível se verificar que houve uma diferenciação das normas do grupo com relação a pacificação nos estádios após a promulgação da norma, e muito se deve ao temor da punição da torcida organizada e de ser punido por esta do que propriamente ser processado e julgado criminalmente. Nesse sentido é importante destacar que isso não significa dizer o fim da violência relacionadas ao esporte e protagonizada por torcedores, mas o desenvolvimento do controle das emoções do indivíduo onde há incidência da norma (dias de jogos e arredores do estádio).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ante ao exposto têm-se que a proposta inicial estabeleceu como objetivo verificar a compreensão dos torcedores organizados associados a Gaviões da Fiel acerca das sanções impostas pelo Estatuto do Torcedor regulamentado pela lei 12.299 de 2010.

Visto que trata-se de uma norma promulgada pela entidade estatal visando a salvaguarda da integridade física de seus cidadãos, buscou-se num primeiro momento compreender como o Estado atua no desenvolvimento do autocontrole. Adotando-se a Teoria Elisiana selecionou-se categorias que poderiam nos auxiliar na resolução da problemática: a sociogênese, a psicogênese, o monopólio de violência estatal.

Para melhor compreender os sujeitos de pesquisa, recorreu-se novamente ao referente teórico e explicou-se como este entende a composição da sociedade, das configurações e por fim dos grupos.

Optou-se como procedimento metodológico a realização de um Estudo de Caso acerca da torcida organizada Gaviões da Fiel. Foi realizado um estado do conhecimento para compreender como e onde as torcidas organizadas vêm sendo estudadas. Também se realizou uma análise da conjuntura, visando evidenciar cenários, atores e polarização de forças encontradas durante o trâmite de proposição à publicação da norma.

Concomitante a isso foram feitas pesquisas de campo com a inserção da pesquisadora no grupo investigado desde o ano de 2016 a 2018, com 12 saídas a campo, e duração de mais de 200 horas em somatória desconsiderando-se o tempo utilizado para a realização de entrevista. Houve deslocamento da pesquisadora para as cidades de Curitiba, São Paulo, Salvador e Buenos Aires.

Após o levantamento teórico realizado e de forma concomitante as pesquisas de campo onde optou-se por realizar uma observação participante emergiram questões que poderiam auxiliar a pesquisador para que conclusa seu objetivo proposto, podendo elucidar

como os GDF compreendem as sanções previstas pelo EDT. Isto posto, elaborou-se a princípio um questionário aplicado à 50 (cinquenta torcedores) no jogo Corinthians e Santos no ano de 2017.

A partir desses resultados e do referencial teórico adotado elaborou-se uma entrevista a ser aplicada aos Torcedores organizados que foram aplicados a quinze sujeitos pertencentes ao grupo GDF que estavam associados a mais de dez anos e que possuíam representatividade para o grupo. Vale ressaltar que foi utilizado o método de seleção de amostra da bola de neve, partindo de um sujeito semente e utilizou-se dos critérios de saturação como critério para a finalização da aplicação de entrevistas.

Relacionando-se as entrevistas, o material de campo coletada, as análises de conjuntura e de estudo do conhecimento aliadas ao referencial teórico permitiram a resolução das indagações realizadas no princípio da investigação.

Entendeu-se que o questionamento sobre a violência que ocorre nos estádios tem como fonte os clamores da população e dos veículos de comunicação em prol de uma certa ordem social. Estes levantamentos levados ao Poder Público resultaram na promulgação da Lei 12.299 de 2010, oferecendo como resposta: o maior rigor às sanções impostas aqueles que cometem atos de violência, a responsabilização do Estado, das federações do clube mandante pela segurança do torcedor, a suspensão do comparecimento aos estádios da torcida organizada cujo os integrantes participassem de atos violentos. É importante destacar que o Estatuto traz consigo delimitações ao alcance de suas sanções estas só serão aplicadas se ato ensejador ocorrer dentro de um raio de cinco mil metros dos estádios e em dias de jogos.

Verificou-se também que a publicação e promulgação de normas é uma das formas pelas quais o Estado pode intervir no controle das emoções dos indivíduos além do monopólio da força física. É a partir daí que o indivíduo vai se moldando e também é moldado por aqueles que estão submetidos a mesma normativa, o que Elias vai chamar de psicogênese, o indivíduo irá incorporando esta norma como se fizesse parte de sua própria personalidade encadeando no seu autocontrole.

Estas categorias e a forma de atuação estatal foram centrais para compreender os dados empíricos, o que permitiu concluir que a promulgação do Estatuto do Torcedor tem contribuído para o desenvolvimento do autocontrole, ao menos no que tange as delimitações de aplicabilidade do EDT. Note-se aqui não se objetiva negar ou criar uma perspectiva otimista de que esta norma irá desencadear na pacificação social, mas compreender que dentro dos limites ao qual ela se propõe tem cumprido sua finalidade. No entanto os torcedores deixam claro e também foi acompanhado através da pesquisa de campo que elas

têm ocorrido de forma planejada onde há o encontro de “quebrada” contra “quebrada” na “quebrada”, buscando o que eles irão chamar de uma “trocação justa”.

Estes relatos vêm a demonstrar aquilo que Dunning vai narrar ao estudar o desenvolvimento do Rugby, que no início continham guerras fervorosas a busca pela luta e o enfrentamento corporal ao ser regulamentado instituindo-se limites. Logo os partícipes não deixam de praticar a violência, mas a praticam dentro dos limites do regulamento, dentro do patamar necessário para que o seu time não seja penalizado é a transformação de um tipo de violência afetiva/emocional, para outro planejado/racional. Compreendendo os efeitos que o EDT tem produzido no T.O então o que efetivamente esses pensam sobre o Estatuto?

Para finalizar essa questão é necessário compreender que os Gaviões da Fiel são um grupo isso porque preenchem os requisitos previstos por Elias (2002) ao analisar a cidade de Wiston Parva. Tal qual os habitantes da Zona 1 e Zona 2, estes possuem coesão, o carisma que é demonstrado através do sentimento do pertencimento, o ideal de “nós”, ainda buscam sua diferenciação daqueles que não compõem o grupo, possuem entre eles uma normativa própria e estabelece-se funções aos integrantes.

Necessário esclarecer que assim como os “Estabelecidos” de Elias (2002), dentro do grupo mesmo que se tenha coesão há diferenciação entre seus integrantes sendo que alguns possuem mais status que o outro. No caso dos GDF os grupos que possuem maior status são além de seus dirigentes os que compõem o departamento de bandeiras que nas palavras de um dos entrevistados são “aqueles que estão dispostos a dar a vida por suas bandeiras”.

E é considerando os torcedores organizados pertencentes à GDF como um grupo que se concluiu que estes estão ligados por características sedimentares evidenciado por: uma alta distinção dos cargos ocupados por homens e mulheres, a preocupação em observar e “cobrar” aqueles que não estão produzindo a festa na arquibancada a entoação de cânticos de exaltação a violência.

Em que se pese que a GDF se constitui em um grupo social, as T.O consideradas como um todo não o são, isso porque não coesão entre elas, não há uma liderança que responda por elas, prova disso, é que até mesmo o estado ao puni-las o faz individualmente. Então durante o transcorrer da partida o grupo anômico (Torcedores Organizados) podem ser considerados como Outsiders em polarização ao Estado representado pelos Policiais Militares. E a partir disso há sua reação contra as normas postas.

Diferentemente dos integrantes do “Beco dos Ratos” os T.O não aceitam a norma posta (EDT), trazendo consigo argumentos desfavoráveis a essa prática tais como a inconstitucionalidade, a privação de direitos no que tange aquilo que eles vão chamar de

cultura de arquibancada e por fim passam a buscar a deslegitimação do Estado alegando que “não foram ouvidos” ou que estas normas são produzidas e planeadas por indivíduos que não comparecem nas arquibancadas.

A partir deste estudo concluiu-se que o Estado atua com a utilização do monopólio da violência e com o reforço das teias de interdependência representados pelo rigorismo penal e estas ações contribuem para o desenvolvimento do autocontrole naquele ambiente. Esclarecendo-se que a norma a princípio cumpre com o que se propõe que é a intensificação do autocontrole dos indivíduos limitados aqueles ambientes e ao seu caráter temporal (dia de jogos). No entanto o supramencionado diploma legislativo, ignora a ocorrência das práticas que se pretende evitar em datas e locais diversos. Razão pela qual compreendemos que o legislador deve se atentar que as ações violentas não se extinguem, apenas, se realocam e as mesmas não devem ser consideradas de maneira isolada daquelas que ocorrem socialmente.

Acredita-se que deve ser consideradas outras formas de atuação estatal com o estabelecimento de novos padrões sociais, esses padrões sociais que se cita aqui é aqueles diferentes dos utilizados de maneira preventiva atualmente que é a proibição de sinalizadores e bandeiras de mastro, mas sim com a atuação preventiva, elaborando-se projetos considerando as particularidades de cada grupo e dialogando com estes.

REFERÊNCIAS

A, A. VASCONCELOS. **Nordestinando as Arquibancadas:** os cangaceiros alvinegros no universo das torcidas organizadas cearenses. 2016. Pós Graduação em Sociologia Universidade Federal do Ceará. Defesa: Ceará 2016 Disponível em http://www.teses.ufc.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=16638

A.F., SANTOS. **Torcidas Organizadas e Sociabilidade Juvenil no Nordeste.** 2009. Universidade Federal de Alagoas. Alagoas: 2009. Disponível em: <http://repositorio.ufal.br/handle/riufal/985>

AGUILERA TORO, Camilo. **O espectador como espetáculo:** notícias das Torcidas Organizadas na Folha de S. Paulo (1970-2004). 2004. 145p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000349734>>

ALVES, C, C. **Posso morrer pelo meu time:** a construção social da rivalidade clubística entre Grêmio e Internacional e a sua relação com as violências no futebol. 2014. Programa de Pós graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Defesa: Porto Alegre, 2009. Disponível em :<http://hdl.handle.net/10183/103914>

ASSIS, T.C.F. **A Representação Social da Violência em Torcidas Organizadas de Futebol.** Dissertação de mestrado, Curitiba, Pr. 2011.

BAGNI, Guilherme. **Cyberhooligans:** a manifestação da violência das redes sociais. 2016. 91 f. Dissertação - (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2016. <http://hdl.handle.net/10183/103914>

BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES. **Bdtd.** Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 16 mar. 2016.

BONIN, A. **Ações públicas e privadas destinadas ao combate à violência no futebol: o caso do jogo entre Coritiba Football Club e Fluminense Football Club.** 2012. <http://hdl.handle.net/101910>

CANALE, V. S. **Torcidas Organizadas e seus jovens torcedores: Diversidades e normativas do torcer.** 2012. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. Defesa: Campinas, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/275010>

CAPESTRANI, C. E. **A Festa como transgressão das torcidas organizadas: uma etnografia da torcida tricolor independente.** 2009. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Defesa: São Paulo, 2009. Disponível em <http://tede2.pucsp/handle/handle/4059>

CAPEZ, F. **Consentimento do ofendido e violência desportiva.** São Paulo: Saraiva, 2003.

CARVALHO, Sarah Tarcisia. **Pesquisa-ação em ciências da saúde: bibliometria e análise conceitual em teses e dissertações da Universidade de São Paulo.** 2012. 206 f. Tese (Doutorado) - Curso de Enfermagem Psiquiátrica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: . Acesso em: jul. 2016.

CASTILHO, P. S. **Ações Práticas e Propostas Legislativas de Combate a Violência no futebol. A Criminalização é o Caminho?** Brasília: Editora Executiva, 2010.

CHAVES, Al M A. **Pixadores e cores da torcida bar: significados sociais do ato de torcer por um time de futebol profissional em Manaus.** 2013. 110 f. Dissertação o (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013

DEFRANCE, J. O gosto pela violência. P. 233, in: GARRIGOU & LACROIX. **Norbert Elias: a política e a história.** Perspectiva, 1997.

ELIAS, N; DUNNING, E. **Deporte y ocio em el proceso de la civilizacion** Madrid, Fundo de Cultura Económica, 1992.

ELIAS, N. **Introdução a sociologia.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **A busca da excitação.** Lisboa: Difel, 1992.

_____. **A Sociedade de Corte** . Lisboa Difel, 1992.

_____. **A Sociedade dos Idíviduos.** Lisboa Difel 1994.

_____. **O processo civilizador: Formação do Estado e civilização;** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993. 2v

FEITOSA, Therença Santiago Alves. **Futebol, violência e a imprensa esportiva escrita na cidade de São Paulo (1990 2000)**. 2009. 131 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. /handle/123456789/10268

FENSTERSEIFER, A. C. B. **Produção científica sobre futebol: uma investigação do das dissertações e teses produzidas no Brasil**. 281f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016

GARRIGOU, A. LACOIX, B. **Norbert Elias: a política e a história**. Perspectiva, 1997.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do Futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOMES, L. F. et al. **Estatuto do Torcedor Comentado**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2011.

HANSEN.V. **Torcida Organizada os Fanáticos: Relacionamento e Sociabilidade**. 2007.Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Defesa: Curitiba, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1884/11395>

IGAMI, M. P. Z. **Elaboração de indicadores de produção científica** com base na análise cientométrica das dissertações e teses do IPEN. 2011.

LADEIRA, F. T. **A Criminalização das Torcidas Organizadas e Futebol**. 2009. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora: 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/2783>

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Sociologia geral**. São Paulo: Editora Atlas, 1999.

LOPES, F. T. **Discursos sobre violência envolvendo torcedores de futebol: ideologia e crítica na construção de um problema social**. 2012.

MAGNANI, J. G. C. Prefácio. In: TOLEDO, L. H. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

MICHAUD, Y. **A violência**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

MURAD, M. **Para entender a violência no futebol**. São Paulo: Saraiva, 2012.

NETTO, A.E.D. **A violência nos estádios de futebol na perspectiva dos policiais militares de Curitiba: um estudo de caso**. Dissertação de mestrado, Ponta Grossa, Pr. 2009.

NUCCI, G. S. **Leis Penais e Processuais Penais comentadas**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2010.

OLIVEIRA JUNIOR, C. R. **Meninos de rua ou de um beco sem saída?: um novo resgate**. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

OLIVEIRA, C. R. G. **Pixadores, torcedores, bate-bolas e funkeiros: doses do enigma no reino da humanidade esclarecida**. 2015. Universidade do Estado do Rio de Janeiro Programa: Programa de Pós-Graduação em Educação. Defesa: Rio de Janeiro 2015, Disponível em: http://www.bdttd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=8086

PALHARES, M. F. S. **Violência no futebol brasileiro: os discursos de torcedores organizados**. 2015. 284 f. Dissertação - (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2015.

PIMENTA, C. A. M. **Torcidas Organizadas de Futebol: violência e autoafirmação**. Aspecto da construção das novas relações sociais. Taubaté, SP: Vozes, 1997.

POLISEL, M. R. **Violência no Futebol**. Revista Brasileira de Direito Desportivo, ano 53, v. 4, n. 11, p. 14-40, jan./jun. 2007.

REIS, H. H. B. **Violência nos Estádios**. Revista Brasileira de Ciências Criminais. ano 16, n. 71, p. 326-327, mar. 2008.

RESENDE, Y. **Clássicos no Estado de São Paulo terão torcidas únicas até o final do ano**. São Paulo, 2016. Disponível em <<http://globoesporte.globo.com/sp/futebol/noticia/2016/04/classicos-em-sao-paulo-terao-torcida-unica-ate-o-fim-deste-ano.html>> Acesso em: 04.mai.2016

RIBEIRO, J. M. C. **Conflitos Territórios e Identificações: o encontro de experiências nas torcidas organizadas CEARAMOR e M.O.F.I.** 2010. Programa de Pós Graduação em Sociologia. Universidade Federal do Ceará. Ceará: 2010. http://www.teses.ufc.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4665

SABATEL, G. M. G.; ALVES, S. S.; FRANCISCO, M. V.; LIMA, M. R. C. L. **Gênero e sexualidade na Educação Física Escolar: um balanço da produção de artigos científicos no período de 2004 a 2014 nas bases do Lilacs e Scielo**. Pensar a Prática, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 196-208, jan./mar. 2016.

SANTOS, M. B. **Torcidas Organizadas de Futebol: um estudo sobre os impasses da lei em tempos de violência e anomia**. 2009. Mestrado em Psicologia, Universidade de Fortaleza. Defesa: Fortaleza, 2009. Disponível em: <https://uolp.unifor.br/oul/ObraBdttdSiteTrazer.do?method=trazer&ns=true&obraCodigo=83549>

SANTOS, V. C. A. DOS. **A produção discursiva da identidade social no contexto de uma torcida jovem organizada**. 2013. Universidade Federal de Pernambuco. Defesa: Pernambuco, 2013. Disponível em: <http://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/10268>

SCOTSON, J. L. ELIAS, N. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. Ed. 2000.

SILVA T, F da. **A bancada da bola no legislativo carioca: concepções, evidências e estratégias de uma representação singular**. 2013. Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-8M4H8T>

SOUZA, J. et. Al. **A sociologia Configuracional de Norbert Elias – potencialidades e contribuições para o estudo do esporte**. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbce/v36n2/0101-3289-rbce-36-02-00429.pdf>> Acesso em: 04.mai.2016 .

SOUZA. **Sociedade, Futebol, Torcidas Organizadas e Educação: da violência explícitas às contradições não evidentes**. 2014.

STAHLBERG, Lara Tejada. **Mulheres em campo : novas reflexões acerca do feminino no futebol**. 2011. 127 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011. Disponível em: <http://ufsc.hadle.hadle>

TEIXEIRA, C. R. **O “Estado da Arte”**: a concepção de avaliação educacional veiculada na produção acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Educação: currículo (1975-2000). Cadernos de Pós-Graduação – Educação, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 59-66, 2006.

TEIXEIRA. **Congregar, Congraçar e unir: a Atuação da associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (1981-1989)**. 2014. Dissertação – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós Graduação em História Social, Rio de Janeiro, Disponível em; http://www.bdttd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=9462

TOLEDO, L. H. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

TORCIDA, G.R.E.S.G.D.F. **Nasce a Gaviões da Fiel**. Disponível em <<http://www.gavioes.com.br/index.php/torcida/>>. Acesso em: 01. Out.2015.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2001.

Yin, R.K; GRASSI. D. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.

ZAFFARONI, E. R.et al.**Direito penal brasileiro: teoria geral do direito penal**. Riode Janeiro: Ed. Revan, 2003 vol. 1.

\

ANEXOS

Entrevistado 1

1-

Quando entrei no GDF entrei entendendo a Torcida como uma forma revolucionária, dentro do SCCP até do próprio contexto político. Com o passar do tempo, ganhou muita força dentro do SCCP o cenário do gaviões começaram a migrar dentro do Corinthians, a gente conseguiu tirar dois presidentes eleitos, ne, um foi o Waldi, outro foi oooo Dualib e isso me incentivou mesmo a entrar dentro do gaviões a força de reivindicação que a gente tinha dentro do clube mesmo a maioria não sendo sócio do clube, sócio ativo ou sócio de carterinha. Além disso a força da arquibancada que é muito bonito para quem está de fora olhar e tal e hoje em dia se falar para mim o que é ser gaviões é um símbolo de luta, no que eu mais luto, porque como é uma torcida muito machista, como muitas que a gente vê por aí, agente eu me entendo ali dentro como uma forma de reivindicar meu espaço porque a mulher não tem espaço ali dentro, a não ser para fazer uma ação social, ou qualquer outra coisa do tipo para lavar um banheiro, fazer uma comida, ou ser uma secretária. Tem muitas proibições e se proíbe até de ver o SCCP, e se a razão do GDF é o SCCP como proíbe o Gavião o corinthiano de ver o SCCP? É isso

1.1 Você falou em entrar pro GDF, como e a partir de que momento você pode falar eu sou GDF?

Então, eu frequento o GDF há vinte anos, eu não tenho carteirinha há vinte anos, minha carteirinha deve ter 15 anos, isso, ou menos no mínimo 13 anos, é isso 13 a 15 anos, e assim sempre que eu ia para jogo eu sempre ficava no gaviões, eu sempre ia de preto, na minha época de começar ir pra jogo, eu comecei a ir muito cedo, que eu nem morava aqui em São Paulo, eu lembro lá no Pacaembu que tinha uma cordinha, que separava s você tivesse com a camisa preta, não precisava nem ser do gaviões, poderia ser do SCCP mesmo, se não tivesse você não entrava aí você podia ver o jogo do lado dos gaviões junto com eles, então era uma coisa padronizada, daora, ver a torcida ali com as músicas, com os cantos, com toda a representatividade, me fez ir na quadra, ver mais de perto o que é era os gaviões de verdade e aí eu já era apaixonada, quando eu entrei dentro dos gaviões da quadra fiquei ainda mais, não era nem ensaio, não era nada, tava tendo um “botequim da fiel” que chamava na época, que tava tendo ali no cantinho do jogador, tiha uma meia dúzia de gato pingado, eu cheguei quer umas dez da noite e saí as 6 da manhã, tomando fogo paulista com a minha irmã, ali eu soube de muita coisa, ali foi um marco ali eu eu soube o que é ser gaviões, senti na pele o que é ser gavião, não só de tá na bancada para mim tá ali no local e saber de gente, po, eu aprendei, com gente que até hoje para mim é espelho, e que não frequenta mais lá, mas que te hoje para mim é espelho.

1.2 Você falou para mim de proibições, existe alguma coisa que você deixou que você queria fazer, ou coisas que você não quria fazer, mas acabou fazendo por participar dessa equipe grupo?

Sim por exemplo tem caravana que é proibido de ir mulher, é proibido pq é jogo de gerra que eles chamam e você não pode ir nem se comprar o seu ingresso, e ir de carro, rodoviária, comprar uma passagem, você sofre repressão, punições muito tensas tem a coisa que é puro machismo que a mulher não pode botar mão no material da torcida que a mulher não pode pega em faixa, nem bandeira, não pode tremular bandeira de jeito nenhum, não pode fazer nada, tem carra que se incomoda da mulher estar cantando na arquibancada, questão de roupa, de shorts, saia top, qualquer coisa eles já acham que você tá alí pra outra coisa, eu mesma, já abaixei a cabeça pra muita coisa, já enfrentei muita mulher ali dentro já falei, não tenho vergonha d falar isso aí não, porque Graças a Deus a Gente vai se desconstruindo, e demora para entender que cada um faz o que quer, mas que amenina está torcendo, que eu de calça jeans sofrendo de calor o tempo inteiro, hoje em dia não, eu boto o shorts mais curto que eu tiver que eu quiser ir e vou de top já não que

eu ainda, não estou preparada para isso, mas a vontade de ir para jogo não é só ir porque é proibido, mas é ir para jogo po, teve um ano que fui para todos os jogos, só não fui para São Januário (Que é onde é proibido?) sim onde é proibido, e tipo ano passado eu não fui porque o GDF estava punido por causa da treta que teve contra o Flamengo, que estava tenso, e no outro ano que eu queria ir eu estava grávida e aí eu que sei como é São Januario, também não ia querer ir e botar a vida do meu filho em risco, então, mas esse ano tá bem fácil de ir, va ter punição eu tenho certeza disso que vai ter punição mas tem que ir, eu não digo que eu tenho que ir, mas tem que quebrar essa barreira, eu acho que se ninguém quebrar, ninguém tem que ser mais do que ninguém e isso eu aprendi ali dentro, e que se eles tem esse lema, eles né, nós, lema de LHP eles não estão sendo leais com a gente, quanto a não deixar a gente ir a um jogo, humildesde tentar entender que nós sabemos se podemos ir a um jogo ou não e não estão tendo Proceder de gavião de entender que o gavião está ali por causa do SCCP e não por causa da entidade em si.

1.3 E você fala dessa questão de proibição existe relamente sanções para isso?

É expulso, (e não pode dizer que é mais gdf?) é expulso, até onde eu sei , não sei nenhuma menina que foi ainda, então o negócio por trás de ligarem, de fazer ameaça, e todo um psicológico por trás e é forte, cara e forte comigoqu conheço Deus e o mundo ali dentro, toda a diretoria, os caras fazem psicológico comigo por causa de coisas que eu solto no face, eu tenho certeza que se eu não apanhar na arquibancada eu já estou ganhando.

1.4 Você fala desses espelhos, seriam os líderes da torcida?

Os antigos, (não da diretoria) na atualidade nenhum da diretoria (São os que já foram) sim já foram e assim, lógico que tem como todo mundo tem seus e pros e ontras e hoje em dia, olhando o gdf de hoje e de dez ano atrás eu só consigo ter espelho de dez anos atrás, hoje em dia não tem espelho.

2 – E o que é ser t.o?

É uma forma de resistência, de tudo, ainda mais de tudo que a gente passa. (E o que vocês passam?) é o tempo inteiro apanhando de polícia, onde você form em qualquer cidade, qualquer jogo, qualquer coisa, é enfrentar, é o próprio Corinthians pagando a violência que eu soffro, no nosso estádio, eles falam que e nosso estádio, e pronto, porque quem aga é o Corinthians enão a gente vai porque gosta mesmo porque o próprio time o próprio clube não está nem aí pra gente porque quem está apoiando em todos os jogos é a torcida organizada.

3- Como é então o setor da organizada?

Bom a gente reivindicou, no estado novo lá na arena para tirar as cadeiras, lá no estádio o que foi atendido pelo SCCP, até aí então tudo bem, só que assim, na parte de banheiro, eu levo, meu filho pra o estádio, desde os dois meses de idade, eu quero trocar a fralda dele, a fralda do meu filho é trocada na arquibancada desde os dois meses, ele tem dois anos e um mês e eu já reivindiquei já mandei até para o clube e até para o e-mail da arena, aí fizeram até um espaço kids, onde fala mesmo? Ah lá onde tem os baheiros, o refeitório, fizeram um espaço kids e eu acho a pior coisa do mundo, porque quando eu estou levando meu filho para ele curtir, para ele entender o que é cultura de arquibancada, não para ficar brincando, se ele vai ficar brincando, eu levo no parque, no shopping para os lugares próprios para isso. Outra coisa que eu acho ruim é aaaaa, é a revista, né. (Como que ela é feita?) já teve vez de quererem revistar meu filho, a revista feminina, a masculina eu já vejo que é uma coisa absurda, eu nem falo sobre isso porque, eu não passo por ela, mas a femina poxa, e totalmente invasiva, te tocam nas partes íntimas, reviram sua bolsa, jogam no chão não pegam, e se pegam é “ada, anda, anda” é sempre muito constrangedor passar por uma revista que você quem banca né? (Você fala de revista, de policiamento, você já foi em outro setor?) já (teve diferença?) Muita (em qual setor você já foi) já assisti na leste e na oeste, na oeste que é o setor, um dos setor mais caros eu fui em todos só não fui no camarote para assistir jogos do SCCP e da Copa, lá eles quase não te revistam, eles só botam a mão na sua cintura e falam pode passar, pode passar, (Na Copa do mundo?) Não isso em jogo do SCCP, do SCCP, eu trabalhei na Copa, isso o SCCP só cedeu a arena então o SCCP não tinha nenhuma responsabilidade, era o governo que fazia a contratação, lá a orientação era diferente, na parte do camarote a gente via que como era famoso, delegações, nem revista tinha, existia seguranças armados e tal, mas não era para revista, nem nada era para a segurança dos caras, e no setor este, a revista para gente, para os crinthianos é bem mais, branda, bem mais. (E o policiamento durante o jogo?) Olha a PM germente invade nosso espaço na t.o, não importa se tem mulher, idoso, criança, deficiente, , vai com bomba, cassete, em qualquer faixa, qualquer coisa, qualquer faixa que a gente estenda que pode atingir o governo, a gente sabe que não é eles que é norma o governo, mas vem do governo isso “vai lá e desce porrada”

4. E como você entende que existem as ações governamentais em prol da pacificação, dos torcedores organizados?

Como a gente andava protestando muito, sobre o ladrão de merendas, sobre várias questões e a gente começou a estender faixas sobre o governo, sobre a globo, a globo parou de filmar a gente, a globo a gente sabe que é totalmente a favor do governo, de direita e etc, e tudo que a gente fez de protesto na frente da edificação e da assembleia e logo depois que a gente fez isso a Gaviões foi invadida, por que, aquilo de lá foi uma invasão, né, com o Alexandre de Moraes, foi onde ele apreendeu, faca de cozinha, feijoada, porque lá toda semana tem feijoada e almoço para os funcionários, como se aquilo fossem armas brancas, não tem o direito de ter uma faca dentro de casa, para cortar uma carne que estou portando uma arma branca? Alí tem cozinha é uma cozinha então não tem como é o que tem que uma pessoa me orientou esses tempos atrás e eu não tinha parado para pensar no Estatuto que se você tiver portando uma garrafa de coca cola de vídeo nas proximidades do estádio, você toa uma cadeia maior do que quem tá portando uma arma de fogo, no trânsito, por exemplo, então o próprio torcedor organizado que muita gente acha que o estatuto é da ora, mas não é da ora mesmo porque vai contra a gente, o rigor o estatuto do torcedor é muito mais forte que dá própria lei e muita gente não tem conhecimento, não tem estudo não conseguem chegar ao entendimento disso daí, tem muita gente que não sabe direito o que é isso daí, que a única coisa que falaram que eu lembro direitinho é que você não pode xingar o juiz, não cara você não pode tomar uma coca cola de garraf que aí se fuder (foi frisado por quem essa questão de juiz) isso foi frisado no jornal, se não me engano, que para mim é uma questão de manipulação, porque divulga uma coisa tosca tipo, não xingar o juiz, o povo fica oooooo que é uma coisa que é da cultura de arquibancada e daí o povo dá importância pra isso, e daí o povo não dá importância, isso é divulga-se uma coisa tosca, desvia atenção de outra que é aquilo que você precisa ou deveria saber (E na época, quando surgiu teve alguma mobilização dos torcedores ou da gaviões para não xingar) Não nenhuma pelo menos eu não me recordo disso, me recordo de muita gente falando sobre esse negócio de xingar, mas tipo tirando onda, tipo caralho não vou poder xingar, e dando risada, mas porque foi o que a imprensa deu destaque, não lembro de ter sido distribuído alguma orientação, eu tenho memória curta mas não lembro.

5- E para você o que ele significa essa vinda que é o EDT?

Que não defende o torcedor, para mim é isso, que quem fez, não sabe o que é cultura de arquibancada, que nunca foi para jogo que não entende nada, que não está em hora nenhuma defendendo a gente, vai eu vou pelo gaviões hoje nós temos mais de 110 mil associado, eles não escutaram 1 para elaborar o estatuto então, ele foi feito totalmente

pelos governamentais, pelas pessoas né que estão junto que para mim não vale nada, que para mim veio só para punir, não para me ensinar, (E teve alguma alteração em relação a violência) não porque a violência não é dentro do estádio e nem ao redor e nem ao redor do estádio falo isso porque o estatuto pune somente a violência nos estádios, ao redor.

1 A tipo Gaviões para mim é segunda casa, eu cresci como homem, eu aprendi a ser hoimem e fiz vários irmãos. Meus melhores amigos. Através dos gaviões eu conheci lugares maravilhosos é... ia com o Gaviões pra jogo. Basicamente isso, dentro do gaviões eu aprendi muita coisa, tanto que assim, defender a questão de ideologia o que é certo e o que é errado coisas que carrego comigo até hoje, tipo, não mexer com a mulher do próximo, não roubar o amigo , tipo o básico do que é o jeito correto de ser.

1.1 Quando você se viu como gavião

No começo eu ia pra jogo e via os gaviões como torcida do Corinthians, aí um amigo meu falou vamos faze ro sócio e eu fui junto, aí quando você vira sócio você vê a mil maravilhas você não vê o que é realmente a torcida, só a partir do momento que você passa a estar lá o dia a dia que você realmente vê Eu graças a deus peguei uma época que o gaviões não era dividido, hoje em dia tem quatro, cinco grupos, é... que você chegava no gaviões de sexta feira era ´popiucas pessoas, não tinha esse negócio de cada um para um canto, então você respirava, você vivia Corinthians, na véspera do clássico, você você viva em torno disso respirava você cantava um samba ou música do Corinthians, basicamente isso. Você conhece você passa a viver a essência dos gaviões quando você vive completamente.

Que ano foi isso?

1991, mas eu passei a viver intensamente foi em 1997 que comecei a frequentar assiduamente o GDF, saía do serviço sexta feira, só ia para casa na segunda feira, final de semana inteiro eu passava no GDF. Aí nesse período aí que eu ui convidado, a ajudar na tesouraria nos GDF, saía do serviço ia para o GDF, nunca tive ajuda de custo, fazia porque eu gostava, saía na sexta feira e já ia direto do serviço pro GDF, ficava no ensaio, e no jogo e assim ia.

2 E o que é ser t.o?

Então hoje eu vejo o t.o diferente de antigamente não por culpa de hoje. Hoje você não tem mais a cobrança de antigamente, antigamente para eu ser sócio eu tinha que ir em três reuniões, porque era rígido, entendeu, era de menor, não tinha muito conhecimento, hoje você fica sócio pela internet, hoje se você teve um amigo de um amigo você vira sócio, hoje se

você teve um conhecido e pega a ficha para você leva na sua casa você fica sócio sem nunca pisado nos GDF. Antigamente para você ter uma camisa você tinha que frequentar mais duas reuniões, reuniões rígidias com pessoas que sabiam o que é ser gaviões, pessoas que sabiam a história do gaviões. Hoje em dia qualquer um pode ser torcedor organizado, qualquer um fala em nome do GDF.

Como era as reuniões?

Quinzenal se não me engano, tinha um limite de nº limitado, os GDF estavam numa crescente muito grande então era limitado, você pegava uma ficinhinha e nessas reuniões contavam, a história do gdf, o que é agir como um gavião. Usar camisa oficial apenas em dia de jogo e nos estádios, enfim, ensinavam os básicos do gdf, mas so correto

3Como é o setor das T.o nos estádios?

Então hoje em dia com essas arenas, Itaquera é restrito, apenas o setor norte para as organizadas, aí elas se dividem, gaviões, camisa 12, p9 cada um tem seu setor específico, e quando o jogo é muito importante, libertadores, final de campeonato ou clássico elas se juntam para ter um canto só para não ficar uma canta uma música, cada uma canta outra e por aí vai.

Mas antes tinha essa disputa, de música de tudo?

Sempre teve e principalmente não GDF,mas camisa 12 e p9 sempre teve, de uma querer cantar mais que a outra, mas isso é bom para o próprio Corinthians, enquanto estiver jogando os noventa minutos vai ter alguém apoiando.

E você pegou essa transição de arenas divididas, reduzidas e torcida única?

Peguei peguei todas essas fases antigamente era aquela “quem pode mais, chora menos”, abria a bilheteria a venda de ingressos e você com sua torcida, quem chegasse primeiro comprava, Morumbi, diversas vezes mando do SPFC e palmeiras, sempre teve mais corinthiano e essa modernização do futebol isso foi ficando do lado, aí veio o negócio de 5% e aí hoje infelizmente clássico hoje em dia torcida única. Isso aí é decadência do futebol, uma culpa que as autoridades não querem assumir mas eles deveriam organizar se eles pegam o cidadão cometendo um delito, eles devem punir o cidadão e não a instituição qualquer que seja ela, e eles acham mais simples punir a instituição, obrigando ela a não ir no jogo.

E o que se pensa sobre esse cidadão?

A partir do momento que ele faz uma coisa que prejudica a sua torcida você tem que punir né?

Dependendo do ato ele tem que ser punido, ser expulso, ou suspenso, enfim, ele tem que pagar mas não a torcida pagar por um ato isolado de um de três, por isso a reunião é um ato importante que o indivíduo tem que ser bem orientado.

PO que o Estado/ governo tem feito na pacificação dos estádios?

Na verdade tudo isso aí é política, não vem de hoje, vou te dar um exemplo, o promotor Fernando Capez era uma das pessoas que mais lutavam contra as t.o ele tinha uma visão dele de que as t.o não era bom pro futebol. Se tornou dirigente do SCCP através do cargo que ele tinha e depois virou deputado estadual, federal, agora o que vem agora Castilho, também, o que eles alegam não tem fundamento. Eles querem torcida única num clássico eles querem restringir bandeira, sinalizador. É simples você pega uma t.o que pega um diretor e numera o bambu e coloca no bambu e essa pessoa é responsável e se nesse jogo tiver briga e quebrarem o bambu pra usar em briga ele vai se tornar responsável. É fácil, você vai lá no batalhão e pega o nome dos responsáveis pelo instrumento, e se arremessar ou qualquer coisa ele vai ser o responsável, é simples porque ninguém da torcida vai prejudicar o outro. Mas eles não querem ver isso onde um bandeirão faz mal dentro de um estádio, uma fumaça? Porque uma fumaça você compra legalmente dentro de casa de fogos de artifício, não há lei pra isso, então o que no final do ano você pode soltar rojão na praia e no estádio você não pode. A partir do momento que você solta, você tem que ser responsável por ele, assim que eu penso

Você conhece o estatuto do torcedor?

Já inclusive, sou contra porque essesedt não agrega em nada eles colocam vários empecilhos várias regras pro t.o mas não coloca um banheiro digno para mulher entrar você chega no estádio é lanche super caro, fila enorme para entrar, em qualquer uma dessas arenas fora isso o jogo forAS DE SP principalmente você é humilhado pelo policiamento você é revistado, aguarda horas e horas a boa vontade deles para poder entrar no estádio, chega atrasado e tudo isso o EDT não vê o lado do torcedor, só vê a parte que é importante para eles.

Alguma cartilha?

No começo como era algo novo, teve um manifesto alguns debates sobre o tema, só que Brasil né? Você acaba se acomodando e deixando para lá, e virou no que é isso que hoje está tanto é que se você for pegar o EDT criança não pode pagar, você tem que acabar pagando porque não funciona.

Entrevistado 03

Ser GDF é ser um algo a mais, um corinthiano a mais, eu sempre falo pros meus amigos assim, eu costumo falar para os meus amigos assim, porque muitos amigos me perguntam porque GDF? Porque alguns deles ou muitos eles largam vezes esquecem um

pouco o SCCP, mas o que eu tento passar para eles eu falo, as vezes minha posição de vida, de Corinthianismo que a GDF existe porque o SCCP existe, então o primeiro plano tem que ser o SCCP, eu gosto muito do GDF, aprendi muita coisa, convivi muito dentro do GDF, mas hoje eu prefiro ser mais sccp do que GDF. GDF para mim foi uma escola de vida mas é uma fase que para mim já passou.

Quando você se delcaraou sou gdf

Na verdade isso aconteceu num jogo Corinthians e Jaú no Pacaembu no ano de 1984, inclusive esse jogo foi 3 a 1 para o Corinthians e quando eu fui no tobogã quando eu olhei para arquibancada aquele mar negro só tinha duas bandeiras a torcida um pouco reduzida mas era uma torcida que cantava e que vibrava o tempo todo do jogo, e no tobogã não era aquilo, então era aquilo que eu queria para mim, eu queria estar cantando eu queria estar incentivando então eu procurei saber onde funcionava e como funcionava o gdf e eu fui para lá fui algumas vezes na época você tinha que assistir reuniões algumas vezes para você poder se associar eu assisti essas três reuniões e me associei aí ‘

Essas reuniões eles falavam muito de jogadores que passaram pelo sccp que quem gostava do Corinthians somos nós que jogador nenhum estava só de passagem, o comportamento em caravana o comportamento em estádio o que é comportamento em caravana? É você estar dentro da caravana não jogar lixo fora, é você se comportar não ficar ofendendo as pessoas na rua pra não ter problema com a PM, o comportamento dentro do estádio é cantar o tempo todo incentiva o sccp o tempo todo, não ficar de braço cruzado, incentivar o sccp. Você frequentava as três reuniões depois das 3 reuniões você poderia se associar e depois que você era associado você poderia adquirir uma camisa oficial do Gaviões da Fiel que a camisa da gdf é para usar em estado em dia de jogo, não para ir na feira comer um pastel naru, na quebrada, mas camisa oficial é uma farda é um manto sagrado que você deve usar na arquibancada

Assim quando eu comecei a usar a camisa quando eu comecei na torcida, eu me achava o super homem você coloca uma camisa, você nossa, era uma coisa assim que você sentia que poderia enfrentar tudo e todos mas uma coisa assim você poder usar uma camisa oficial é você ser um pouco mais corinthiano é você ir para uma caravana é saber que você pode estar ombro a ombro com sua torcida vibrando para seu time é um sentimento especial. É um sentimento que no meu entender no meu ponto de vista se perdeu. Pelo estatuto do Gaviões da Fiel é necessário ser associado para adquirir uma camiseta do gdf mas eu conheço quem tem e não é associado. Olha há sanção existia se você não seguisse as normas, as

normas são essas que falei, ser digno ser honrado ser fiel se você não seguir as normas você pode ser punido com suspensão e até a expulsão.

O que é ser t.o para você?

T.o assim, se você for fazer uma pergunta dessa para uma pessoa que não conhece, vai falar que torcedor organizado é vagabundo que não reconhece, mas não é só no GDF q existe a minoria que se infiltra realmente ó para cometer esse tipo de delito, mas no meu entender o motivo que leva alguém a ser T.o é ter um conhecimento maior do clube saber protestar, estar com meus amigos tomar uma cerveja é bater um papo uma ideia sobre SCCP para mim é um corinthianismo a mais.

Estado medidas de pacificação?

Vem essas opressões a modernização o futebol, Esse negócio de torcida única para decretar a falência do futebol. E você vê que contribui ou contribui em parte para a pacificação?

Eu acho que hoje existe uma contribuição maior, que é uma conscientização boa por parte do torcedor, eu acho que uma coisa que faz muita falta nas arquibancadas é as bandeiras de bambu eu acho que hoje em dia a t.o tem uma consciência que se liberassem novamente as bandeiras, os bandeirões, as faixas eu acho que seria muito difícil acontecer alguma coisa para prejudicar a torcida. Eu acho que essa conscientização já existe. E você chegou a pegar a fase de proibição das t.o? Sim, peguei tudo essa fase, na verdade a proibição é uma opressão né? O sistema, o Ministério Público ele impõem parte deles sem nenhum debate, sem nenhuma troca de ideias o Estado eles enfiam por guela abaixo, eles ameaçam e hoje em dia é muito fácil você ser preso, por qualquer motivo que seja. E na atualidade alguma ação por parte do Estado? Atualmente não, não tem nenhuma reunião, Antigamente tinha? Tinha reuniões com batalhão, promotor, E como eram essas reuniões? Quando era no batalhão iam representantes de todos os clubes de torcidas organizadas ia promotor, ia fazer uma troca de ideia, traçar as rotas do estádio. Atualmente é mais fechado geralmente só os presidentes o ministério público as torcidas que vão lá mas não vão longe. No batalhão era mais democrático? Sim era mais democrático as pessoas levavam a direção da torcida poderiam opinar e no batalhão tinha mais flexibilidade porque o batalhão é submisso ao sistema, ao mp. E é difícil de fazer alguma coisa.

Entrevistado 04

O que é GDF para você o que significa.

Pô o GDF faz parte da minha vida desde criança aquela época. “Mais ou menos quanto tempo?” Desde quando eu não andava no GDF não ia no GDF por causa de idade desde os 08 09 anos já admirava os GDF sempre eu já admirava o GDF com meu pai sempre que eu via na TV sempre ficava olhando e sempre com vontade de tá lá então quando eu comecei a frequentar os GDF por volta dos 14, 15 anos isso se tornou parte da minha vida, tem uma parte da vida que a GDF e 80% 90% dedicando ao GDF, vivendo isso, falando isso diariamente voltado para os assuntos da t.o ou do SCCP, então os GDF foi minha formação desde como pessoa me ajudou muito, tudo que eu faço hoje eu levo o gdf comigo, “O que é levar o GDF com você?” é a ideologia que foi passado pra gente levar o GDF no dia a dia ser correto ter ao índole caráter, amar o Cornthians, nunca usar a torcida nem o Corinthians para benefício próprio para mim o que é ser GDF. “A partir de que momento você viu e pensou não porra eu sou GDF?” ahh diversas situações que a gente fala não só indo para um protesto para um jogo longe, é ajudar outro corinthiano entrar pro jogo, ajudar uma criança ver que você faz a diferença num resultado do jogo acredito que é isso aí quando você falou eu sou? Foi um processo? Foi um processo no dia a dia, mas desde criança vendo jogo no caderno da escola já escrevia.

O eu é ser t.o para você

Ah hoje, ser t.o hoje no dia a dia é meio complexo né dos dois lados perante a mídia e perante a sociedade você é tratado como um lixo não como um torcedor porque torcedor parar para pensar é m cliente do futebol e você tem que que pensar que é a gente que paga o futebol e se você ver que toda a vez que for usado uma imagem para divulgar o futebol ver os vídeos geralmente o que eles mostram é a t.o então eles usam a gente para vender o produto deles mas não trata a gente como cliente.

O governo não vejo nada de incentivo do governo m busca da paz, em busca da legalização da festa né? Hoje em dia a tendência é retirar as pessoas do estádio, clássico com torcida única e jogos com portao fechado, isso daí não vai diminuir a violência né? Isso aí é você acabar. A partir do momento que você não saí de casa você não corre risco de ser assaltado, então é a mesma coisa, não tem duas torcidas no estádio não vai ter violência, então a própria segurança pública não tem esse poder, não tem essa capacidade de conter as torcidas, fazer com que cada uma siga seu caminho sem se encontrar né? Ficou mais fácil se parar pra pensar hoje em dia financeiramente, se você aceiar torcida visitante num clássico você diminui 50% do efetivo da polícia, você tem mais venda de ingresso você não tem aquelas cadeiras que são destinadas a divisão das torcidas que ficam vazias né? Então eles pensam só em business só em negócio, então tudo que eu vejo atualmente é só pensando politicamente em

receber alguma coisa ou fazer o nome. Você acha que a violência não diminui? Só realoca, e você acaba com o futebol, porque a partir do momento que você acaba com uma torcida tem dois times para jogar, acaba com a cultura da torcida. Daqui a pouco só vai ver um time jogar. Você vê um clássico como Bahia e Vitória você teve briga dentro de campo, aí você pega e fala não vai ter violência dentro de campo, só vai jogar um time é o que eles estão fazendo.

Entrevistado 05

O que é ser Gaviões?

Bom isso para mim é o aprendizado da minha vida, né? Todo que eu aprendi desde novo, desde pequeno acho que eu tinha uns 11 12 anos, com o passar do tempo muita coisa por causa de política lá a gente foi se chateando se afastando, mas em si o GDF na minha vida foi onde eu conheci meus amigos, minha família, meus parceiros que andam comigo até hoje, conheci o Brasil inteiro através de caravanas dos GDF proporcionava, viagem, o GDF para mim é algo que eu levo até hoje, hoje eu não frequento mais por motivos políticos mas o GDF na minha vida sempre foi muito importante “Como assim problemas políticos dentro dos GDF” isso é problemas políticos, a ideologia é outra o pessoal mais velho acabou se chateando com muitas coisas que aconteceu, o problema político lá é terrível lá querem o poder, querem ganhar dinheiro com torcida, a gente não a gente ia por que gostava e eu tive o prazer de participar do departamento de bandeira dos gaviões e aí já era uma rapaziada que estava na frente da situação mesmo, levava faixa levava bandeira para o jogo e o departamento de bandeira dos gdf sempre foi o espelho que passava a visão para a rapaziada que estava chegando e para você ser presidente ser diretor nos gaviões você tinha que passar pelo Departamento de bandeiras. O dp de bandeiras era uma rapaziada daora, aí problemas políticos muda o poder, muda a ideologia é sai uma rapaziada que não tem a ver com ideologia, entra

outra, e aí você vai desanimando nego quer poder, aí você vai vendo muita coisa errada e acaba é se afastando eu desde 2005 que eu não frequento mais os GDF, cheguei novo, cheguei muleque (quanto tempo mais ou menos) 2005/2006 aí teve todo o processo de rsj teve todo aquele esquema rsj fui para a rsj, então a ideologia que mesmo prevaleceu rapaziada daora, mas com o tempo também se perdeu muita coisa que aconteceu no Gdf para mim a RSJ começou a ser a mesma ideia, querer dinheiro, querer poder e você acaba desanimando, hoje em dia vou para o jogo com alguns amigo, tomo minha cerveja assito o jogo do SCCP mas de T.o eu não quero saber mais porque a nossa caminhada agora é outra, você acaba dando mais valor para família, você não quer saber mais de política poder nada disso, você acaba mais indo para o jogo com os amigos mas não dá aquela prioridade eu sempre vou para jogo não deixo de ir para o jogo do SCCP por não colar mais nno GDF, sempre vou tomar uma cerveja e encontrar a rapaziada “O que representava nos GDF ou ainda representa do dp de bandeira?” o DP no GDF é onde se criava uma rapaziada que ia dar sequência na ideologia dos gaviões, era um processo muito rigoroso que não era qualquer um que chegava, não era qualquer um que se envolvia, era um processo complicado não era qualquer um que ia. Realmente era um processo complicado, quem viveu sabe. “Você pode falar um pouco sobre esse processo?” então tinha a questão do batizado, de caravana, você ia e pegava um boi, um banheiro que a gente fala, aí não era qualquer um que ficava na ideia fechada, aí ficava um poquinho e já deixava, aí só ficava a rapaziada certa mesmo, e o intuito era fazer festa na arquibancada, levar a faixa dos GDF em qualquer lugar do Brasil é ficava o dia a dia na quadra vivendo intensamente era uma rapaziada que ia sempre junto, o dp de bandeira era quem ia ser o futuro do gdf, ia ser o futuro presidente, o futuro tesoureiro o futuro conselheiro, era uma rapaziada certa mesmo Era uma escola? Sim era uma escola para você ser um líder mesmo ajudar de outra forma mas aprender dessa forma, mas para o cara ser presidente dos gaviões da fiel eles teriam que passar pelo departamento de bandeiras a ideia era essa a essência era essa, mas hoje em dia mudou, mas antigamente o dp não era para qualquer um era para quem realmente fechava. “como você se viu GDF” foi na minha primeira caravana, até então eu ia para jogo, rapaziada, minha minha carteirinha, aí sou do gdf ia para jogo mas não ia com tanta frequência mais aí minha primeira caravana encontrei a rapaziada e naquele ritmo e nunca mais parei.

O que é ser t.o

É apoiar incondicionalmente o time em qualquer lugar, o t.o é aquele cara que realmente viaja que faz um esforço para ver o clube, o cara que dá a vida pelo time mesmo e

pois na hora que tem que apoiar, cobra na hora que tem que cobrar, fiscalizar na hora que tem que fiscalizar, isso é a função de um torcedor organizado, apoiar o clube e fiscalizar o clube para não deixar acontecer na arquibancada para não acontecer nada de errado. É isso que torcida organizada faz, hoje em dia está se acabando

Medidas governamentais?

Na verdade as medidas que eles estão tomando são extremamente radical que é banir as torcidas organizadas das arquibancadas do futebol. Clássico com torcida única é uma aberração, tá certo que tem violência nas torcidas organizadas, tem mas você vê ela em qualquer lugar, você vê na sociedade brasileira, você vê a violência no dia a dia você vê todos os dias e na torcida organizada não é diferente, tem um pessoal que realmente é de briga, que realmente gosta da violência mesmo, mas você por uma minoria começar a exacerar uma maioria você tirar a maioria do estádio por uma minoria é eu acho que o governo deveria tinha que garantir a segurança do torcedor, o torcedor teria todo o direito de ir para o estádio

Entrevistados Whats

Pergunta 1

Entrevistada 06

O GDF ao meu ver não é apenas uma t.o, um CNPJ. De uma forma direta ele é parte da minha essência. Toda definição que envolve sentimentos para mim é complexa para respostas exatas. O GDF é o que eu escolhi carregar para a vida toda. É uma entidade que se tornou definição de sentimento e que carrego independente do espaço físico. É ideologia. O próprio LHP – lealdade humildade e Procedimento. Hoje é saudade de um passado que se vai lá no além. Mas que entre erros e acertos tem suma importância no desenvolvimento das torcidas, coletivos e na redemocratização do país. Sem dúvidas a verdadeira demonstração de amor propiciada pelas bancadas e futebol.

Pergunta 2

No sentido legal não há diferença entre torcedor comum, de sofá ou organizado. O legislador elasteceu esse conceito. Agora no plano fático é aquele que se associa a alguma organizada. Em busca do fomento das festas nas arquibancadas e do resgate das tradições (futebol raiz). É a resistência e por vezes irracional.

Pergunta 4

Em ambos os casos são meramente ilustrativas. Não possuem eficácia plena, são inconstitucionais e resultam de acordo entre as partes (estado, clube, federações). Por serem medidas de curto prazo causam ilusão de efetivas, porém demonstram fragilidade e preocupação em torno do gigantesco problema social vivenciado. Resumem-se em supressão de direitos e que por sua vez não atacam o problema central. É o atestado de incompetência do Estado.

Entrevistado 07

Ser GDF para mim é ser um pouco mais torcedor do SCCP. Porqu ali você tem o privilégio de viver do clube que tanto amamos;

Pergunta 2

Ser torcedor organizado é ser um fiscal do time, é cobrar, e reivindicar é estar todos os momentos ai para o clube.

Perg. 4

Na verdade o Estado não faz nenhuma ação concreta de pacificação, ele pune para não gerar violência, entretanto a violência está fora do estádio e isso não acaba com nada. Eles só fizeram isso porque é mais fácil de se fazer, pune a entidade ao invés de punir o indivíduo.

Entrevistado 08

Ser GDf, para mim significa defender o SCCP, apoiá-lo incondicionalmente ser a torcida que joga junto com o time, que levanta as arquibancadas, que faz a festa para o povão e junto com ele. Ser GDF é acreditar e confiar sempre no clube. Ser GDF é também lutar por aqueles que tem poucas condições, ou quase nenhuma, e lutar pelo pobre, e muitas vezes contra o governo, seja por futebol, seja por causa social.

Pergunta 2

Ser t.o para mim é querer estar mais perto do SCCP é representar uma torcida na arquibancada em prol do SCCP ou representar o SCCP na avenida . Ser t.o é querer levar faixas bandeirões e ba

Entrevistado 09

Ser GDF é uma escola de vida onde não importa o grau de escolaridade, poder aquisitivo, se é negro, se é branco, amarelo, japonês africano, pequeno, alto, magro ou gordo Lá aprendemos primeiramente a nos respeitar como irmãos e a respeitar os outros,

Ser um gavião não quer dizer ser mais Corinthiano que ninguém, mas um verdadeiro Gavião vive o Corinthians

Pergunta 2

Ser torcedor organizado é participar mais ativamente dos jogos do SCCP. É torcer enquanto não acaba o jogo , mas é cobrar quando mal administrada ou por melhorias para o clube,.

É como falei, se diferencia dos torcedores comuns. Eles torcem e nós de organizada vivemos SCCP. O torcedor comum como falei é aquele que torce, vai aos jogos na arena ou nem vai ao estádio mas é corinthiano como todos os outros. Os organizados se diferenciam no quesito participativo, Fazem rateio para viajar dividimos marmitas no ônibus, ficamos dias fora de casa, longe da família, sofremos opressões policiais esteja sol ou chuva estamos nos estádios em qualquer lugar do país, só para estar na arquibancada gritando SCCP. Procuramos

seguir as tradições do clube e torcemos até o último minuto de jogo. Isso é torcedor organizado para mim.

4-o que você acha das ações do estado na pacificação dos estádios? E para as torcidas?

Minha opinião á respeito disso é que estão só enxugando gelo ...

Como todo setor da sociedade e suas funções, existem pessoas boas e ruins

Assim como tem torcedor organizado bom existem os ruins

Assim como existem policiais bons existem os ruins e assim segue em cada setor da sociedade

O ministério público acha que punindo o CNPJ da instituição vai acabar com as brigas e a paz vai reinar nos estádios...

A prova de que isso não funciona são as brigas que existem em locais longe dos estádios.

Um bando de muleque que não tem uma ideologia de torcida

Pra mim são apenas baderneiros !!

Porque não ir atrás deles ?!!

Se a polícia não fosse tão preguiçosa de investigar e ir atrás pra prender o baderneiro , hoje estaríamos fazendo a festa na arquibancada !

Vai adiantar o que prejudicando a entidade ??

O baderneiro continua na rua ☐☐♂☐☐♂

É só prender o marginal , essa seria a solução !

Aí acho que iria conscientizar as pessoas de irem na paz ao estádio

Exemplo :

O policial mata um inocente o que vai acontecer ??

Vai mandar fechar a polícia militar ?!

Vão proibir eles de trabalhar?!!

É isso !!

Aí dizem que as leis são pra todos ... Será meu Deus ?!!

5- o que significa o estatuto do torcedor para você?

No Estatuto do Torcedor, temos uma espécie de prolongamento do Código de Defesa do Consumidor na área das práticas desportivas, na realização das partidas, e todo o procedimento e logística que tais eventos necessitam. Nunca é demais salientar que a lei procurou atingir toda modalidade de esporte que tenha acesso garantido ao público torcedor,

mas na prática, isso significa quase que totalmente abordar o assunto do ponto de vista da prática do futebol e de seu respectivo público.

Isso seria na teoria ☐☐♂

O estatuto do torcedor é apenas um estatuto que só serve para seus deveres...

Direitos você não tem na prática Um exemplo disso é proibir nós de andarmos fardado com roupas das organizadas

Já cheguei na arena atrasado tipo no segundo tempo com ingresso na mão e policial mandar eu ir embora ...Ou as vezes seu ingresso está com algum amigo que por algum motivo já entrou e pediu pra você ligar pra ele quando chegar pra levar o ingresso na catraca pra você poder entrar ...Aí a polícia diz que se você não tiver ingresso em mãos não vai poder chegar na catraca pois eles fazem um cordão de isolamento antes de chegar na catraca ☐☐♂

Então chego a conclusão de que eu tenho direito de que ?!!O estatuto do torcedor só vale o que eles quiserem Nós torcedores somos discriminados , eles acham que somos todos marginais ☐☐♂ Por isso usam de suas funções para nos oprimir ou até mesmo humilhar ...

Isso tudo que eu disse é apenas uma visão como jogo de mandante !!

Ou seja

Jogos na arena do Corinthians

Pois se for numa visão estando em estádios como visitante ...

Só piora !!!

Entrevistado 10

Gdf e as T.O são o maior movimento popular do país, pois o interesse é apenas ideológico. Lá não se discrimina cor da pele, nacionalidade, escolaridade, nível salarial, credo, e tantas outras coisas que dificultam as amizades . O ser humano quer participar, se sentir valorizado, dando sua opinião, no Gaviões eu aprendi coisas inimagináveis de se discutir na escola e na família de uma forma clara e direta. Existe um código de amizade que se respeita e ideais compartilhados. GDF foi e sempre será minha segunda família.

Pergunta 2

Ser t.o é representar o verdadeiro Corinthiano da periferia com seus ideais, sua bipolaridade, ses defeitos, se fanatismo. Nunca tivemos a intenção de representar toda a torcida corinthiana mas o verdadeiro Corinthiano.

4- Ações do estado são completamente inúteis. Todos os avanços das ações dependem de nós, que com um pequeno entendimento e acordo conseguimos diminuir a violência. O estatuto é feito por quem nunca frequentou um estádio. Não sabe que o jogo começa nos

bairros, no deslocamento até o estádio, e no retorno pra casa. Ou seja, muito maior que proibições no local do jogo.

5- Era uma boa ideia como proteção ao elo mais fraco mas faltou diálogo exatamente com quem conhece o assunto, ou seja, o torcedor. Vem com interpretações falhas e com difícil entendimento. No final, pune o próprio torcedor.

Entrevistado 11

Ser Gavião significa ser independente. Ser reivindicatório, ser fiscalizador, ser sempre pelo certo em prol do grande Corinthians.

Pergunta 2

T.o é aquele que está incluído nesse movimento fiscalizador, reivindicatório e acima de tudo aquele que dá um apoio maior ao clube dentro de campo, porque normalmente ele acompanha ele cria um vínculo de amizade ele se enturma e acaba tendo uma facilidade maior de ir em caravanas e até mesmo em jogos maior dentro do nosso estádio.

P. 4

Atuação do Estado no sentido de pacificação é totalmente nulo, eles estão conseguindo matar o futebol, porque a rivalidade é que mantém acesa essa chama porque o futebol tem envolvimento emotivo, né? Essa energia ela extrapola todas as questões simplistas o Estado na verdade deveria ter pessoas de mais capacidade e conhecimento sobre o que é ser torcedor, sobre o que é ser torcida, e infelizmente são pessoas que estão lá com determinado status mas sem nenhum conhecimento. Veja o caso aqui em São Paulo os clássicos são torcida única e o problema não está no Estádio, o grande problema é que o Estado não faz sua parte, você vai em qualquer estádio tem trezentas câmeras e elas servem para que? Para nada? Então a punição enquanto continua sendo para as entidades nada será resolvido, a punição tem que ser individualizada, pessoal porque você pune o setor da torcida organizada, você pune o clube, que não tem nada a ver com aquelas torcidas, o clube deixa de arrecadar e tudo mais, e pune aquelas pessoas de bem que não tem nada a ver com aqueles vândalos, com aquelas pessoas violentas e isso acontece na sociedade como um todo a violência está encrostada na sociedade não é somente no futebol e eles tentam de toda a forma fazer isso, eles proíbem a camisa, alegando que a camisa é patrocinada pelo crime organizado, proíbe as bandeira, os instrumentos, quer dizer, que o futebol que era do povo passou a ser do Estado, ele interfere em tudo, quantos ingressos podem ser vendidos, como a torcida pode ir ou não ir no estádio então quer dizer você não pode simplesmente usar a camisa da torcida que você pertence, quando na verdade a torcida organizada é identificada é coisa que facilita até no sentido de busca de algum fato de que algum elemento tenha praticado eventualmente, principalmente no

estádio, mas mesmo na rua ele pode ser identificado se usando material da torcida e hoje com as câmeras de uma maneira geral instaladas na cidade e fica facilitado para procurar os indivíduos na torcida

Entrevistado 12

O significado de ser GDF é lutar, é torcer, vibrar pelo mesmo ideal que meus irmãos lutam, ou seja, estar presente no dia a dia nas questões relacionadas ao nosso amor maior que é o SCCP, tanto na vida política, administrativa ou qualquer setor do clube, pois os GDF nasceu para poder fiscalizar. Também posso dizer é fazer o espetáculo como nenhuma outra t.o em qualquer estado desse país ou do mundo.

Pergunta 2

Ser t.o é torcer de corpo e alma, o seja temos um ideal que é apoiar o nosso clube em qualquer situação e nós do GDF pregamos isso e vocês podem ver isso JAMAIS iremos abandonar o nosso clube ou vaiar durante os jogos, agora após aí sim a cobrança vem grande, caso os jogadores ralem a bunda no chão (desculpe a expressão chula)

- o que você acha das ações do estado na pacificação dos estádios? E para as torcidas?

Para te falar a verdade isso é balela, o poder publico não quer acabar com a violência nos estádios, prova disso é a torcida única nos clássicos, as brigas não acontecem aos arredores dos estádios e sim a quilômetros de distancia, eu sou prova disso, porque além de torcedor uniformizado eu sou trabalhador e sou advogado inclusive quando estava estudando tive aula com hoje em então deputado estadual FERNANDO CAPEZ (acusado de desviar dinheiro da merenda escolar) fui até o mesmo e propôs algumas sugestões para o combate da violência e ele nem deu ouvidos, e isso foi em 2004 e até hoje minhas ideias não foram ouvidas e acredito que seria muito importante para nós torcedores organizados.

5- o que significa o estatuto do torcedor para você.

O estatuto do torcedor foi criado com uma filosofia boa, mas infelizmente aqui no Brasil nada é cumprido, as leis se tornam vagas e aos poucos vão caindo no esquecimento, isso sem contar que o que abrange o estatuto não está no dia a dia do futebol brasileiro e posso dizer no esporte no geral.

As condições dos estádios são horríveis, não temos o mínimo de condições os banheiros, lanchonetes não.

Entrevistado 13

Assim como o Corinthians, faz parte da minha vida, minha história é uma escola para vida toda;

Pergunta 2

É viver em um coletivo, vivemos e fazemos amizades e criamos uma irmandade dentro da torcida organizada. Ser torcedor organizado é viver um pouco mais perto do clube de coração. Não somos melhores, mas apenas frequentamos mais jogos.

Existe pacificação? Tudo que vivemos até agora foi imposição, plantam violência para colher ódio. Não existe pacificação na prática, pois não existe diálogo do poder público conosco.

5- o que significa o estatuto do torcedor para você?

Era para garantir direitos e deveres, mas é cheio de falhas e perseguições..

Entrevistado 14

Ser Gaviões para mim é muito mais que uma camisa, uma carteirinha é você entender o que os fundador, os nego veio deixou de legado é seguir uma ideologia é amar o Corinthians acima de tudo.

Pergunta 2

1 Fazer parte dos gaviões pra mim eh muito mais doque usar uma camisa fazer uma carteirinha , e sim intender oque os fundadores os nego veio deixou de legado eh seguir uma ideologia eh amar Corinthians antes de tudo

2 O setor da organizada eh um lugar onde tem de tudo um pouco, tem médico do lado do desempregado , juiz e advogado do lado do ladrão onde tem várias idéias várias opiniões mais um único ideal que eh seu time

3 Ser torcedor organizado eh fazer parte de um grupo onde vooce se identifica mesmo sem conhecer quem tá do seu lado vooce já saber que ali vooces tem um assunto em comun que pode começar uma conversa e já criar uma amizade

4 Eu acho estranho um estado buscar a paz em forma de guerra, não querem criar uma paz no diálogo num bom senso e siim através de ameaça tentando impor respeito em forma de medo, e por parte da torcida organizada "verdadeira" não se deixa que essas supostas ameaças interfiram na nossa ideologia que eh bater contra um sistema corrupto e opressor , diferente de torcidas que se deixam levar pelo medo e acata tudo oque o sistema diz

5 eu em particular nunca li o estatuto do torcedor, mais deve ter coisas boas lá mais na prática oque nós torcedores vivemos é uma barreira que nós sempre tem que passar por cima pra poder torcer. Ser torcedor organizado e fazer parte de um grupo onde você se identifica mesmo sem se conhecer quem está do seu lado você já saber qe ali tem um assunto em comum que pode conversar uma conversa e já pode começar uma amizade

Entrevistado 15

Ser Gaviões é uma escola de vida é um orgulho dizer que faço parte dessa entidade .

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
PONTA GROSSA - UEPG



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CONTROLE ESTATAL DA VIOLÊNCIA NOS ESTÁDIOS: COMPREENSÃO DOS ASSOCIADOS DA GAVIÕES DA FIEL.

Pesquisador: LUANE GUARNERI AZAMBUJA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 79528817.8.0000.0105

Instituição Proponente: NUCLEO DE ESTUDOS DE SAUDE PUBLICA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.364.392

Apresentação do Projeto:

CONTROLE ESTATAL DA VIOLÊNCIA NOS ESTÁDIOS: COMPREENSÃO DOS ASSOCIADOS DA GAVIÕES DA FIEL. O presente estudo possui como objetivo identificar a compreensão dos torcedores organizados associados a Gaviões da Fiel sobre as medidas punitivas previstas pelo Estatuto de Defesa do Torcedor das alterações do Estatuto de Defesa do Torcedor promulgadas no ano de 2010. Para compreensão do objeto será utilizado o referencial teórico-metodológico Sociologia Configuracional de Elias (1980), quanto aos dados empíricos coletados através de observação participante e da realização de entrevistas semi estruturadas será utilizada Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977)

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Objetivo geral: Identificar a Compreensão dos Torcedores Organizados da Gaviões da Fiel acerca das medidas punitivas previstas na Lei 12.299 de 2010.

Objetivo Secundário:

a) Explicar a Constituição do Estado e o Exercício do monopólio de Violência. b) Compreender a

Endereço: Av. Gen. Carlos Cavalcanti, nº 4748. UEPG, Campus Uvaranas, Bloco M, Sala 100.
Bairro: Uvaranas **CEP:** 84.030-900
UF: PR **Município:** PONTA GROSSA
Telefone: (42)3220-3108 **E-mail:** coep@uepg.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
PONTA GROSSA - UEPG



Continuação do Parecer: 2.364.392

Constituição de Grupos sociais.c)Identificar as normas que regulamentam o futebol, especialmente a lei 12.299 de 2010.d)Descrever a constituição da Gaviões da Fiel e seus membros

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Infere-se que a pesquisa não apresenta riscos significativos, tendo em vista que a coleta dos dados será através de entrevistas, sobre um assunto que está presente no cotidiano dos entrevistados. Contudo, os sujeitos têm o direito de recusar-se a falar caso sintam-se em situação incomoda.

Benefícios:

A pesquisa não beneficia os indivíduos de maneira direta, mas de maneira indireta, pois corroborara para o debate acerca da necessidade de políticas públicas voltadas ao ambiente desportivo

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O presente estudo possui como objetivo identificar a Compreensão dos Torcedores Organizados da Gaviões da Fiel acerca das medidas punitivas previstas na Lei 12.299 de 2010. Indaga-se: Qual a compreensão dos torcedores organizados associados a Gaviões da Fiel (sede São Paulo- SP) sobre as medidas punitivas previstas no caso de práticas de atos de violência física no Estatuto de Defesa do Torcedor promulgadas em 2010? Para que se possa cumprir o objetivo estabelecido, a pesquisa consistirá em um estudo de caso, no qual será entrevistado integrantes da Torcida Organizada Gaviões da Fiel. Com a instrumentalização de perguntas semiestruturadas de cunho qualitativo. Para compreensão do objeto será utilizado o referencial teórico-metodológico Sociologia Configuracional de Elias (1980), quanto aos dados empíricos será utilizada Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977).

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Em anexo e de acordo com as normas 466

Recomendações:

Solicita-se que ao final do projeto seja enviado o relatório final via plataforma brasil por

Endereço: Av. Gen. Carlos Cavalcanti, nº 4748. UEPG, Campus Uvaranas, Bloco M, Sala 100.
Bairro: Uvaranas **CEP:** 84.030-900
UF: PR **Município:** PONTA GROSSA
Telefone: (42)3220-3108 **E-mail:** coep@uepg.br